



Memorial

Marli Quadros Leite

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Marli Quadros Leite

Memorial apresentado para concurso de Professor Titular,
da Área de Língua Portuguesa, junto ao Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculos, da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 2013



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: **João Grandino Rodas**

Vice-Reitor: **Hélio Nogueira da Cruz**

Pró-Reitora de Graduação: **Telma Maria Tenório Zorn**

Pró-Reitor de Pós-Graduação: **Vahan Agopyan**

Pró-Reitor de Pesquisa: **Marco Antonio Zago**

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária: **Maria Arminda do N. Arruda**



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor

Sérgio França Adorno

Vice-Diretor

João Roberto Gomes de Faria

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe de Departamento

Marli Quadros Leite

Chefe Suplente

Paula da Cunha Corrêa

Sumário

Pessoalidade	7
Resumo da ópera	9
Abertura	10
I – Primeiro ato: a formação em Conquista	
A Graduação e o envolvimento com o Ensino Fundamental e Médio	16
O início da carreira universitária e a transição Bahia/São Paulo	
II – Segundo ato: formação e profissão em São Paulo	
O mestrado	21
A monitoria no NURC/SP: vínculo indelével	23
O doutorado	24
A carreira na USP: o início	27
Impulsionando a carreira	
O primeiro pós-doutorado	28
O segundo pós-doutorado	31
A docência: graduação	44
Disciplinas ministradas	
Orientação (IC)	53
A Docência: pós-graduação	
Disciplinas ministradas	55
Formação de pessoal	60
Mestrados concluídos	61
Mestrados em curso	66
Doutorados concluídos	66
Doutorados em curso	69
Pós-doutorado	70
A Pesquisa	72
A pesquisa da linha 1	
Projeto NURC/SP – Núcleo USP	72
A. Publicações concernentes	
B. Orientações concernentes	
LEI / Diversitas: Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos	77

A pesquisa da linha 2	
Projeto de Produtividade em Pesquisa (PQ-CNPq) – 1ª fase	80
Uso e norma em gramáticas portuguesas	
Projeto de Produtividade em Pesquisa (PQ-CNPq) – 2ª fase	94
Uso e normas em gramáticas brasileiras	
Publicações	98
Livros	
Organização de livros	
Capítulos	
Artigos em anais	
Artigos em periódicos	
Artigos no prelo	
Tradução	
Capítulos no prelo	
Participação em bancas e comissões julgadoras	104
Bancas	
Comissões julgadoras	
Extensão	117
III – Terceiro ato : gestão acadêmica	
A Coordenação da Área	121
A Coordenação pelo DLCV	122
A Presidência da Comissão de Graduação	125
A Assessoria Técnica da Pró-Reitoria de Graduação (PRG)	128
A Chefia do DLCV	131
Último ato	133

**Dedico este memorial a minha mãe.
Jacy dos Santos Quadros**

(in memoriam)

Pessoalidade

*Em Conquista nasci,
filha de João e Jaci.
Lá, estudei, me formei e
com Orlando me casei.*

*A vida ficou odara
com Lorena, Neto e Lara.*

*Esse era o lado pessoal,
mas precisava do profissional.*

*Então Conquista deixei
e pra São Paulo me mudei.*

*Aqui neste Estado
fiz mestrado e doutorado.
Amigos, cidade e universidade.
Construí nova felicidade.*

*Foi assim a sucessão
de Conquista a São Paulo.
Em São Paulo a conquista
de meu coração.*

Com Orlandinho tudo foi mais fácil...

Resumo da Ópera

Fação parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desde 1994, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, atuando na graduação; no programa de pós-graduação, entrei em 1999, dois anos depois da defesa da tese de doutorado, como exigia a legislação. Em 2000, realizei estágio de pós-doutoramento na Université de Paris VII – Denis-Diderot, pelo Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques et Sciences du Langage (CNRS). Com a equipe do Laboratoire, estabeleci forte vínculo e formalizei acordo de cooperação entre a USP e a Université de Paris VII, pelo qual há intercâmbio de alunos e professores. Pelo intercâmbio, organizei e participei de seminários transmitidos por videoconferência, de Paris VII para a USP e vice-versa. Em 2006, prestei o concurso para livre-docência e fui aprovada com nota máxima. A partir dessa data, minha carreira foi impulsionada, fortaleci o vínculo internacional, e fui convidada a atuar como Chercheur Associé pelo CNRS – Paris. Em 2007, apresentei projeto e tive deferida, pelo CNPq, a bolsa de Produtividade em Pesquisa, pelo período 2008-2010; encerrado esse período e apresentado o relatório a ele referente, solicitei nova bolsa, que foi, também, deferida, agora para o período 2011-2013. Em 2010, fiz outro acordo internacional, dessa vez com a Universidade de Trás-os-Montes-Alto-Douro (UTAD), com a qual tenho mantido estreitas relações, pelo contato com os pesquisadores da área de Historiografia Linguística. Sou líder de dois Grupos de Trabalho (CNPq): Gramáticas: história, descrição e discurso do qual participam pesquisadores brasileiros, franceses e portugueses; e Projeto NURC/SP-Núcleo USP, no qual atuo na coordenação juntamente com o Prof. Dr. Dino Preti. Tenho publicado livros, capítulos e artigos que versam sobre temas científicos e didáticos. Em 2011 inscrevi-me no concurso de progressão na carreira docente da USP e, em 2012, fui aprovada no concurso de títulos, tendo, então, alcançado o nível 3 da carreira de Professor Associado. Do lado da gestão institucional, trabalho constantemente em prol da valorização da graduação, tanto da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, especificamente, quanto da Universidade de São Paulo como um todo, pelo vínculo que mantive como representante de meu Departamento em comissões, Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia (2009-2013), Letras e Ciências Humanas e, também, como Assessora Técnica da Pró-Reitoria de Graduação, no período de 2010-2013. Fui eleita Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, em fevereiro de 2013, com mandato até fevereiro de 2015.

Abertura

“Conhece-te a ti mesmo.”

Voltar o olhar ao passado, enxergar o presente e vislumbrar o futuro. Eis o objetivo de um memorial. E é exatamente com esse intuito que redijo este documento. Lançando um olhar avaliativo sobre o que passou, vejo que a minha história está dividida em três atos: o primeiro, o início da vida profissional até a definição dos estudos de pós-graduação, o segundo, a definição e desenvolvimento da carreira universitária e o terceiro, a gestão acadêmica. Analisando o passado e o presente, tenho condição de interpretar minha atuação na universidade como professora e pesquisadora para, sempre, projetar o futuro.

O cenário do primeiro ato de minha história é Vitória da Conquista, uma cidade de porte médio do interior da Bahia, onde nasci e iniciei minha formação intelectual. A descrição dessa fase engloba a graduação, a primeira pós-graduação, *lato sensu*, as primeiras atividades docentes e o envolvimento com a educação. Sucintamente, relatarei o início da carreira universitária e a decisão de prosseguir os estudos, em nível de Mestrado, para desempenhar, a contento, a função de professora universitária, e dar partida ao veio de pesquisadora. Comento, também nesse momento, os motivos que me levaram a optar por São Paulo como o melhor lugar para a realização dos estudos de pós-graduação.

O cenário do segundo ato é, então, São Paulo, cidade escolhida para a complementação, aperfeiçoamento e fixação da formação acadêmico-profissional e, depois, como o melhor lugar para ser feliz com minha família: o marido, Orlando, os filhos, Lorena, Orlando Neto e Lara, com minha mãe Jacy (*in memoriam*), que morou muitos anos conosco em São Paulo; depois, com os novos integrantes dessa família maravilhosa, Hamid, Paul e Yara; e mais tarde, com Sofia, a neta nascida em 2009, que encheu nossos corações de sentimentos nunca antes experimentados, amor de vó...; além de amigos carinhosos e solidários que esta cidade nos deu.

Nessa parte, vêm os comentários sobre a complementação da formação e o desenvolvimento da carreira. Primeiro, o ingresso no curso de Mestrado, as disciplinas cursadas, as primeiras pesquisas, a participação nos primeiros congressos, com apresentação de trabalhos, e a importante e decisiva participação dos mestres que incentivaram a minha vida acadêmica. Em seguida, falo do ingresso no Doutorado,

dou informações sobre a tese e relato fatos do primeiro estágio de pós-doutorado na University of Pennsylvania e, depois, do segundo, na França, na Université de Paris VII e École Normale Supérieure de Lyon. Trato, ainda, de minha participação na Universidade de São Paulo, como Monitora do Projeto NURC/SP- Núcleo USP, sob a orientação do Professor Dr. Dino Preti; depois, discorro sobre minha atuação como Professora e Pesquisadora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

O cenário do terceiro ato é a USP. Nessa parte relato o que pude fazer pela Universidade para além do que tinha de fazer como docente e pesquisadora. As atividades que vão lá narradas têm, além de seu significado prático, um outro maior, que extrapola a razão e alcança os sentimentos. Foi, e é, pela dedicação máxima à USP que demonstro meu amor por ela e que tento lhe devolver tudo o que obtive, em termos de crescimento profissional e pessoal.

Em verdade, retomo, neste texto, um longo diálogo, travado comigo mesma e com as bancas examinadoras, iniciado em outros concursos, especialmente no da livre-docência, prestado em 2006 (docs. 236a e 364), que foi fundamental para a continuidade de minha prática profissional, como docente-pesquisadora.

Neste Memorial, então, encontram-se relatadas e comentadas mais pormenorizadamente as principais atividades que desenvolvi, e venho desenvolvendo ao longo do tempo na Universidade de São Paulo, com ênfase nas dos últimos cinco anos.

Uma história contada revela sempre uma visão parcial de um todo, por isso esse meu relato, bem sei, centra-se no que entendi mais relevante e digno de ser apresentado como um instantâneo de minha vida acadêmica. Assim, falo de minha atuação, com muito entusiasmo, na graduação, na pós-graduação, espaço em que se encaixam as pesquisas desenvolvidas ao longo da carreira. Nos relatórios que fiz para a Comissão Especial de Regime de Trabalho (CERT) tive a oportunidade de contar o que fazia na época, carreira, assim como de minhas atividades de gestão universitária. – e esses não foram poucos, totalizaram seis, pois ingressei na carreira em 1994, em Regime de Tempo Completo (RTC), como contratada, pelo qual apresentei três relatórios; depois, em 1999, prestei concurso para efetivar-me, pelo Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP), pelo qual apresentei mais três relatórios.

O tempo probatório, ou “o tempo dos relatórios CERT”, é paradoxal para o docente USP, porque, se, de um lado, é inquietante, pela constante situação de avaliação, de outro é reconfortante, quando o resultado da avaliação é positivo, e o docente se sente “aprovado”, estimulado e apto a continuar. Essa sempre foi a minha sensação, sentia-me encorajada a continuar, a cada vez que recebia meus pareceres da CERT. Nunca

tive nenhuma restrição relativa aos relatórios que apresentei, ao contrário.

O que me incomodava quanto a tais relatórios era, realmente, saber que o trabalho docente na graduação “pesava pouco” para a avaliação, o que interessava era a pesquisa, a produção, as publicações. Muitas vezes ouvi de colegas mais experientes a seguinte frase “aqui na USP a graduação não vale nada [para a avaliação CERT], se você dá ótimas ou péssimas aulas, não faz a menor diferença, o que vale é publicação”. Era triste ouvir isso, e o colega que me falava naquele tom, recriminando a situação, era um docente dedicadíssimo à graduação e, também, um pesquisador de ponta da linguística brasileira. Essa filosofia, sabidamente, não deu certo, porque a graduação da USP deu sinais de abatimento e houve, por isso, a necessidade de reavaliar a situação, para o que se construiu um discurso e criaram-se ações de valorização da graduação. Hoje o princípio é o de que a graduação é tão importante quanto a pós-graduação e a pesquisa, já que é nesse nível que o alicerce da formação intelectual se fortalece e se solidifica, e é desse nível que sai pessoal qualificado para avançar aos níveis subsequentes. Enfim, parece-me que a situação está mudando, que começamos a viver outra época, pois a “valorização da graduação” começa a ser compreendida, e que a USP talvez tenha passado a visualizar de outro ângulo a combinação necessária ensino + pesquisa + extensão.

Dito isso, espero que meu relato seja capaz de mostrar como tentei viver e praticar esse trinômio ensino ↔ pesquisa ↔ extensão, embora reconheça que nem sempre consegui equilibrar, ao mesmo tempo, os três pilares da sustentação da vida universitária. Em certos momentos, a pesquisa e o ensino ocupavam todo o espaço de minha vida acadêmica, mas a extensão também esteve nela presente, como procurarei mostrar. No relato sobre a graduação, descrevo o contexto de minha atuação, falo das disciplinas que ministrei e como as ministrei, entrelaçando-as com as pesquisas que, *pari passu*, fui desenvolvendo. Os títulos dos textos que publiquei, por essa razão, aparecem aqui em mais de um lugar. No que diz respeito à graduação, apresento, também, dados que mostram a minha ação com a formação de pessoal, por exemplo, pela orientação de alunos de programas de iniciação científica, mas também pela atenção que dedico ao conjunto dos estudantes.

Também sobre esse assunto não quero deixar de registrar o que penso. Assim como ainda hoje a preocupação da instituição de ensino e dos órgãos financiadores de pesquisa recaía, quase exclusivamente, sobre a produtividade na pesquisa – o número de textos publicados – há, também, a pressão sobre a orientação de alunos de iniciação científica. Todos os docentes têm de ter muitos alunos de iniciação. Isso pode ter efeito perverso, se o docente deixar de se preocupar suficientemente com a sua turma, isto é, com o conjunto de seus alunos, para se dedicar mais a um, dois, ou

três alunos. Com esse meu comentário quero dizer que, por princípio, acho saudável o equilíbrio também nessa questão, a atenção não pode ser exclusiva para o bolsista de iniciação científica.

Embora tenha essas opiniões um tanto ufanistas em relação à graduação, minha vida acadêmica, e não somente minhas palavras, mostra que tenho o mesmo entusiasmo pela pesquisa e pela docência na pós-graduação. O segundo assunto sobre o que me debruço nesse memorial é, então, a pós-graduação. Nessa área, a docência, exercida tanto para a coletividade nas sessões de aula e seminários quanto nas sessões individuais de orientação, muito me apraz. O resultado desse trabalho é observável pela quantidade de pessoal formado, são doutores e mestres orientados sob um regime de dedicação indemonstrável em um relato verbal. É possível, todavia, dizer do envolvimento que o orientador pode ter com o seu orientado, no sentido de levá-lo a produzir pesquisa de qualidade e de se realizar profissionalmente. Nesse campo tenho colhido bons resultados, como espero ter deixado transparecer neste texto. Não obstante os bons resultados, registro que a relação do orientador com o orientando, em geral, não é fácil, pois entre ambos há a vida, os problemas que lhe são inerentes e o tempo que corre célere; tudo contra o planejamento feito pelo orientando, na ocasião do ingresso no programa, e que o orientador quer ver cumprido. É preciso ter habilidade para gerenciar as circunstâncias que burlam o planejamento, para levar o aluno à conclusão do trabalho. Fica evidente em todas as ocasiões que nem mesmo nesse nível a ação do docente é exclusivamente informativa, ao contrário, é muito formativa.

A pesquisa, o terceiro tema de que falo neste documento, é integrada às demais atividades e, ao tempo em que delas é resultado, as alimenta. Há entre a docência, em nível de graduação e de pós-graduação, um movimento de retroalimentação necessário. Durante as aulas, na dialética praticada com os alunos, o docente-pesquisador tem oportunidade de amadurecer suas reflexões e fixar, ou mudar, suas ideias. Além disso, o resultado do trabalho do pesquisador, apreensível na forma de livros e artigos publicados, ganha vida, pois passa a ter aplicabilidade, quando, para concordar ou discordar, o estudante faz remissões ao que leu. O trabalho de pesquisa que produzi nesses anos, conforme procuro mostrar, tem conexão com as disciplinas que leciono na graduação e na pós-graduação. Desse modo, tenho tido oportunidade de, de certo modo, verificar se, na realidade, essa propalada conexão pesquisa e ensino faz sentido. E faz.

Por último, deixei os comentários sobre o meu engajamento com a gestão na USP. Observo que o docente tem possibilidade de adotar duas posturas dentro da instituição: a primeira é a de simplesmente cumprir suas obrigações, dando suas

aulas, fazendo sua pesquisa, praticando, ou não, um pouco de extensão e deixando para os outros a tarefa de construir a universidade; a segunda é a de fazer tudo isso e incluir o trabalho de construção da vida universitária, para torná-la melhor, mais confortável e mais moderna. Isso não diz respeito à burocracia, mas ao trabalho acadêmico, combinado com o administrativo. Se esse trabalho ficar apenas sob a responsabilidade de burocratas, que não sabem o que é ensinar, aprender e pesquisar, a vida na universidade será “empresarial”, maquinal. Por isso é importante que a política acadêmica e sua consequência administrativa sejam feitas, também, por (ou pelo menos com ajuda de) docentes. É por acreditar em tal princípio que tenho o que relatar sobre o tema “gestão acadêmica”, tema que finaliza este texto.

Enfim, este memorial delineia uma carreira que nasceu fincada sob dois pilares: um, o da preocupação com a qualidade do ensino, seja do ensino universitário, em primeiro plano, aquele por mim mesma praticado e, em segundo, o praticado por colegas em toda a Instituição, o que tenho procurado atingir pelo envolvimento com a gestão universitária; outro, o do envolvimento com a pesquisa a partir de prioridades definidas pelos estudos e pelo ensino.

Os comentários aqui tecidos, portanto, têm como ponto de apoio fatos relevantes de cada fase de minha vida acadêmica. À parte, há uma versão minuciosa, todavia não comentada, de todas as atividades que compõem a carreira ora sob análise, na forma de um curriculum vitae documentado.



Primeiro

Atto

“Levo a Bahia comigo em
cada canto que eu vou...”

Paulo Diniz e Odibar

A formação em Conquista

A graduação e o envolvimento com o ensino fundamental e médio

Poderia iniciar esta narrativa dizendo que a opção pela educação não foi uma tomada de posição madura e adulta. Pelo relato de meus pais, e pela lembrança que tenho de alguns fatos da infância, sei que desse período foi a preferência por não deixar sem as letras as pessoas mais simples que passaram por mim. Ainda consigo sentir o prazer de ter feito algumas delas reconhecerem o alfabeto, assinar o próprio nome e ler algumas palavras. Essa era uma tendência forte em minha vida, uma convocação da qual não poderia passar ao largo.

Profissionalmente, então, o curso de Magistério foi o primeiro partido em favor da educação, em 1975. Depois, a Graduação em Letras, inicialmente na forma de licenciatura curta, realizada entre 1976 e 79, com interrupção em 78, por motivos de saúde. A licenciatura plena só foi possível em 1982/83, mas o diploma (docs. 11-12) apenas expedido em 1985, em razão de problemas burocráticos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, instituição em que realizei tais estudos.

Enquanto cursava Letras, decidi participar de concurso público que nomeia auxiliares de ensino, nível I, correspondente hoje ao nível de professor de Ensino Fundamental, 1º e 2º ciclos, em 1977. Assumi a função de professora desse nível até 1979, quando pude encaminhar os papéis da licenciatura curta que terminara, e mudei, então, minha condição para professor de nível 3. Atuei algum tempo como professora do 3º e 4º ciclos (doc. 102) e, depois, como diretora de escola de ensino fundamental e médio. Essa foi uma fase importante porque abriu uma oportunidade de luta pela melhoria na qualidade do ensino, quando atuei mais amplamente na

educação pública, na direção de duas escolas estaduais.

A primeira escola que dirigi, Escola de 1º Grau Dr. Orlando Leite (doc. 104), era composta de oito salas, com funcionamento em três turnos, onde havia classes de alfabetização até a 8ª série. Eram, aproximadamente, novecentos alunos com os quais pude conviver, no período de dois anos. Nessa escola, desenvolvi alguns projetos que visavam a uma educação dinâmica e participativa, especialmente nas áreas de língua portuguesa e matemática. Os professores, quase todos de tempo integral dedicado à Escola, participavam de discussões com a equipe de coordenadores, aprendiam a valorizar a experiência dos alunos, para, a partir daí, fazê-los refletir sobre novos conhecimentos. Os resultados desse trabalho foram percebidos e repercutiram favoravelmente na comunidade: os alunos gostavam de ir às aulas, não havia evasão, e o nível de repetência caiu de forma considerável.

O INÍCIO DA CARREIRA UNIVERSITÁRIA E A TRANSIÇÃO BAHIA/SÃO PAULO

Esses fatos implicaram a minha nomeação para dirigir a maior escola da cidade, o Instituto de Educação Euclides Dantas (doc. 105), em que estudavam três mil alunos, incluindo os alunos da Escola de Aplicação, da alfabetização à 4ª série. Nessa escola, pude dar continuidade ao meu ideal de educação participativa, pela implementação de uma política de ensino que envolvia ativamente os orientadores educacionais e os coordenadores pedagógicos no processo de ensino. Os professores, assessorados e amparados, tinham mais condições de criar seus projetos educativos. Os alunos do Magistério eram envolvidos nos projetos da escola, especialmente aqueles que privilegiavam as artes e os esportes. Os alunos, absorvidos pela vida escolar, apresentavam índices crescentes de aprendizagem. O trabalho pedagógico era bipolar: um polo era a interdisciplinaridade e o outro, o trabalho com a leitura e interpretação de textos, o que proporcionava ao aluno a possibilidade de ser proficiente em todas as matérias que estudava.

O trabalho com a educação desse nível pode parecer, agora, desconectado do rumo que tomou minha carreira, mas essa é uma falsa impressão, pois a educação básica é, ainda hoje presente em minha vida, especialmente pelo contato que tenho com professores paulistas de ensino fundamental e médio, da rede pública e privada. Esse é um veio que retomarei adiante.

Enquanto atuava como diretora, não parei de estudar. Tão logo o diploma de Graduação foi expedido, procurei inscrever-me em um curso de Especialização (doc. 09-10), *lato sensu*, a fim de dar início a um processo de estudos pós-graduados

que não parou mais. É certo que eu, já naquele tempo, visava a chegar à carreira universitária e, sabia, só podia fazê-lo por meio de muito estudo e consequente obtenção de títulos. Iniciei em 1985 *o lato sensu* na Universidade Federal da Bahia, um curso ministrado pelo Mestrado em Letras da UFBA, em convênio UNEB/CAPES/UFPB. Nesse curso, feito em três etapas, a primeira de janeiro a março, a segunda de junho a julho de 1985, em que se desenvolveram os cursos de Metodologia do Ensino Superior, Linguística Geral, Teoria da Literatura, Filologia e Língua Portuguesa, Morfossintaxe da Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, e a terceira de julho a janeiro, período de elaboração da monografia. Escolhi escrever sobre Morfossintaxe, disciplina cujo Professor era José Maria Barbosa Gomes, e desenvolvi o tema: Um Estudo sobre o Gênero em Português. Essa época, porém, foi muito difícil para mim porque, além da responsabilidade imensa com a direção da escola, tinha três filhos pequenos que requisitavam muito a atenção e os cuidados maternos. Foi difícil, mas não impossível... consegui vencê-la.

Essa foi uma etapa importante por ter marcado o início da retomada sistemática de estudos sobre linguística e língua portuguesa. Além disso, esses estudos deram-me ânimo para concorrer, no 1º semestre de 1986, a uma vaga de Professor Auxiliar na Universidade Estadual do Sudoeste (doc. 106), junto ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Faculdade de Formação de Professores de Vitória da Conquista, onde havia estudado. Aprovada no processo seletivo, deixei a direção da escola e comecei a lecionar e, já, a pensar em prosseguir, fora da Bahia, meus estudos.

O estágio em que atuei na UESB foi marcante para o posterior prosseguimento dos estudos. Preparar aulas de disciplinas diversas (docs. 35 e 36) – tais como Linguística I: Estruturalismo; Língua Portuguesa II: Morfologia Nominal; Língua Portuguesa III: Morfologia Verbal; Língua Portuguesa V: O Português do Brasil; Língua Portuguesa VIII: Estilística; e Português Instrumental – foi uma oportunidade excelente de atualização de conhecimentos. Essa fase do trabalho durou dois anos, o prazo que a Faculdade exigia para que um professor pudesse pedir licença para sair, a fim de realizar estudos pós-graduados. Esperei ansiosa que esses dois anos passassem, estudando diária e incansavelmente.

Nesse tempo, além de dar aulas, montei e comecei a desenvolver com uma colega, que tinha também forte engajamento social, Ana Isabel Macedo, um projeto de apoio ao professor de português do 1º grau. O projeto tinha por objetivo promover a integração universidade/escola por meio de encontros sistemáticos de discussão da prática de ensino de língua, com um grupo de professores de português das escolas estaduais. Nesses encontros, os professores tinham oportunidade de ouvir/falar, principalmente, sobre os temas: variação linguística, oralidade, escrita e produção

do texto escrito. Desse modo, continuava ligada ao Ensino Fundamental e Médio.

Vencido o prazo mínimo estabelecido pela Faculdade para que saísse para o Mestrado, investiguei a respeito de universidades, de alguns estados brasileiros, para onde poderia ir, e cheguei à conclusão de que São Paulo seria o melhor lugar para os estudos que pretendia realizar. Por uma conjunção de fatores, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foi, primeiramente, a universidade que ofereceu condições de ingresso; lá prestei exame seletivo (prova, entrevista, exame de proficiência em língua estrangeira e apresentação de uma primeira versão de plano de pesquisa) e fui aprovada. Mudei-me com a família toda para São Paulo.

A golden, textured mask with a crown, framed by curtains. The mask is highly detailed with intricate patterns and a crown on top. The background is a warm, golden-brown color. The mask is framed by two golden curtains on either side.

Segundo Atto

*“Alguma coisa acontece
em meu coração...”*

Caetano Veloso

Formação e profissão em São Paulo

O mestrado

Comecei o curso de mestrado na PUC com muito entusiasmo. O plano de pesquisa que trouxera versava sobre produção de texto, voltado a alunos de 1ª a 4ª série, e o objetivo da pesquisa era investigar a estrutura e a linguagem desses textos, a fim de verificar o nível de influência da oralidade sobre a escrita.

O andamento do curso, contudo, trouxe percalços, e o maior deles foi institucional. O curso da PUC não estava, naquele semestre/ano, recomendado pela CAPES, e eu estava inscrita no programa PICD. Além disso, a PUC não reconhecia como científico o trabalho com a oralidade e, segundo orientação das professoras de Metodologia (a disciplina foi ministrada por três professoras, aparentemente sem conexão umas com as outras), teria de mudar o rumo de meu trabalho. Vi que precisava tomar providências para reverter tal situação. Apesar dos problemas, nessa fase tive excelente contato com a Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, que me incentivou a lutar pelos meus ideais.

Em fins do semestre, conheci a Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero que estava encerrando seu vínculo com a PUC para iniciar carreira na USP. Como já tinha cumprido um semestre na PUC e já tinha lá uma boa história, pela participação nas aulas e atividades e, também, pelos resultados obtidos, procurei a Prof.^a Leonor e expliquei a ela a minha situação na PUC. Concorri, então, juntamente com outros colegas, a uma das vagas que a professora abria na USP. A seleção deu-se por meio de prova, entrevista e análise de projeto. Cumprí a etapa da seleção e fui aceita como aluna do Mestrado da USP, orientanda da Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero. Começava, assim, uma etapa decisiva da minha vida.

Na USP, fui aluna de grandes mestres: no 2º semestre de 1989, cursei a disciplina Semântica: as Teorias Estruturais, Funcionais e a Teoria Gerativa, com a Prof.^a Dr.^a Beth Brait; Linguística Textual - Coesão e Coerência, com a Prof.^a Leonor Lopes Fávero; no 1º semestre de 1990, cursei As Linguagens Especiais: a Gíria Brasileira, com o Prof. Dr. Dino Preti; e O Português do Brasil com a Prof.^a Dra. Edith Pimentel Pinto,

Tópicos de Gramática Portuguesa II, com o Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (na UNICAMP) (doc. 226). Todos esses professores tiveram participação importante em minha vida acadêmica, e a cada curso via reconhecido o meu estudo e trabalho.

A disciplina cursada com a Prof.^a Dr.^a Beth Brait, além de abrir os horizontes da Semântica, levou-me à primeira participação em congresso em São Paulo e à primeira publicação de artigo em revista científica. Os comentários da Professora aos dois trabalhos foram importantes tanto pelas críticas quanto pelo incentivo às duas ações. No XXXVIII Seminário de Linguística do GEL apresentei, em Bauru, 1990, o trabalho intitulado um Dilúvio de “Quês”, que havia escrito como trabalho de final de curso (doc. 232). Na revista Guaraicá, da Universidade do Centro-Oeste de Paraná, publiquei o trabalho O Pensamento Marxista e a Significação - uma Leitura (doc. 233), redigido durante o curso de Semântica, quando preparava os seminários. Desde então, sempre que tinha oportunidade, estava pronta a participar de congressos e apresentar artigos à publicação. Deixo aqui, então, consignado o meu agradecimento à Prof.^a Beth pelo incentivo.

Nessa mesma época, 1990, procurei, aconselhada pela orientadora, participar, como aluna especial do curso Tópicos de Gramática Portuguesa II (doc. 228), ministrado pelo Prof. Dr. Ataliba de Castilho, na UNICAMP. Nesse curso, o objeto de trabalho foi a gramática da língua falada, e o professor orientou os alunos para a elaboração de pesquisa que seria consolidada e apresentada pelo próprio Professor, no seminário do Projeto da Gramática do Português Falado, em Belo Horizonte, 1990, o que efetivamente ocorreu, conforme citação de Castilho (1993:122). O tema que me coube desenvolver para aquela pesquisa foi A Presença do Mostrativo (Artigo Definido) no SN. Desse curso, além do conteúdo, foi relevante para mim naquele momento o contato com a metodologia de pesquisa empregada para o trabalho com a língua falada, como efetivamente aconteceu.

Com a Prof.^a Edith Pimentel Pinto cursei a disciplina O Português do Brasil e dei continuidade a estudos que havia começado, ainda quando estava na Bahia. Tive oportunidade de analisar muitos trechos da metalinguagem produzida sobre o português do Brasil, desde o Visconde de Pedra Branca (1824) até Fernando Tarallo (1990). Como trabalho de final de curso, analisei os africanismos presentes na obra de Jorge Amado. A Professora Edith, de saudosa memória, não somente reconheceu o meu trabalho como também fez, pela primeira vez, a sugestão para que eu ficasse em São Paulo, e, depois de concluir o Mestrado, concorresse a uma das vagas de professor da área de Filologia e Língua Portuguesa da USP. Aquilo dito por ela significou muito para mim, mas naquele momento não pensei que isso pudesse acontecer.

A monitoria no NURC/SP: vínculo indelével

Nessa mesma época, o Professor Dino Preti, com quem cursava a disciplina As Linguagens Especiais: a Gíria Brasileira, comunicou-me da abertura de uma vaga para a Monitoria do Projeto NURC/SP e sugeriu que eu concorresse a ela. Vi, com acerto, que aquela era uma excelente oportunidade para estar muito ligada à pesquisa de língua falada e aos mais importantes pesquisadores brasileiros da área. Sem pestanejar, fiz a inscrição. Pouco tempo depois fazia a prova escrita, passava pela banca examinadora, composta pelas Professoras Dr.^a Lygia Corrêa Dias de Moraes, Dr.^a Edith Pimentel Pinto e pelo Prof. Dr. Dino Preti. Fui aprovada.

Meu trabalho como monitora, sempre orientada pelo excelente pesquisador (orientador, professor e amigo) que é o Prof. Dino Preti, abriu-me muitos caminhos de pesquisa, seja pelo manuseio dos arquivos de textos, seja pelo trabalho com os dados, os *corpora*, seja pela oportunidade do contato e de participação das discussões dos pesquisadores integrantes do Projeto. Como monitora (e já doutoranda), tive também a oportunidade de participar, em coautoria com Rosana P. Gonçalves, colega de doutorado e orientanda do Prof. Dino, da elaboração do Glossário de Análise da Conversação (doc. 234), que integra o livro Análise de Textos Oraís, primeiro volume da Série Projetos Paralelos, publicado em 1993, hoje na 7^a edição. Posso afirmar que o Prof. Dino é responsável por grande parte de minha participação na Universidade de São Paulo, e sou-lhe grata por todo apoio que sempre me deu.

Paralelamente ao andamento dos cursos e da monitoria, desenvolvia meus estudos e pesquisa do Mestrado, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero, com quem também trabalhei no Doutorado. Com a Prof.^a Leonor trilhei os caminhos da Linguística de Texto - dos qual não mais me afastei, tanto na lida com o texto falado quanto com o escrito.

A dissertação (doc. 235) de Mestrado, cujo título é A relevância do PORQUE no texto conversacional - Projeto NURC/SP, defendida no dia 10/07/1992, foi examinada pela Prof.^a Dr.^a Zilda Maria Zapparoli Castro, pelo Prof. Dr. Dino Preti, além da Orientadora, Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero, que presidiu a sessão.

A média obtida foi 9,85 (nove e oitenta e cinco).

A meta do trabalho foi examinar a natureza e o valor do porquê no texto oral-dialogado, sob o ponto de vista interacionista, em materiais do NURC/SP, investigando-lhe o papel sintático-semântico-pragmático, a fim de revelar seu papel na construção deste tipo de texto.

Para tanto, parti da hipótese de que, na conversação, o porquê era um elemento que desempenhava funções sintático-semântico-pragmáticas, sobrepostas ou não, de grande importância para a construção do texto oral e, pelo seu poder coesivo, era elemento estabelecedor de ligações não somente entre os enunciados mas também entre os enunciadores no ato da interação. Essa operação fazia do texto um produto coletivo, e o porquê desempenhava funções de operador interativo, argumentativo e lógico.

Sob a égide de uma conjunção de teorias, de fundo semântico-pragmático, o operador porque foi tratado no trabalho. Para a interpretação dos dados interacionais, captados no texto linguístico, empreguei princípios teóricos da Análise da Conversação de base etnometodológica, da Análise do Discurso, da Semântica e da Pragmática. O trabalho de análise das condições de emprego do operador e do esquema inferencial nele envolvido foi baseado na teoria da relevância de Sperber & Wilson (1986).

A premissa do trabalho foi a de que o operador examinado era um elemento linguístico de grande importância, em dois sentidos, para a articulação da textualidade: em relação à coesividade textual, propriamente dita, e em relação à interação. Isto é, o operador articula não somente os textos que lhe são antecedentes e consequentes mas também os falantes, durante a interação. Não é um conector usado apenas pela carga semântica nele inscrita, é, também, um conector pragmático.

Diante disto, o trabalho foi comprometido com a busca incessante de material linguístico que provasse ser o porquê um elemento indispensável tanto à coesão textual quanto organização interacional dos usuários da língua.

O Doutorado

Fncerrada a fase do Mestrado, iniciei, imediatamente, o Doutorado, também sob orientação da Prof.^a Leonor. As disciplinas para crédito do doutorado (doc. 227) cursei-as logo no segundo semestre de 1992 e primeiro de 1993. Em 92, fiz a disciplina Sintaxe da Língua Falada:

Nexos de Coordenação, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Lygia Correa Dias de Moraes, e em 93, Os Diferentes Planos de Organização da Conversação e suas Interrelações, ministrada pelo Prof. Dr. Eddy Roulet, e, finalmente, Tópicos de Análise do Discurso: Heterogeneidade e Discurso, ministrada pelo Prof. Dr. José Luiz Fiorin e pela Prof.^a Dr.^a Eni P. Orlandi. Esses dois últimos cursos foram realizados no âmbito do Instituto de Verão do I Congresso Internacional da ABRALIN, na USP.

A tese de doutorado (doc. 236), intitulada Purismo Linguístico - suas manifestações no Brasil, foi defendida no dia 17 de dezembro de 1996. A banca examinadora, constituída dos professores Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero (orientadora), Prof. Dr. Dino Preti, Prof. Dr. Evanildo Bechara, Prof. Dr. Jarbas Nascimento e Prof.^a Dr.^a Beth Brait, atribuiu ao trabalho nota 10,00, com distinção e louvor (doc. 06), e recomendou sua publicação, o que, efetivamente, cumpri. Publiquei a tese com o título Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro, na série Teses, da editora Humanitas (doc. 237). O livro está agora em segunda edição (doc. 238).

A pesquisa teve como escopo estudar o purismo como um fato linguístico de conservação, por meio da metalinguagem. Partindo, então, da premissa de que o purismo é um fenômeno de preservação de norma, tomei a metalinguagem objeto de documentos históricos do português do Brasil, para provar que o purismo é fato persistente na língua.

Organizei, para isso, a tese em cinco capítulos. Inicialmente, procurei fundamentar teoricamente o trabalho e apresentei a periodização da língua portuguesa do Brasil, que subsidiou a análise, a fim de eleger os documentos metalinguísticos que seriam examinados. Foi importante partir desses estudos, porque, mesmo não havendo coincidência na escolha de critérios nem, conseqüentemente, na delimitação das fases da história do português, há sempre, coincidência de fatos que fazem a história da língua.

A eleição dos documentos foi baseada, de um lado, na citação dos textos pelos filólogo-historiadores. De outro lado, baseou-se na observação da tendência dos estudos linguísticos. Desse modo, trabalhei com a metalinguagem que registrou e delimitou as diversas fases da língua.

Escolhidos os textos de metalinguagem, entendi necessário conhecê-los bem para formular as primeiras hipóteses sobre o purismo. Parti de três critérios básicos para proceder à análise:

1. o histórico ortodoxo
2. o nacionalista
3. o histórico heterodoxo

Inicialmente, tencionei tomar apenas textos metalinguísticos produzidos no século XX. Ao analisar a história da filologia brasileira, porém, verifiquei que o ponto de partida para a discussão sobre a variante brasileira do português está localizado no século XIX, com José de Alencar. Por essa razão, abri a análise com a metalinguagem desse escritor.

Depois, estudei textos do início do século XX que ainda apresentam características do século anterior. A metalinguagem tanto de Rui Barbosa, da Réplica, quanto de Ernesto Carneiro Ribeiro, da Tréplica, foi analisada a fim de caracterizar o purismo no começo do século. Também, da fase inicial desse século, destaquei a posição de Lima Barreto.

Examinei, também, a metalinguagem de Monteiro Lobato e de Mário de Andrade. Lobato deixou registradas suas ideias sobre a língua portuguesa nas cartas escritas por Godofredo Rangel, publicadas em A Barca de Gleyre, documento importante para a historiografia do português do Brasil, por demonstrar com clareza as duas vertentes que denominam o pensamento linguístico brasileiro do começo do século: insistência na fixação da norma portuguesa no Brasil e, ao contrário, a conscientização gradual de que aqui se praticava linguagem diferente da portuguesa.

Depois de Lobato, examinei a produção metalinguística de Mário de Andrade. Verifiquei que a aproximação fala/escrita foi a grande meta do Modernismo brasileiro e que a linguagem lusitanizante empregada pelos escritores não correspondia à realidade linguística brasileira. Ao contrário, representava o passado da dominação europeia sobre o Brasil.

A bandeira modernista europeia, calcada no antipassadismo, foi transmutada, no Brasil, para o nacionalismo. No fundo, o nacionalismo era o antipassadismo, a negação da presença portuguesa na linguagem. O trabalho de Mário de Andrade foi o de quebrar o tabu da linguagem, isto é, derrubar a norma portuguesa e dar coragem aos escritores brasileiros de levarem à escrita uma linguagem mais próxima da que se praticava correntemente no Brasil.

Parti, então, para a metalinguagem produzida depois da primeira fase do Modernismo, a fim de verificar se a tentativa de Mário de Andrade havia frutificado. Para tanto, tomei textos de Manuel Bandeira, Rubem Braga e Graciliano Ramos. Depois da atuação de escritores como esses, observei a metalinguagem purista produzida atualmente. Para isso, examinei manuais de redação de jornais e textos jornalísticos, escritos tanto por articulistas, ombudsman, cronistas e mesmo por leitores preocupados com o uso culto da língua. Observei em que medida a não coincidência normativa entre a língua praticada objetivamente, falada ou escrita,

e aquela idealizada leva especialistas e pessoas comuns a discutirem o problema.

Em última análise, verifiquei como acontece a construção de uma metalinguagem restauradora dos usos tradicionais da língua e mostrei que o purismo é um fenômeno de preservação de norma, comum à linguagem, que tem diferentes configurações, condicionadas pela concepção de língua em vigor em cada época.

A carreira na USP: o início

Concluídos os cursos, surgiu a oportunidade de passar pelo processo seletivo para atuar como docente junto ao Departamento de Letras Clássicas. Incentivada pelo Prof. Dino, animei-me a concorrer à vaga então existente. As provas realizaram-se em novembro de 1993 e a banca examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Osvaldo Ceschin, pela Prof.^a Dr.^a Esmeralda V. Negrão e pelo Professor Dr. Dino Preti, titular da cadeira e coordenador do programa de pós-graduação, na época (doc. 108). Aprovada, iniciei meu trabalho de professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, no primeiro semestre de 1994.

Em 1994, então, fui contratada pelo Regime de Tempo Completo (RTC - 24 horas por semana) (doc. 22), no qual atuei até depois de concluído o doutorado, precisamente até o ano de 2000. Em dezembro de 1999, prestei novo concurso público para, então, mudar de condição de professora de contrato precário para a de nomeada, efetiva e titular de uma das vagas da Universidade de São Paulo (doc. 220). Assim, consegui alterar meu regime de trabalho, de RTC para Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). Essa alteração, todavia, somente aconteceu quase um ano depois do concurso (doc. 21), quando a USP fez publicar a nomeação, no Diário Oficial de 19 de outubro de 2000, época em que já estava em Paris, em estágio de pós-doutorado (doc. 216).

Embora estivesse em RTC, procurava dedicar-me à docência e à pesquisa como se docente em RDIDP fosse. Não obstante essa atitude, os impedimentos institucionais eram enormes: não podia ter orientandos, nem mesmo de Iniciação Científica, o que atrasou o desenvolvimento de minha carreira. Como é sabido, a Universidade e os órgãos de pesquisa dispensam outro tratamento ao professor de tempo integral, financiando viagens de trabalho e facilitando afastamentos para o desenvolvimento de pesquisa, dentre outras vantagens. Durante todo esse tempo “senti na pele” que somente o docente em RDIDP, de fato e de direito, pode participar mais ativamente da vida acadêmica e administrativa da Universidade.

Superado o obstáculo do regime de trabalho, passei a trabalhar na orientação de iniciação científica, mestrado e doutorado. Nessa época, meus dois orientandos de IC concluíram seus trabalhos e foram laureados com Menção Honrosa USP/CNPq (doc. 89-91), e cinco orientandos de mestrado foram à defesa. Outros quatro, dois de mestrado e dois de doutorado, estavam com suas pesquisas em andamento. Enfim, a carreira parece ter-se desatado...

Impulsionando a carreira

O PRIMEIRO PÓS-DOCTORADO

Para implementar a atuação como pesquisadora, em dezembro de 1998 iniciei estágio de Pós-Doutorado na University of Pennsylvania, onde passei três meses realizando pesquisas como Visiting Scholar (doc. 04), em contato especial e constante com Dr. Gillian Sankoff (doc. 03). O meu projeto de estudo naquela Universidade englobou aspectos de variação e mudança linguísticas, pontos essenciais para o estudo do uso e norma linguísticos. Em verdade, meu objetivo era ter um contato próximo com a teoria variacionista a fim de adquirir certa intimidade com a metodologia da análise quantitativa para aplicá-la às minhas investigações sobre norma e uso. Para tal fim, o estágio foi verdadeiramente proveitoso, mas como meu trabalho é mais interpretativo que quantitativo, tive apenas algumas oportunidades de quantificar os dados com os quais trabalhava. Os seminários mostraram-me que o percurso metodológico da teoria variacionista é o inverso daquele dos analistas da conversação, pois esses analisam os dados e os quantificam apenas para reforçar suas análises, enquanto os variacionistas quantificam para analisar.

Além dos Seminários com Dr. Gillian Sankoff, tive oportunidade de contato também com Dr. William Labov que dirigiu um seminário sobre Stable Social Stratification. Nesse colóquio, Dr. Labov discutiu os componentes do status socioeconômico, falou sobre as categorias que devem ser observadas para se determinar a classe social dos informantes de uma comunidade linguística, dentre as quais a ocupação, a educação e a renda, e apontou fatos que demonstram que as pessoas, em geral, não têm consciência sobre classe. A relevância do contexto para o estudo da linguagem é tão importante que levou Dr. Labov a afirmar que “the linguistic change exists because the social mobility” e que “social mobility is a part of history”. O raciocínio desse pesquisador, nesse encontro, sobre a variação

da linguagem partiu da premissa de Kenyon (1948), segundo o qual a variação linguística tem dois níveis: um cultural e outro funcional. Terminado o seminário, o Dr. Labov, muito gentilmente, ocupou-se, durante algum tempo, em apresentar-me o quadro das pesquisas variacionistas realizadas nos Estados Unidos e no Canadá. A oportunidade de participar de um encontro com o Dr. Labov foi importante para a formação de minha concepção da teoria e, também, dos procedimentos de pesquisa dessa linha.

Os seminários da Disciplina Linguistics 501, Sociolinguistics, dados por Dr. Gillian Sankoff à clientela da pós-graduação e aos visitantes interessados no assunto tiveram como principais assuntos os discriminados a seguir, acompanhados da respectiva bibliografia objeto das discussões:

1. Style

LABOV, W. 1972. The isolation of contextual styles. In: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 70-109.

COUPLAND, N. 1980. Style-shifting in a Cardiff work setting. *Language in Society*. 9: 1-12.

GUMPERZ, J. 1982. Conversational code-switching. In: social network and language shift. In: J. Gumperz (ed.) *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press. p 59-99.

BELL, A 1984. Language style and audience design. *Language in Society*. 13: 145-204.

RICKFORD, John, & FAYE M. 1995. Addressee - and topic-influenced style shift: a quantitative sociolinguistic study. In: FINEGAN, E. & DOUGLAS, B. 1995 (eds.) *Perspectives on register. Situating register variation within Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 235-275.

FINEGAN, E. & DOUGLAS, B. (eds.) 1995. Register and social dialect variation: an integrated approach. *Perspectives on register. Situating register variation within Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 315-347.

2. Language levels and social class

KENYON, J. 1948. Cultural levels and functional varieties of English. *College English* 10: 31-31.

KROCH, A. & SMALL, K. 1978. Grammatical ideology and its effect on speech. In: D. Sankoff (ed.) *Linguistic variation: modals and methods*. p. 239-250.

LABOV, W. 1972. The reflection of social process in linguistics structures. In: *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 110-121.

TRUDGILL, P 1974. The covariation of phonological variables with sociological parameters. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge U. Press, p. 90-103.

KROCH, A. 1995. Dialect and style in the speech of upper class in Philadelphia. In: Peter Trudgill (ed.).

SANKOFF, D. & LABERGE. 1978. The linguistic market and the statistical explanation of variability. In: D. Sankoff, (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. p 239-250.

3. The individual and the community

GUY, Gregory. 1980. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In W. Labov (ed.) *Locating language in time and space*. NY: Academic Press. p 1-36.

ECKERT, P 1988. Adolescent social structure and the spread of linguistic change. *Language in Society* 17: 183-208.

LABOV, W.1989. The child as linguistic historian. *LVC* 1: 85-94.

CHAMBERS, J. K. 1992. Dialect acquisition. *Language* 68: 673-705.

KERSWILL, P 1996. Children, adolescents and the language change. *LVC* 8:177-202.

WILLIAMS, A. KERSWILL, P 1999 [in press]. Dialect levelling: change and continuity. In Milton Keynes, Reading and Hull. 28 pp. Typescript.

Finalmente, esclareço que esse curto estágio de pós-doutorado, de três meses, na University of Pennsylvania, deu-se em um contexto em que eu ainda não tinha mudado de regime (de RTC para RDIDP, como antes explicado) e que, portanto, foi por mim mesma financiado. Além disso, aconteceu em meu período regular de férias, entre dezembro e fevereiro, para atender ao anseio de preparar-me o melhor possível para desempenhar a atividade acadêmica na USP. O estágio findou-se no Brasil, no seminário da ABRALIN, em Santa Catarina, em março, quando pude acompanhar a Professora Gillian Sankoff no minicurso “A discourse-based approach to the analysis of languages in contact”.

Embora esse estágio não tenha sido longo, e eu não tivesse outra pretensão a não ser a de manter contatos internacionais com grupos de pesquisa que pudessem acrescentar algo a minha formação, foi importante para mim, por vários motivos. Dentre esses, destaco os contatos com os pesquisadores e colegas americanos e canadenses e, também, a oportunidade de coletar informações bibliográficas relevantes ao desenvolvimento dos estudos.

Logo depois desse período, no final de 1999, inscrevi-me no concurso para

efetivação na carreira, no qual obtive sucesso e passei a ocupar o cargo de Professor Doutor, no regime de dedicação integral à docência e à Pesquisa (RDIDP).

O SEGUNDO PÓS-DOCTORADO

O segundo pós-doutorado aconteceu já em outra condição, porque financiado pela CAPES e inserido no seio de um importante projeto de pesquisa, o HILB (História das Ideias Linguísticas do Brasil), foi mais longo e alavancou o desenvolvimento da pesquisa pelo método historiográfico.

Em setembro de 2000, imediatamente após a realização do concurso de efetivação e a mudança de regime de trabalho para tempo integral (RDIDP), tive oportunidade de realizar o novo estágio de pós-doutoramento. Com uma bolsa do programa CAPES /COFECUB permaneci durante um ano trabalhando com colegas da École Normale Supérieure de Lyon e na Université de Paris VII – Denis Diderot, oportunidade em que tive o professor Sylvain Auroux como responsável pelo acompanhamento de meus trabalhos (doc. 217).

Com o objetivo de participar de atividades que me permitissem desenvolver a pesquisa A construção do ‘bom uso’ do português (com ênfase no século XVI), procurei frequentar e participar de seminários, colóquios, conferências e congressos relacionados ao problema da história das ideias linguísticas acerca de diversas línguas antigas ou modernas (doc. 222). Destaco, deste modo, todas as atividades científicas propostas pela Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage e pelo grupo de pesquisadores do projeto d’Histoire des Théories Linguistiques. Muitas conferências, palestras e discussões que, aparentemente, não tinham nada que ver com a minha pesquisa, foram relevantes ao meu amadurecimento e ao savoir faire da historiografia linguística.

Além disso, as ideias apresentadas, desenvolvidas ou simplesmente sugeridas, conduziram-me a textos teóricos que me permitiram avançar bastante em relação ao que já havia concebido sobre a pesquisa proposta. Assim, pude organizar, primeiro, o corpus do trabalho, levantando, em gramáticas portuguesas, especialmente nas duas do século XVI, e brasileiras, especialmente nas quatro do século XIX, todas as ocorrências de registro do uso efetivo da língua. O objetivo era o de identificar, nas gramáticas selecionadas, passagens que comprovassem o movimento de construção da norma linguística portuguesa e, assim, verificar como a ideia do “bom uso” da língua portuguesa formou-se e se foi alterando ao longo do tempo. A análise recaí sobre os trechos que, mesmo abrigados no corpo

de gramáticas tradicionais, cujo objetivo primeiro é fixar um estado de língua considerado correto, expõem a variação da língua. Depois, pude colecionar textos, refletir sobre eles para organizar a estruturar teoricamente o trabalho.

O ponto de partida teórico-metodológico da pesquisa foi o conceito de hyperlangue, que quer dizer que uma língua não é uma abstração, mas uma realidade produzida num espaço-tempo por sujeitos que, dotados de gramáticas, se inter-relacionam (Auroux, 1998:115).¹

Entendendo a hyperlangue como uma totalidade, ou seja, como o lugar da historicidade da língua, o autor identifica, no seio desta língua gramatical: **i.** a contraparte objetiva da língua empírica, isto é, o conjunto indefinido de emissões linguísticas de grupos de sujeitos que se comunicam e se entendem por meio de uma dada língua; **ii.** o conjunto indefinido de emissões linguísticas de grupos de sujeitos que já viveram e utilizaram uma dada língua; **iii.** o conjunto de emissões linguísticas de grupos de sujeito que serão capazes de compreender traços das emissões linguísticas de grupos de sujeitos que viveram antes de uma dada época e utilizaram uma dada língua (op. cit., p 103-04).

Coerente com esse princípio, parti para a análise da língua gramatical, para descrever o movimento constante de construção da norma linguística no âmbito de um dos instrumentos linguísticos, a gramática de base greco-latina. Como o título da pesquisa revela, o objetivo era o de analisar, sob certo ângulo, a construção da norma tradicional do português, da que conforma o que se considera “o bom uso” e que, sob certo ponto de vista, é mostrada sempre como estática.

Meu trabalho estava, e está, coerente com as ideias de Auroux (op. cit., p. 116), que diz que a evolução histórica do conhecimento sobre as ideias linguísticas pode ser descrita também pelo estudo das ideias contidas nas gramáticas de referência de uma língua histórica. O termo gramática, no âmbito desse quadro teórico, toma sentido a partir da concepção normativa geral de língua (op. cit., p. 254), isto é, a de que a língua é concebida como uma norma percebida pelos atos individuais de fala. Essa norma é tão significativa e forte que leva o autor a afirmar ser a Linguística, como todas as ciências humanas, uma ciência inerentemente normativa já que seu objeto é irrefutavelmente normalizado. Mas essa é outra história, é uma discussão que não cabe nem aqui nem agora.

Essa é a noção de “normativo” e de seu enquadramento na ciência da linguagem com a qual se opera nesse campo. O autor, ainda, formula o conceito de engajamento normativo, no âmbito do qual faz a distinção entre **a)** um engajamento normativo-ontológico e **b)** um engajamento normativo-normativo, em que situa as diferenças entre a gramática científica – de engajamento normativo-ontológico – e a gramática

¹ AUROUX, Sylvain (1998). La raison, le langage et les normes. Paris : PUF.

de base greco-latina – de engajamento normativo-normativo (op. cit., p. 279).

Dentro desse quadro teórico, as duas gramáticas, a científica e a prescritiva, não se opõem. Ao contrário, a segunda é um instrumento da primeira. Pois, como afirma o autor, uma teoria linguística que não é capaz de explicar o conhecimento linguístico acumulado ao longo dos séculos é ineficaz.

Em resumo, com base nesse quadro, brevemente sumariado, a pesquisa começou a desenvolver-se. Os primeiros resultados desse trabalho foram publicados em textos que versavam sobre as gramáticas do século XIX, e, também, na tese que apresentei no concurso para concorrer ao cargo de livre-docente e que, um ano depois da defesa, foi publicado em forma de livro com o título *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*, sobre o qual falarei oportunamente. Outros resultados, sobre gramáticas dos séculos XVII, XVIII e XX, apareceram na forma de artigos em revistas científicas, como será adiante comentado.

O corpus da pesquisa foi formado pelas obras a seguir citadas. Vale esclarecer que na primeira fase do trabalho – que se liga diretamente ao Projeto História das Ideias Linguísticas do Brasil – a da análise das gramáticas dos séculos XIX, contou com apresentações em Congressos internacionais e, também, com publicações. Os textos publicados foram: *The Brazilian hyperlanguage mark in the traditional grammar of the 19th Century* (docs. 215 e 239), apresentado parcialmente no 9º ICHOLS, mas publicado integralmente por John Benjamins (doc. 295), Inglaterra; e outro, intitulado *A hiperlíngua brasileira na construção da norma linguística gramatical: um estudo de gramáticas do século XIX*, publicado na revista *Estudios Portugueses* (doc. 240), da Universidade de Salamanca.

As gramáticas examinadas, que compuseram o corpus do trabalho foram:

Gramáticas portuguesas - Séculos XVI, XVII e XVIII

OLIVEIRA, Fernão de (2000) *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

BARROS, J. de (1540) *Gramática da língua portuguesa*. Cartinha, Diálogo em louvor de nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha. Reprodução facsimilada, leitura, introdução de notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

ROBOREDO, Amaro (1610). *Methodo grammatical para todas as linguas*. Salamanca. Edição de Marina Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da

Moeda, 2002.

LOBATO, Antonio José dos Reis Lobato (1802). *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*. 5ª impressão Officina Typografica: Lisboa. [1ª edição 1770] estudos, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários de Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

ARGOTE, D. Jerônimo Contador de (1725). *Regras da língua portugueza, espelho da língua latina ou disposiçam para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portuguesa*. 2ª impressão, muyto acrecentada e correcta. Lisboa: Officina da Musica. [1ª ed. 1721, com pseudônimo de Pe. Caetano Maldonado da Gama, pela Officina de Mathias Pereira da Silva].

Gramáticas brasileiras - Séculos XIX, XX

RIBEIRO, Julio (s.d.). *Grammatica potugueza*. 7ed. N. Falcone & Comp.: São Paulo. [1881]

MACIEL, Maximino (1887). *Grammatica analytica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____ (1926). *Grammatica descritiva*. 10ed. Francisco Alves. [1894]

RIBEIRO, João (1904). *Grammatica portugueza – curso superior*. 11ed. Francisco Alves. [1887]

PEREIRA, E. C. (1945) *Gramática expositiva – curso superior*. 65 ed. Nacional : São Paulo. [1907]

ALI, Said (s.d.). *Gramática secundária*. 4ed. Melhoramentos: São Paulo. [~1924]

LIMA, Rocha (1969). *Gramática normativa da língua portuguêsã – curso médio*. 14ed. Briguet: Rio de Janeiro. [1957]

BECHARA, Evanildo (1983). *Moderna gramática da língua portuguesa – cursos de 1º e 2º graus*. 28ed. Nacional: Rio de Janeiro. [1961]

_____ (1999). *Moderna gramática da língua portuguesa*. Lucerna: Rio de Janeiro.

CUNHA, C. e CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.

Durante o estágio de pós-doutorado, além da formação e análise do corpus, deixei elaborada a fundamentação teórica do trabalho. É importante registrar que, paralelamente às leituras e reflexões, procurei estruturar alguns textos, produtos imediatos da pesquisa que realizava. O primeiro, sobre o discurso dos gramáticos portugueses do século XVI, é intitulado *Observações sobre o*

discurso do gramático e o discurso do exemplo nas gramáticas portuguesas do século XVI, trabalho que apresentei na Université Paris VII, no seio do Groupe d'Étude sur l'Exemple. O segundo, sobre o aproveitamento do uso real da língua empírica nas gramáticas portuguesas de Fernão de Oliveira e João de Barros, é intitulado A língua 'descrita' nas primeiras gramáticas portuguesas; o terceiro, sobre a presença da língua empírica na gramática tradicional tem o título Marcas sociolinguísticas na gramática tradicional brasileira do século XIX: a formação da norma, cujo objetivo é verificar que linguagem desviante da norma tradicional aparece no texto da gramática e como se faz o registro desse desvio; o quarto, Marcas da 'hyperlangue' brasileira na gramática tradicional do século XIX trata das observações dos gramáticos sobre os usos especificamente brasileiros da língua portuguesa. Finalmente, o quinto, O exemplo como espaço da interação autor/leitor: análise de gramáticas brasileiras dos séculos XIX, visa a explorar as marcas de subjetividade do discurso do exemplo, e do gramático, a fim de mostrar como a interação gramático/leitor pode ser efetuada.

Esse trabalho teve como ponto de apoio, em Paris, o Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques, dirigido pela Prof.^a Dr.^a Sylvie Archaimbault. O Labo é uma unidade de pesquisa que engloba três grandes instituições francesas: o CNRS, a Université de Paris VII e a École Normale Supérieure Letres et Sciences Humaines de Lyon e que tem o objetivo de produzir e difundir pesquisas sobre a história das concepções da linguagem e das línguas (cf. <http://htl.linguist.jussieu.fr/>). Na sede desse Laboratório existe uma biblioteca específica sobre história e epistemologia linguística, onde pude organizar considerável bibliografia sobre o assunto. Destaco, também, a pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca Nacional, em Lisboa, para onde me desloquei, de Paris, a fim de completar o corpus da pesquisa e de coletar, também, alguns textos teóricos específicos sobre a língua portuguesa. Além destas, outras as bibliotecas foram habitualmente frequentadas durante o estágio como, por exemplo: a BNF – Bibliothèque National de France; a MSH – Bibliothèque de la Maison de Science del l'Homme e a Bibliothèque de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Esse fato não parece relevante, mas, pelo menos para mim, foi de extrema importância. O hábito de realizar o trabalho de pesquisa em bibliotecas públicas (o que não é comum no Brasil), com todo conforto material e ambiental, favoreceu o desenvolvimento de um estado de espírito que possibilitou tamanho engajamento com o trabalho que tudo parecia se desenrolar rápida e facilmente.

Pari passu às leituras, fui esboçando o esquema da pesquisa a partir das novas reflexões e, também, fui redigindo partes do trabalho, que foram incorporadas à

tese, e outras que seriam, oportunamente, desenvolvidas e publicados. A seguir, comento esses trabalhos:

Título: Observações sobre o discurso do gramático e o discurso do exemplo nas gramáticas portuguesas do século XVI

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, a partir do ponto de vista da teoria da enunciação (Benveniste, 1970 e Authier-Revuz 1978 e 1984), a subjetividade do discurso do gramático nas gramáticas portuguesas do século XVI. A hipótese é a de que a voz do próprio gramático é muito presente tanto no discurso da teoria quanto no discurso do exemplo na fase de gramatização da língua, já que o gramático serve como modelo de falante da língua. Além disso, como a língua descrita nessas gramáticas era a língua falada por locutores considerados cultos, o gramático tendia tanto a citar pessoas de quem ouvia certos contornos linguísticos quanto a usar diretamente a sua própria voz como exemplo de correção. A análise recai sobre os dados aparentes no discurso, a heterogeneidade mostrada, tais como a utilização de pronomes pessoais e dêiticos, tempos verbais e advérbios. O método de trabalho adotado é o praticado na análise do discurso por meio do qual se analisa a articulação do plano enunciativo às categorias de pessoa, tempo e espaço.

Publicado em:

URBANO, H., DIAS, A. R. F.; LEITE, M. Q.; SILVA, L. A. da; GALEMBECK, P.de T. (Orgs.) *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 289 a 309. (ISBN 85-249-0830) (doc. 253)

Título: Sociolinguistique dans la grammaire traditionnelle: une association possible?

Resumo: Dans ce travail l'objectif est d'analyser la langue grammaticale afin de décrire le mouvement implicite à la construction de la norme linguistique au sein de l'un des outils linguistiques, la grammaire traditionnelle, ou, comme le dit le titre, pour analyser la construction de la norme traditionnelle du portugais dans une perspective sociolinguistique et, donc, vérifier l'influence que le mouvement social d'usage dégage sur la norme prescriptive. La grammaire traditionnelle est exactement l'espace de la négation des principes de la Sociolinguistique, la branche de la linguistique qui a pour but d'expliquer le langage devant le context social. Ce type de grammaire est un outil dans lequel sont posées les règles "fixes" d'utilisation d'une langue et qui sont destinées à ceux qui veulent être au courant du 'bon langage' et son utilisation correcte. Cette situation, par contre, élimine toutes les possibilités de considération des différences d'usage qui sont dues aux

diverses situations de communication, aux registres, ou bien au temps dans lequel la langue a été actualisée. Néanmoins, une analyse attentive et aussi dépourvue de préjugés sur la grammaire traditionnelle révèle que le grammairien, parfois, fait des considérations d'ordre sociolinguistique. Le corpus que nous utilisons est composé d'une grammaire brésilienne: c'est la Grammatica Portuguesa, de Julio Ribeiro, qui l'a écrite au XIXe siècle, en 1881. L'analyse que l'on fait a comme support théorique l'empirisme externaliste (Auroux, 1998), d'après lequel l'intelligence est avant tout un artifice et ses manifestations sont dépendantes des outils externes. Dans ce cadre, nous allons analyser l'hyperlangue brésilienne, ce qui implique de concevoir une langue comme une réalité qui se fait dans un espace-temps pour des sujets qui, dotés de grammaires, peuvent maintenir des relations entre eux (cf. op. cit. p. 115). On a pris dans ce travail un concept très large de Sociolinguistique, ça veut dire, on part de la prémisse que s'il y a des relations entre langue et société au sein d'études de la langue il y a, au moins, des principes de la Sociolinguistique. Ici on va considérer les remarques qui sont faites par l'auteur sur la variation de la langue d'après les variables dialectales (région géographique d'origine des utilisateurs de la langue et leur classe sociale) et contextuelles (les niveaux de langage qui varient selon la situation de communication).

Apresentação:

Este trabalho foi apresentado em Paris, no colloque Variation, Catégorisations et Pratiques Discursives, promovido pela Université de Paris III e realizado na Sorbonne IV, no período de 12 a 14 de setembro de 2002. (doc. 50-51)

Título: Marques de l'hyperlangue brésilienne dans la grammaire traditionnelle du XIXe siècle

Resumo: On a dans ce travail l'objectif d'analyser comment la grammaire traditionnelle garde quelques marques de la langue empirique du Brésil. Cela veut dire que nous occuperons de la construction de la norme grammaticale parce que si quelque phénomène linguistique s'impose au grammairien par l'usage il est obligé de faire leur reconnaissance, même sous la forme de remarque comme "on ne doit pas dire...", "c'est vicieux l'usage de..." etc. En effet, c'est à travers ce type de commentaire qu'on peut être proche, dans le domaine de la grammaire traditionnelle, de certains usages linguistiques d'une communauté. Ces indications des "déviations de la norme prescriptive" sont des vraies pistes sur la langue pratiquée par les utilisateurs d'une synchronie.

Le point de départ théorique que l'on a pris est celui de l'empirisme externaliste (Auroux, 1998) avec l'hypothèse des outils linguistiques et le concept d'hyperlangue.

Le corpus est composé de quatre grammaires brésiliennes qui ont une place très importante dans l'histoire de la grammatisation de la langue portugaise du Brésil spécialement pour renouveler la théorisation, les exemples ou pour introduire des commentaires sur l'usage du portugais au Brésil. Les grammaires analysées sont: la Grammatica portugueza, de Julio RIBEIRO, dont la première édition est de 1881; la Grammatica analytica, de Maximino MACIEL, dont la première édition est de 1887; la Grammatica descritiva, de 1894, de Maximino MACIEL également, qui a fait une reformulation dans son premier travail, à partir des critiques qu'il a eu sur l'édition de 1887; et, finalement, la Grammatica portugueza – curso superior, de 1887, de João RIBEIRO.

Apresentação:

Texto apresentado em francês na XI International Conference on History of Language Sciences – ICHOLS – realizada na USP, de 27 a 30 de agosto de 2002 (doc. 49).

Publicação:

Selected papers from the Ninth International Conference on the History of the Language Sciences, 27-30 August 2002, São Paulo - Campinas. Londres: John Benjamins Publishing Company, 2007. v.1. p.75 – 86. (doc. 295)

Título: O espaço da interação autor/leitor na gramática tradicional: um estudo de caso

Resumo: O ponto de partida para a análise do estatuto interacional do exemplo no contexto da gramática tradicional tem como apoio a conhecida afirmação de Bakhtine (1977) “l'interaction verbale est la réalité fondamentale du langage”, ampliada pela teoria da enunciação, tanto pela via direta do texto fundador de Benveniste (1970) quanto pelas leituras e extensões que dele fizeram Authiez-Revuz (1984 e 1995), Fiorin (1996) e Kerbrat-Orecchioni (1999). Esses três autores ofereceram a pista metodológica do trabalho: análise do enunciado, centrada em dados linguísticos que revelam o status do sujeito, ou, em outros termos, a subjetividade de um autor que visa a alcançar seu público e com ele interagir, atuando, de certa forma, sobre seu comportamento, de acordo com o esquema de determinação mútua que regula o processo interacional. O tratamento do exemplo é apoiado nas sugestões de Chevalier (s.d.), que destacou a importância do papel do exemplo no seio do texto gramatical, tanto pelo seu lado abstrato, no que diz respeito à generalização do fato de língua, quanto pelo seu lado concreto, ideológico, no que diz respeito ao ato de realização da fala. Dentro desse quadro, e com objetivo de investigar de que modo o gramático interage com seu público leitor por meio da escolha e estruturação dos exemplos, examinei a gramática de

Julio Ribeiro, Grammatica Portuguesa, 1881.

Apresentação: Groupe d'Étude sur l'Exemple, Univ. Paris VII.

Publicação:

PRETI, D. (Org.) Interação na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 227-252. (ISBN 85-7406-054-6) (doc. 245)

Título: A 'hiperlíngua' brasileira na construção da norma linguístico gramatical: um estudo de gramáticas do século XX

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar como o uso da língua portuguesa do Brasil está registrado na gramática tradicional. Para tanto, partimos da noção de "empirismo externalista", da "hipótese dos instrumentos linguísticos" e do "conceito de hiperlíngua", conforme Aurox, 1998. A metodologia adotada é a análise de corpus, que é composto de duas gramáticas brasileiras, importantes na história da gramatização da língua portuguesa do Brasil, especialmente por renovar a teorização, os exemplos ou por introduzir comentários sobre o uso do português no Brasil. As gramáticas analisadas são: a Grammatica portugueza, de Julio RIBEIRO, cuja primeira edição é de 1881 e a Grammatica portugueza – curso superior, de 1887, de João RIBEIRO.

Publicação: Estudios Portugueses. Revista de Filología Portuguesa, v. 5 : 103-112. Salamanca, 2005. ISSN: 1579-6825. (doc. 240)

Enfim, posso dizer que o período de pós-doutorado propiciou oportunidade ímpar de participação em grupos de estudo e seminários, o que muito contribuiu para o andamento do trabalho que vinha desenvolvendo, pois permitia a troca constante de informações com os colegas franceses.

Para, também, dar uma ideia dessa experiência, apresento alguns dos seminários e grupos de que participei:

Séminaire d'Histoire & d'Épistémologie des Sciences du Langage

Responsable: Sylvain Aurox (ENS Lettres et Sciences Humaines / UMR7597 CNRS/Paris 7) (doc. 217)

Avec la collaboration de: Sylvie Archainbault (UMR7597 CNRS / Paris 7), Jacqueline Léon (UMR7597 CNRS / Paris 7) et Francine Mazière (ENS Lettres et Sciences Humaines / Paris XIII, Celex, UMR 7597 CNRS / Paris 7)

Esse seminário foi desenvolvido com a participação de diferentes pesquisadores, oriundos de diversas universidades francesas e brasileiras (USP e UNICAMP). A abertura ficou sob a responsabilidade de Sylvain Aurox, responsável pelo

programa, que lançou o tema e abriu o espaço do debate. O tema proposto foi “le mot” e a discussão seguiu o roteiro a seguir apresentado:

- La notion de parties du discours (Sylvain Auroux)
- Le mot dans la grammaire générale (Sylvain Auroux)
- Le mot dans la tradition grammaticale tamoule (Jean-Luc Chevillard)
- Vox, dictio, pars orationis, terminus: l’unité minimale dans la tradition médiévale (Irène Rosier)
- Mot et traitement automatique des Langues (Pierre Lafon)
- Sur quelles unités opère la morphologie (Françoise Kerleroux)
- Le mot dans la tradition grammaticale arabe (Djamel Kouluoughli)
- La question du mot dans les grammaires portugaises du XVIe siècle (Diana Luz Pessoa de Barros)
- Les ‘minuties grammaticales’ et le mot-entrée de dictionnaire (Francine Mazière)
- Le ‘mot’ dans les langues africaines: de l’oralité à la grammatisation (Emilio Bonvini)
- Lexique génératif (Jean-Marie Maradin)
- Lexique hiérarchique (Olivier Bonami)
- Le mot dans la tradition chinoise (Alain Peyraube)
- Un trajet politique des mots ‘terroriste’ et ‘subversif’ au Brésil observé dans des dictionnaires (Eni Orlandi)
- Le mot dans la tradition syriaque (George Bohas)
- Le dictionnaire explicatif et combinatoire et la syntaxe de dépendance (Igor Mel’cuk)

Duração: fevereiro de 2000 a maio 2001

Séminaire d’Histoire des Théories Linguistiques

Responsable: Jean-Marie Fournier (UMR7597 Université de la Sorbonne-Nouvelle / Paris 3)

Esse foi um seminário basicamente desenvolvido pelo professor responsável, todavia, enriquecido e estendido por meio das discussões havidas depois das exposições. Apenas uma sessão teve como palestrante estrangeira a Prof.^a Dr.^a Eni Orlandi, da UNICAMP. O tema do seminário foi “La grammaire française du XVIIe et XVIIIe siècles”. Sumariamente, os pontos tratados durante as palestras foram os que relaciono a seguir:

- Concept de grammaire
- La grammatisation du français

- Le discours du grammairien
- Rapport entre le discours du grammairien et le discours de l'exemple
- Comment est-ce que s'installe la norme de la grammaire
- La formation de l'exemple: caractéristiques de forme et de sens
- L'histoire de l'élaboration d'une règle

Duração: dezembro de 2000 a maio de 2001

Séminaire Sociolinguistique et francophonie

Responsable: Françoise Gadet (F4 S07) Université de la Sorbonne-Nanterre / Paris X)

A fim de “contrabalançar” a visão histórica oferecida pelos seminários apresentados acima, julguei importante assistir a um seminário de Sociolinguística, área a que, também, estou ligada. Escolhi o de Françoise Gadet, autora de obras importantes no que diz respeito à construção da norma atual do francês, como, por exemplo, *La grammaire d'aujourd'hui*, escrito em coautoria com M. Arrivé e M. Galmiche, e *Le français polulaire*, da coleção *Que sais-je?*, e, também, *Le français ordinaire*, em que discute sempre a noção de norma, de erro e julgamento linguístico.

Os temas desse seminário foram, em suma, os seguintes:

- Le ‘problème’ de la Sociolinguistique
- Le changement linguistique
- L'oral et l'écrit
- Contact et conflit de langue

Duração: novembro 2000 a maio de 2001

Grupos de Trabalho

A participação em grupos de trabalho foi extremamente enriquecedora porque esse foi um espaço em que o contato com colegas franceses tornou-se mais próximo, o que possibilitava sempre a troca de experiências e ideias sobre a pesquisa histórica, muitas vezes voltada para as mais diversas línguas do mundo. No grupo de trabalho sobre o exemplo, tive oportunidade de apresentar o trabalho *Le discours du grammairien et de l'exemple dans les grammaires portugaises du XVIe siècle*. Nessa ocasião, pude discutir especificidades das primeiras gramáticas do português com especialistas em gramáticas de diferentes línguas, o que constituiu excelente oportunidade para testar as hipóteses sobre as quais assentam minha pesquisa. No Grupo de Estudo de História da Língua Francesa (G.E.H.L.F), do qual me tornei membro efetivo (doc. 224), tive a oportunidade de discutir

pormenores sobre o trabalho de historiografia da língua com pesquisadores que trabalham, como eu, sobre a constituição da norma. No caso deles, como é lógico, sobre a norma do francês, dentre esses pesquisadores cito, especialmente, Michel Glatiny, autor de muitos textos sobre o assunto.

Groupe de Travail sur l'Exemple

Président: FOURNIER Jean-Marie

Membros: Jean-Marie Fournier; Sylvie Archaimbauld; Bernard Colombat; Isabelle Klock-Fontanille; Jean-Luc Chevillard; Jean-Patrick Guilhaume; Jean Lallot; Nicole Arnold e Marli Leite.

Objetivos:

- Discutir teoria e metodologia de tratamento do exemplo na gramática tradicional;
- Definir o estatuto discursivo do exemplo;
- Analisar exemplos em gramáticas tradicionais, desde a antiguidade até nossos dias, de diversas línguas do mundo, vivas ou mortas, tais como: francês, português, árabe, tâmil, latim, grego.

Reuniões: Mensais

Groupe d'Étude em Histoire de la Langue Française (GHELF)

Presidente: Françoise BERLAN

Membros: Wendy Ayres-Bennet; Philippe Caron; Michel Glatiny, Jean-Pierre Seguin; Madeleine Reuillon; Claire Badiou-Monferran; Anna Battaglia; Danielle Bouverot; Delphine Denis, Rita Limberti; Marli Leite, dentre outros.

Objetivos:

- Analisar a história da língua francesa.
- Discutir aspectos do uso e norma da língua francesa, por meio de documentos escritos de diversa natureza, desde a sua formação até nossos dias.
- Comparar diferentes estágios da gramática francesa.

Reuniões: Mensais

Apenas como ouvinte, participei de alguns colóquios igualmente importantes à continuação de meu trabalho. Foram eles:

Título: Colloque International Lyon et l'illustration de la langue à la Renaissance

Local: Lyon - École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines

Data: 6-9 décembre 2000

Título: Colloque International entre norme et usage: le travail des remarqueurs sur la langue Française

Local: Paris – École Normale Supérieure

Data: 16-18 novembre 2000

Título: Réunion Annuel de la Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences de Langage

Local: Lyon - École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines

Data: 03 de février 2001-05-23

Título: Journées scientifiques de l'histoire des théories linguistiques

Local: Université Paris VII – Denis Diderot

Datas: 21/10/2000; 16/12/2000; 24/03/2001; 19/05/2001.

Título: Racynes et étymons en sémitique

Local: ENS Lettres & Sciences Humaines

Data: 23/07

Título: Cycle de conférences publiques : l'Orient

Local: ENS Lettres & Sciences Humaines

Data: 25/07

Título : Académie des Langues Anciennes

Local: ENS Lettres & Sciences Humaines

Data: 23/07 a 02/08.

Assim, participar da realização de um estágio de pós-doutorado, na área da História e Historiografia Linguística, em Paris, foi uma experiência, posso dizer sem medo de estar errando, muito enriquecedora do ponto de vista intelectual e científico. Durante a estada de um ano em Paris, ouvi discussões extremamente atualizadas, sobre os temas da área, das quais participaram pesquisadores de diversos países, que apresentavam trabalhos sobre as mais diferentes línguas.

Desse modo, pude ouvir conferências e participar de reuniões em que se discutiam características tanto de línguas antigas como modernas, com maior

ou menor prestígio, em termos de número de falantes, ou de importância sócio-histórica de seus falantes. Não foram poucas as vezes que ouvi conferências sobre, por exemplo, o tâmil, a mais culta das línguas dravídicas, falada pelos tâmeis, povo que habita a Índia meridional e o Norte e Oeste do Ceilão, as línguas africanas, o árabe, o chinês, além de outras como o latim, o grego, o siríaco ou o sânscrito.

Em minha opinião, o fato de a pesquisa estar ligada de um lado a um laboratório de Linguística, muito ativo, como é o Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques, e, de outro, à equipe da Société d'Études d'Histoire des Idées Linguistiques foi decisivo para o desenvolvimento e bom andamento do trabalho. Isso porque, além da biblioteca especializada, que conta tanto com livros quanto com periódicos, os coordenadores dos grupos estavam sempre disponíveis a encontrar soluções para os problemas que às vezes apareciam sobre bibliografia, ou outros em geral.

Além de tudo, o Laboratório conta com um sistema de comunicação, eletrônico e convencional, preciso, que visa a manter os pesquisadores informados de todas as atividades programadas pelos grupos que formam a grande equipe e, também, de todos os eventos mundiais relacionados ao estudo histórico das línguas.

Outro fator que considerei fundamental para o prosseguimento de meu trabalho foi a integração com vários grupos de pesquisa, todos voltados para o mesmo campo científico, porque a diversidade de pontos de vista permite sempre maior flexibilidade de raciocínio e, portanto, maior reflexão sobre pontos teóricos e metodológicos caros à construção do trabalho científico.

Em virtude do caráter histórico da pesquisa, o trabalho foi completamente realizado por meio da pesquisa teórica e, por isso, a diversidade e a riqueza das bibliotecas de Paris foi fator fundamental para que o objetivo fosse alcançado

A Docência: Graduação

DISCIPLINAS MINISTRADAS

No DLCV, fiquei responsável, durante o período de 94/98, pelas disciplinas Língua Portuguesa II - Morfologia e Língua Portuguesa VII - Língua oral: Variedades Linguísticas (doc. 29). Esta, sempre oferecida no segundo semestre do ano letivo, objetivava dar ao aluno uma visão clara da importância e repercussão do relacionamento língua/sociedade e das variações linguísticas dela decorrentes. Adicionalmente, estudava-

se a especificidade da língua falada e suas características estruturais e linguísticas. Ao final do curso, o aluno devia ser capaz de realizar uma pequena pesquisa, de caráter monográfico, explorando as duas vertentes da disciplina. A disciplina Língua Portuguesa II trazia o estudo da morfologia da língua portuguesa, em especial o estudo dos morfemas gramaticais e lexicais. Desse modo, o aluno fazia análise, na medida do possível aprofundada, sobre a formação do feminino, em oposição ao masculino, do plural, em oposição ao singular, e da formação de palavras por derivação sufixal e prefixal. Ao final do curso, o aluno apresentava monografia em que estudava um dos temas, analisando textos jornalísticos ou literários.

Depois da reforma do curso de Letras e da implantação do curso básico, desde 1999, tenho ministrado disciplinas do início e do fim do curso. Ao longo de minha carreira na Universidade de São Paulo tenho-me dedicado à graduação. Em verdade, desde o início de minha carreira na USP trabalho nas “duas pontas” do curso: no primeiro ano, ministrando as disciplinas do curso básico, Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa I e II, e, no quarto ano, as disciplinas Teorias do Texto Escrito I - Fatores de Textualidade, que, desde 2008, passou a ser denominada Teorias do Texto - Enunciação, Discurso e Texto, e a disciplina Teorias do Texto Escrito II: Argumentação e Discurso, que passou a ser denominada Tópicos em Teorias do Texto. Até 2007 essa última disciplina era obrigatória, porém, em 2008, teve seu status de obrigatória alterado para optativa livre (doc. 366).

A disciplina Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa I visa a oferecer ao aluno uma visão histórica da língua portuguesa, em geral, e, em particular, do português do Brasil, além de tratar de aspectos de variação linguística, como dialetos e registros, e de norma linguística.

Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa II é disciplina que versa sobre língua falada e oralidade e seu objetivo é, de um lado, caracterizar estrutural, linguístico e discursivamente a primeira, e, de outro, estudar as características que definem a segunda. Como na antiga Língua Portuguesa VII, no fim do curso, os alunos desenvolvem uma pesquisa de campo, gravando e transcrevendo um diálogo espontâneo, para depois analisar sua organização estrutural e linguística e interpretar o enquadre discursivo do enunciado sob análise.

Com a disciplina Teorias do Texto - Enunciação, Discurso e Texto objetiva-se apresentar ao estudante um conjunto de teorias voltadas à investigação da constituição e funcionamento do texto, assim como de seu encaixe em cada uma das esferas sociais. São estudadas principalmente as teorias da enunciação, principalmente de origem benvenistiana, e a teoria dialógica, bakhtiniana.

Já quando ministro a disciplina Tópicos em Teorias do Texto - hoje optativa para os

² Ainda há, neste 1º semestre de 2013, 52 alunos do currículo antigo que não cumpriram essa disciplina.

alunos ingressantes de 2008 para cá, mas ainda obrigatória para os ingressantes de anos anteriores² - trabalho que as teorias da argumentação, com os princípios argumentativos da retórica clássica e, depois, com os da nova retórica, para, então, alcançar as teorias da argumentação e no final tratar de princípios das teorias pragmáticas.

O trabalho com alunos do primeiro ano de Letras é delicado, porque os ingressantes, em geral, entram para o Curso sem conhecer sua estrutura e objetivos. Muitos, como eles mesmos confessam, imaginam que, no Curso de Letras, iriam, de um lado, “aprender português”, estudando as normas da variedade padrão da língua e, de outro, aprender a redigir bem. A realidade, todavia, é bem diferente. No Curso, exige-se que o aluno já tenha bom domínio, ou ao menos domínio razoável, da norma culta e, também, que já saiba articular ideias em textos falados e escritos, especialmente nos textos escritos dos gêneros monográficos. O estudante ingressa sem saber que o objetivo do Curso, no que tange ao âmbito do estudo da língua portuguesa, é torná-lo capaz de compreender e analisar o funcionamento da língua enunciada em todas as manifestações discursivas. Tal situação causa, para muitos estudantes, um choque que os leva, não raro, a desistir da Faculdade.

Alguns estudantes, contudo, não desistem do Curso e procuram ajuda dos professores. Nesse momento, o papel do docente responsável pelas disciplinas do curso básico é fundamental, pois é pela interação com o aluno que é possível levá-lo a compreender os objetivos e a organização do Curso, fazendo-o, dessa maneira, aceitar o que lhe é oferecido nas diferentes disciplinas pelas quais vai passando. O resultado do acompanhamento feito pelo professor, a quem o aluno recorre em razão do vínculo de confiança que se firma durante as aulas, é compensador. Vivi muitas dessas situações e me senti realizada ao ver o estudante – aquele que me havia procurado assustado, no início do curso, até pensando em desistir de Letras para tentar outra carreira - já formado, exercendo a profissão, ou graduado e aluno de pós-graduação. Alguns desses, inclusive, já estão com mestrado ou doutorado concluídos. Isso alimenta e mantém vivos todos os que são envolvidos com essa profissão.

Vale lembrar, a propósito desse assunto, que a Pró-Reitoria de Graduação criou um programa especial para atender aos ingressantes. Trata-se do programa de bolsas denominado Tutoria Acadêmico Científica, cujo objetivo é possibilitar que um docente acompanhe de perto três estudantes, a fim de apoiá-lo durante seu primeiro ano na Universidade e, também, introduzi-lo no mundo acadêmico, apresentando-lhe a linguagem e a metodologia científicas. Esse é um programa especial de Iniciação Científica. Pessoalmente, tive dois alunos desse programa no ano de 2012.

Já o trabalho com os alunos de quarto ano é mais fácil, sob esse ponto de vista, pois a tal altura, o estudante está mais maduro e já tem perspectiva de como

vai inserir-se profissionalmente. Além disso, está preparado para participar dos diálogos mais técnicos e teóricos, por meio dos quais é possível ouvir o professor empregar a terminologia científica própria da área.

Nos últimos anos, tenho trabalhado preferencialmente com os estudantes do curso noturno, tanto do primeiro quanto do quarto ano, por dois motivos: primeiro, por entender que o aluno dos cursos noturnos, embora mais cansado, é mais interessado, mais preparado e mais maduro; segundo, por uma razão mais pessoal, por poder, durante o dia, reservar tempo para estudo, pesquisa, preparação de aulas e, também, para participar de reuniões (doc. 367). Além disso, estive de 2007 a 2012, muito engajada com a gestão universitária e não permitia que reuniões de gestão acadêmica, ou outros compromissos, interferissem em minhas atividades docentes. Ficava, assim, a noite incólume, reservada para o ensino.

Explico mais um pouco as duas razões que sempre me ligaram ao curso noturno. A preferência, ou a escolha da atuação no noturno, deve-se, também, à característica do público que é, predominantemente, formado por “estudantes-trabalhadores” e que, em grande parte, já têm uma graduação concluída e que vêm fazer Letras por afinidade com a área. Há, por exemplo, os advogados que querem compreender melhor o funcionamento do discurso e da língua, há os religiosos que, pela mesma razão dos advogados, vêm completar sua formação, há professores de outras disciplinas - como de História, Geografia e Filosofia - que desejam aprender a tratar a língua para se qualificar como docentes em suas áreas, há os amantes de literatura, e há os que querem mudar de área de atuação e utilizar profissionalmente o que aprendem no Curso de Letras. Há, também, é claro, aqueles que fazem sua primeira graduação e estão no curso com objetivo definido, seja o de ensinar, seja o de atuar com editores, revisores ou críticos de literatura. Enfim, é um público, em geral, especial, que me dá imenso prazer na interlocução.

Como, neste ano de 2013, deixei a presidência da Comissão de Graduação (abr2009-mar2013) e, também, o cargo de Assessora Técnica da Pró-Reitoria de Graduação (fev2010-fev2013), voltei a lecionar no período da manhã. A minha ligação com a gestão institucional, contudo, continua, pois fui eleita Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas em fevereiro de 2013, como relatarei à frente.

Entendo ser importante ressaltar que ambas as disciplinas estão relacionadas a uma das linhas de pesquisa de que participo: Linha 1 - Estudos do discurso em língua portuguesa - contribuição aos estudos do discurso e do texto em língua portuguesa, em suas modalidades e práticas discursivas. Desse modo, a inter-relação entre ensino e pesquisa se faz, naturalmente, em benefício do estudante, que participa e tem acesso a conhecimentos novos produzidos pelo docente, e tem, ainda, oportunidade de ter notícias e conhecer a bibliografia nova produzida também pelos demais pesquisadores

da área, com os quais temos relacionamento direto ou indireto. Apresento a seguir um quadro que mostra a relação de minha produção científica com as disciplinas que ministro:

DISCIPLINA	TEXTOS PUBLICADOS
Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa	<p>Varição Linguística: aspectos históricos In: Variações na fala e na escrita. São Paulo : Humanitas, 2011, v.11, p. 19-77. (Capítulo)</p> <p>Interação pela linguagem: o discurso do professor. In: Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. Contexto : 2011, p. 55-66. (Capítulo)</p> <p>A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística In: Linguística de Texto e Análise da Conversação. São Paulo : Cortez, 2010, p. 49-87. (Capítulo)</p> <p>Do Falado ao Escrito e vice-versa In: Oralidade em Textos Escritos. São Paulo : Humanitas, 2009, p. 73-94. (Capítulo)</p> <p>Cortesia e descortesia: a questão da normatividade In: Cortesia verbal. São Paulo : Humanitas, 2008, v.09, p. 49-87. (Capítulo)</p> <p>O diálogo no diálogo: a dupla expressão do discurso do outro In: Diálogo na fala e na escrita. São Paulo : Humanitas, 2008, v.7, p. 85-119. (Capítulo)</p>

Amar, verbo intransitivo, na transitividade do uso e da norma linguísticos In: Texto, Discurso e suas Práticas. São Paulo : Terracota, 2010, p. 79-93. (Capítulo)

Teorias do Texto Escrito I –
Fatores de Textualidade

Oralidade, escrita, gênero e mídia: entrelaçamentos. In: Oralidade em diferentes discursos. São Paulo : Humanitas, 2006, v.8, p. 85-110. (Capítulo)

Tópicos em Teorias do Texto Escrito – Argumentação e Discurso

A carta pessoal: metodologia e análise In: Modelos de análise linguística. São Paulo : Contexto, 2009, v.1, p. 115-133. (Capítulo)

Preconceito e intolerância na linguagem. São Paulo : Contexto, 2008. (Livro)

Muitas vozes em uma só: a Terceira Margem do Rio. Investigações : UFPE, p. 57-80. (Artigo)

Uma aplicação da análise do discurso ao texto legal In: Linguagem e suas aplicações no Direito. São Paulo : Paulistana, 2007, p. 11-30. (Capítulo)

Resumo: o que é, como se faz. São Paulo : Paulistana, 2006. (Livro)

Entrelaçamento ensino e pesquisa

Destaco que, no 1º semestre de 2007, ministrei a disciplina Português Instrumental, para alunos da Faculdade de Economia e Administração, do curso de Contabilidade, para atender à demanda da Área de Filologia e Língua Portuguesa (AFLP). Na ocasião, a docente responsável pela disciplina encontrava-se impossibilitada de ministrá-la, por problemas de saúde. A experiência com alunos de outra área, que não a de Letras, foi proveitosa, embora desgastante, pela quantidade de aulas e, também, pela característica dos alunos, não tanto interessados em estudar aquele conteúdo.

Outra experiência de docência, na USP, com alunos de outra Unidade, aconteceu em 2012, quando fui lecionar a disciplina Língua Portuguesa a alunos do Instituto de Matemática e Estatística (IME). Diferentemente com o que ocorreu na FEA, os alunos do IME gostaram demais de fazer a disciplina, cujo conteúdo foi “produção de texto acadêmico: artigo”. Não eram muitos alunos na classe, e o trabalho foi tão produtivo a ponto de um aluno se interessar pela Linguística e querer trazê-la ao que estuda no IME (teoria da computação).

Depois de falar sobre o que lecionei, passo a me ocupar de como ministrei essas disciplinas, ou melhor, depois de apresentar o objeto de meu trabalho na docência, passo a me ocupar do método pelo qual o desenvolvi. Sobre isso, é preciso dizer que, por princípio, não tenho os cursos completamente prontos para serem repetidos ano após ano, pois eles vão-se reconstruindo à medida que vão sendo ministrados. Além disso, segundo penso, cada turma tem suas características, suas diferenças umas em relação às outras, e, por isso, merece ter materiais, bibliografia e modo de apresentação do curso, na medida do possível, novos e atuais. É claro que a natureza das disciplinas que estão sob a minha responsabilidade durante todo esse tempo exige e permite que eu possa assim proceder.

Trato primeiro da metodologia das aulas da disciplina Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa II, cujo tema central é língua falada/oralidade. O início dos trabalhos nessa disciplina é a discussão sobre “discurso”, para depois, levar os alunos à compreensão dos demais conceitos-chave do curso (enunciação, oralidade, gênero). Para desenvolver esse trabalho, atuei nas turmas de modos variados: com discussões em seminários (2007), com aulas teóricas alternadas com práticas (2008), com resolução de problemas (2009), e elaboração de mapas conceituais (2010) para a fixação da parte teórica.

Para todas as turmas de IELP II, contudo, há uma metodologia que se repete. Trata-se da pesquisa empírica com a língua falada/oralidade, realizada por grupos de, no máximo quatro alunos, para finalizar a disciplina. Em cada ano que ministrei essa disciplina, elejo um gênero do discurso oral a ser investigado pelos alunos assim, já

trabalhamos com diálogos familiares, entrevistas radiofônicas, diálogos assimétricos entre chefe e funcionário, ou entre professor e aluno, palestras e conferências, conversações entre amigos, narrativas pessoais etc. Há, também, os temas relativos ao cruzamento das modalidades linguísticas (a falada e a escrita) e, nesse caso, os alunos trabalham com gêneros da modalidade escrita para verificar neles a presença da oralidade, como as cartas pessoais, a escrita literária, a crônica etc.

O trabalho é feito em etapas, a partir da definição do objeto a ser apreendido: primeiro, apresento aos alunos os princípios orientadores da pesquisa sociolinguística: o objetivo, a escolha de informantes de acordo com as variáveis selecionadas, a ética que envolve o trabalho, a gravação; depois, o grupo transcreve o texto gravado, usando as normas apresentadas pelo professor (as estabelecidas pelo Projeto NURC); em seguida, a transcrição do material; por último, e de acordo com o corpus, a definição do tema a ser explorado, a análise do corpus e, finalmente, a redação da monografia. Todas as etapas são acompanhadas pelo docente (e monitor do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE, quando ele existe), do seguinte modo: os grupos gravam o material e o apresentam ao docente, que ouve um pequeno trecho da gravação para se certificar se o que foi colhido tem boa qualidade de áudio e se é pertinente para o desenvolvimento do trabalho. Em seguida, os alunos começam a fazer a transcrição, apresentam-na a mim, ainda em rascunho, para que verifique se tudo está de acordo com as normas, ou se é necessária mais alguma orientação. Depois, os alunos se reúnem comigo para discutir o tema e as partes do trabalho. Finalmente, os alunos redigem a monografia e a apresentam à classe, a todos os colegas, em um seminário. Para isso, ficam reservadas duas ou três aulas, a depender do número de grupos de estudantes, para a apresentação oral da pesquisa realizada. Ao final de cada apresentação, comento os pontos positivos e negativos do trabalho do grupo (inclusive considerando tudo o que antecedeu à apresentação), atribuo os pontos àquela etapa e recebo o trabalho escrito (acompanhado da mídia com o texto oral gravado). O trabalho escrito é analisado, anotado e devolvido aos alunos.

A prática de seminários, muito comum e adotado por todos os docentes, inclusive por mim, para estudo de temas teóricos, consiste em fazer os alunos agruparem-se, segundo suas afinidades, para aprofundar o estudo de um tema apresentado em aula por meio de uma exposição, com base em uma bibliografia fornecida pelo professor. Há, nesse caso, um cronograma para as apresentações, e os alunos apresentadores são avaliados tanto pelo trabalho de preparação do seminário (que eu mesma acompanho, ou o monitor PAE, em encontros de acompanhamento), quanto pela apresentação em si: organização, utilização de materiais, linguagem e conteúdo.

O método de Resolução de Problemas foi aplicado em 2009, e teve muito sucesso. O conteúdo do curso foi dividido em quatro partes e, para cada uma delas, formulamos perguntas que desencadeavam as ações de pesquisa bibliográfica e prática dos alunos. A pesquisa sobre a tradição oral, vale ressaltar, levou alunos a comunidades indígenas do estado e São Paulo, e houve até um grupo que tentou ir até o Xingu, mas não obteve licença para a viagem de pesquisa. Esse trabalho dos alunos, de que constaram textos e fotografias, foi exposto em pôsteres, no corredor vizinho de nossa sala de aula, para que os colegas da mesma disciplina, alunos de outros docentes, pudessem apreciá-lo (ou dele beneficiar-se). A exposição durou uma semana. Já o trabalho com os gêneros da oralidade levou os estudantes (alguns grupos) às salas de aula do Ensino Básico para investigar como esse conteúdo é tratado pelos professores, e como, nos manuais didáticos, a oralidade é considerada (quando o é). A última atividade foi, como acontece em todas as turmas dessa disciplina, a gravação, transcrição e análise de um texto falado, cujo gênero foi de livre escolha dos grupos.

O trabalho com essa turma foi longo e árduo, pois as discussões em grupo, na presença do professor, eram acaloradas e tinham como fundamento uma “bibliografia aberta”, já que o aluno tinha liberdade para escolher os textos que fundamentassem a resposta que deveriam dar à pergunta formulada. Registro que a participação da monitora foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, pois ela, além de interessada em questões relativas ao ensino, era (é) uma profissional séria e competente.

Na turma de 2010 trabalhei com mapas conceituais (mind maps), pelos quais os alunos “desenhavam” a parte teórica do curso. Primeiro, fiz uma apresentação sobre o conceito e técnica dos mapas, oferecendo, também, uma pequena bibliografia sobre o assunto. Verifiquei que, na sala, havia alguns alunos que já trabalhavam com essa técnica, aprendida no cursinho pré-vestibular, e que, por isso, me ajudaram a levar os colegas à aprendizagem da técnica. Os alunos, a cada etapa do curso em que eram introduzidos os novos conceitos, faziam seus mapas e os postavam no Moodle. A técnica foi proveitosa para os alunos e para mim, porque, de um lado, eles verificavam sua aprendizagem quando sintetizavam (ou tentavam sintetizar) no mapa o que haviam aprendido, de outro, eu podia avaliar muito rapidamente se os alunos haviam, realmente, assimilado o que tínhamos estudado, já que o mapa mostra claramente se o aluno dominou, ou não, os conceitos. Além disso, os estudantes mais astutos foram refazendo seus mapas anteriores, à medida que passávamos pelos conceitos que se completavam: discurso, enunciação, oralidade e escrita, gêneros.

Nas turmas das disciplinas de Teorias do Texto a metodologia não pode ser tão variada, em razão da natureza muito teórica da disciplina. Para amenizar tal situação, trabalho com método indutivo, levando o aluno a, antes de ser exposto à

teoria, observar no texto, a partir de perguntas cuidadosamente formuladas para este fim, aspectos do texto que serão, depois, explicados pelas teorias. Em geral, os alunos se sentem muito confortáveis com essa técnica, pois isso facilita a compreensão da teoria e, também, os capacita a analisar discursivamente o texto.

Além disso, procuro mostrar ao aluno que as teorias estudadas podem ser aproveitadas imediatamente, na leitura e interpretação de qualquer texto, falado e escrito. Para isso, procuro analisar textos de vários gêneros, facilmente encontráveis nos jornais e revistas. Nesse momento a tecnologia nos ajuda muito, porque abrimos o jornal do dia, usando a internet na sala e fazendo a projeção, pelo data show, para explorar notícias, de textos de opinião, de charges e outros gêneros textuais. Buscamos em revistas, reportagens e publicidades para analisar as estratégias discursivas empregadas pelos enunciadores e, também, os processos de textualidade, como, por exemplo, a coerência, a coesão, a referencialidade.

A plataforma Moodle é utilizada como ferramenta didática, pois permite mais interação entre alunos e professor e, ainda, facilita a troca de materiais e a resolução de problemas e dúvidas. Pelo fórum, os alunos trocam ideias sobre os temas que estudam, fazem os trabalhos coletivos e se organizam para as aulas. Em 2009, trabalhei comigo o doutorando Paulo Barroso, pelo PAE, que organizou as atividades no Moodle, catalogou vídeos e textos para as aulas e controlou a postagem de exercícios no Moodle. Essa, também, foi uma parceria muito proveitosa para todos: para mim, pela ajuda competente e eficiente do monitor; para os alunos, pelo acompanhamento pontual, virtual e presencialmente na sala de aula; para ele, pela experiência adquirida com a metodologia do trabalho com o discurso e o texto (segundo seu depoimento).

Nos últimos dois anos, repeti o trabalho com as disciplinas de Teorias do Texto e com a Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II, sendo que, no primeiro semestre de 2013, voltei a lecionar a Introdução I, para alunos de 1º semestre. Neste semestre (1º de 2013), pedi, como trabalho para avaliação, aos alunos a elaboração de um trabalho formulado em plataforma tecnológica, de um dos seguintes gêneros: blog, página eletrônica, podcast, revista eletrônica, documentário filmado, etc., que ficarão expostos na internet.

ORIENTAÇÃO (IC)

O trabalho individual com o aluno de graduação, nos programas de iniciação científica, sempre teve espaço reservado na minha prática docente. A ele dedico atenção especial, pois entendo que o estudante que se dispõe a fazer mais do que lhe é exigido pelo currículo é forte candidato a ser

pesquisador e a seguir a carreira acadêmica. Posso afirmar isso com tranquilidade, pois minha orientanda de IC, de 2003, Suzi Oliveira Lima, que fez com afinco sua pesquisa de iniciação, tendo sido, inclusive homenageada com menção honrosa do CNPq, fez, depois (2008) o mestrado na USP, na área de Linguística e atualmente realiza o doutorado na University of Massachusetts Amherst, no Estados Unidos, também na área de Linguística. Fico muito confortável por saber que tudo começou em minha sala, no segundo semestre do curso básico.

Outros alunos, como Thiago Lauriti, também menção honrosa em 2005, tiveram sucesso e continuam seus estudos. Alguns alunos que orientei mais recentemente, em 2007 e 2008, ou concluíram ou estão em fase de conclusão de seus cursos, com sucesso.

Dos alunos a seguir relacionados, alguns participaram de uma pesquisa coletiva sobre a importância da licenciatura na formação do professor de português. O interesse por esse assunto partiu dos próprios alunos, na ocasião em que estávamos, nós do curso de Letras, nos movimentando para implantar o novo modelo de licenciatura, como exigia a legislação. Nessa época, eu era a responsável pela condução do processo de implantação da licenciatura e era professora de Nivaldo Santos Filho, que, muito interessado em discutir a inclusão das disciplinas de licenciatura na grade curricular do curso de Letras, convidou mais quatro colegas para integrar o projeto que montamos juntos. Todos participaram do Programa Ensinar com Pesquisa, da Pró-Reitoria de Graduação e realizaram uma pesquisa qualitativa, entrevistando os colegas de curso sobre o tema e discutindo os resultados a que chegavam. O trabalho foi apresentado por dois desses alunos, no SIICUSP.

Rafael Aparecido Leite fez duas etapas de iniciação científica: a primeira, motivado pelas aulas do curso de Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa, para investigar, dentro do âmbito da oralidade, o gênero entrevista radiofônica. Depois, já no curso de Teorias do Texto, quis verificar como, na pesquisa brasileira, no recorte de teses defendidas na USP, a teoria da enunciação é citada e reinterpretada. Na primeira etapa, Rafael teve financiamento do CNPq e na segunda, da USP.

Juliana Moreira foi minha aluna no curso de Teorias do Texto e ficou motivada a investigar mais de perto os gêneros do discurso. Essa aluna fez a IC sem nenhum financiamento porque não quis parar de trabalhar. Mesmo desempenhando funções de funcionária de empresa, realizou uma pesquisa séria e produtiva. Também apresentou seu trabalho no SIICUSP, com muito sucesso. Em síntese, estes são os estudantes orientados:

Alfredo Christofolletti. A licenciatura e a formação de professores de português. 2008. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Ana Carolina Souza. A licenciatura e a formação de professores de português.

2008. Iniciação científica - Universidade de São Paulo.

Juliana Moreira. Gêneros discursivos e tipos textuais. 2007. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Márcia Oliveira. A licenciatura e a formação de professores de português. 2008. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Najla Campos. A licenciatura e a formação de professores de português. 2008. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Nivaldo Santos Filho. A licenciatura e a formação de professores de português. 2008. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Rafael Aparecido Leite. O desdobramento do gênero discursivo entrevista radiofônica. 2007. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Rafael Aparecido Leite. A presença de Émile Benveniste nos estudos enunciativos brasileiros: uma investigação no banco de teses da USP. 2008. Iniciação científica (Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.

Pedro Balle. Participante do programa Tutoria Acadêmico Científica, trabalhou sobre letras de canções de rap.

Reginaldo Matos. Participante do programa Tutoria Acadêmico Científica, trabalhou sobre o discurso dos cânticos védicos, com objetivo de identificar a historicidade desse discurso.

A Docência: Pós-Graduação

DISCIPLINAS MINISTRADAS

Embora, como antes comentado, meu regime de trabalho com a Universidade de São Paulo não fosse, desde o início, de tempo integral, mantive sempre um nível de envolvimento com a pesquisa e o ensino compatível com o do tempo integral, denominado Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). Tanto isso é verdade que, mesmo em Regime de Tempo Completo (RTC), sem obrigação, portanto, de envolver-me com a pós-graduação, em 1998, apresentei à Comissão de Pós-Graduação um programa de disciplina que foi credenciado e logo ministrado, no primeiro semestre de 1999. A disciplina Sociolinguística I, depois intitulada Metalinguagem uso e norma: o português do Brasil (docs. 28 e 229), foi credenciada pela Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no final do segundo semestre

de 1998. O objetivo dessa disciplina era o de analisar, sob a perspectiva do uso e da norma, o pensamento crítico (a metalinguagem) produzido sobre o português do Brasil, especialmente aquele formulado a partir de meados do século XX. Ministrei essa disciplina três vezes, sempre no 1º semestre de cada ano.

Depois que cheguei do estágio de pós-doutorado em Paris, ofereci, no primeiro semestre de 2005, em conjunto com uma professora francesa, Jacqueline Léon (CNRS-Paris) a disciplina denominada Perguntas e respostas: análise pragmática e conversacional. Estudo comparativo de conversações e entrevistas públicas). Essa disciplina estava alinhada com os objetivos da linha de pesquisa de estudos do discurso (linha 1), que precisava, também, ser alimentada.

Jacqueline esteve no Brasil, a meu convite (doc. 189), como pesquisadora pelo Projeto NURC/SP, para, de um lado, darmos andamento a uma pesquisa, iniciada quando estive na França, sobre diálogos, especificamente sobre os diálogos das entrevistas radiofônicas. O corpus organizado com os alunos de mestrado e doutorado (com alunos do francês e do português) prestou-se a inúmeras análises e discussões com alunos e colegas, e foi utilizado pelo aluno de IC Thiago Lauriti, laureado com menção honrosa pelo CNPq.

A visita da Prof.^a Jacqueline foi representativa não somente para o desenvolvimento de nossa pesquisa no âmbito do Projeto NURC, de onde partiu o convite oficial à professora, mas também para a difusão de outros trabalhos que ela vem desenvolvendo, especialmente no campo da História das Teorias Linguísticas. O programa da visita (doc. 190) incluiu palestras e conferências dentro e fora da USP e foi profícuo, a julgar pelas discussões que alunos e professores brasileiros mantiveram com a convidada.

Retomando a questão de meu envolvimento com a pós-graduação mesmo antes da nomeação, lembro que, quando parti para o pós-doutorado em 2000, deixei dois alunos em preparação para cursar o mestrado sob minha orientação: Pedro Luís Rodrigues e Nelson Rodrigues da Silva. O primeiro, logo que se inscreveu no programa de mestrado, ficou na cota de alunos de uma colega, Prof.^a Ângela Cecília Rodrigues; o segundo cumpriu, nesse tempo (2000-2001), um estágio de adaptação. Logo que cheguei ao Brasil, então, esses alunos foram inscritos como meus orientandos; depois, fui selecionando os demais, e a situação tomou seu curso normal.

As disciplinas ministradas são afins com as linhas de pesquisa em que desenvolvo meus trabalhos de pesquisa, como antes afirmado. A linha 1 (Estudos do discurso em língua portuguesa: contribuição aos estudos do discurso e do texto em língua portuguesa em suas modalidades e práticas discursivas) engloba as pesquisas que desenvolvo no âmbito do Projeto NURC/SP – Núcleo USP, no qual, além de

pesquisadora, desempenho um cargo de gestão juntamente com o Professor Dino Preti, Coordenador Científico. O objeto de pesquisa desse grupo é a oralidade e sua relação com a “escrituralidade”, como se tem dito atualmente. As pesquisas do NURC/SP são temáticas e, a cada ano, o grupo de pesquisadores publica, em forma de livro, os resultados de seus trabalhos. Já existem onze volumes publicados, dos quais participei sempre como autora de um capítulo,³ conforme será exposto nos item referente à pesquisa. Também desta linha faz parte a pesquisa sobre preconceito e intolerância linguísticos, que desenvolvi no Laboratório de Estudos da Intolerância (LEI), como era denominado até 2010, hoje, em nova fase de estudos e pesquisas, denominado Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos. Na primeira fase das pesquisas do grupo, ainda como LEI, apresentei trabalhos em seminários, publiquei artigos e um livro sobre preconceito e intolerância na linguagem, em 2007, pela editora Contexto (doc. 292). Na fase do Diversitas, tenho trabalhado com o tema tolerância e intolerância nas gramáticas e já apresentei dois trabalhos em congressos internacionais, como será adiante apresentado. Os trabalhos dessa linha têm alimentado a minha prática docente na graduação, na disciplina Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II e, em alguns aspectos, a disciplina de pós História das Ideias Linguísticas sobre o Português do Brasil: Constituição e Desenvolvimento.

Na linha 2 (Estudos diacrônicos e sincrônicos do português - contribuição para a gramática do português, de sua constituição histórica e de sua historiografia), desenvolvo pesquisa sobre história das ideias linguísticas, cujo objeto é a gramática, entendida como um instrumento linguístico (Auroux). É nessa linha que está alocado o projeto que desenvolvo sob os auspícios do CNPq, com uma bolsa de Produtividade e Pesquisa, do qual trato pormenorizadamente no item referente à pesquisa. Nessa linha, tenho as duas disciplinas de pós-graduação credenciadas atualmente: Uso e Norma em Gramáticas do Português e História das Ideias Linguísticas sobre o Português do Brasil: Constituição e Desenvolvimento.

Distribuídas por estas duas linhas estão as disciplinas com as quais trabalhei, ou tenho trabalhado.⁴ [Anexo III]

O trabalho com a disciplina História das Ideias Linguísticas sobre o Português do Brasil: Constituição e Desenvolvimento visa à análise do percurso das ideias sobre o português do Brasil, a partir do exame de textos metalinguísticos produzidos desde o primeiro quartel do século XIX, para, por meio deles, proceder-se ao estudo histórico dos principais conceitos teóricos presentes na discussão sobre a variante brasileira do português.

No curso, os estudantes veem que as características do português falado e escrito

³ À exceção do primeiro, de 1993, de que participei como coautora do Glossário sobre Análise da Conversação.

⁴ Fonte <https://uspdigital.usp.br/janus/comum/entrada.jsf> acessado no dia 25 de abril de 2013.

no Brasil sempre foram temas de discussões e polêmicas já que, em alguns aspectos, a variante brasileira se afasta da portuguesa, que era, no Brasil, aproximadamente até o último quartel do século XX, a única admitida como o padrão obrigatório para a realização “correta” da língua. Os textos sugeridos na bibliografia do curso revelam que alguns anos depois de sedimentada a independência política do Brasil essa hegemonia começou a ser, retoricamente, questionada, quando se passou a discutir a questão da autonomia, ou dependência, da variante brasileira ao cânone europeu. A bibliografia do curso mostra que houve, ao longo do tempo, quem se posicionasse a favor ou contra a legitimação de um padrão que refletisse a realidade linguística brasileira. São nesses textos, pois, que se encontram registradas as ideias linguísticas norteadoras de discussões que são, de um lado, importantes ao conhecimento das ideias linguísticas sobre o português praticado no Brasil, e, de outro, relevantes por estarem de acordo com o pensamento científico e filosófico, mundial e local, e por refletirem a circunstância sócio-histórica do Brasil. Epistemologicamente, é fundamental investigar essas ideias, estudar seus princípios e sua vinculação com o horizonte de retrospectão no qual se formaram, para avaliar em que medida os temas que conduziram a discussão sobre a língua no período focalizado são pertinentes, ou, ao contrário, em que medida constituem meros pretextos para a sustentação de argumentos de outra natureza.

Desse modo, os principais temas sobre o que se discute no decorrer do curso são: a constituição da ideologia nacionalista, ou manutenção da ideologia conservadora sobre a língua praticada no Brasil; o discurso sobre as características - léxicas e gramaticais - que diferenciam o português do Brasil do de Portugal; e a constituição da metalinguagem empregada na discussão sobre a língua praticada no Brasil. Essa disciplina foi oferecida duas vezes, nos últimos anos: no 1º semestre de 2006 e no primeiro semestre de 2010. (doc. 369)

A disciplina *Uso e Norma em Gramáticas do Português* fundamenta-se no pressuposto de que a gramática é um instrumento linguístico em que se registram conhecimentos sobre a língua, e que, por essa razão, considera-se relevante estudá-la em busca de informações acerca da constituição da norma gramatical. Aliado a esse fato, é importante mostrar como o uso linguístico (prestigioso e não prestigioso) aparece no corpo da gramática, confluindo para a fixação da norma. Por isso, dentro do quadro da história das ideias linguísticas, analisam-se os discursos fundadores da gramatização da língua portuguesa - as gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540). Essas obras, que simbolizam o “nascimento da gramática portuguesa”, foram analisadas com especial ênfase sobre o aproveitamento do uso linguístico para a fixação da norma. Depois, observa-se o desdobramento histórico

desse discurso, tanto no que tange ao seu aproveitamento quanto à sua rejeição (pela negação ou pelo silêncio), nas principais gramáticas portuguesas que lhes sucederam, nos séculos XVII, XVIII. As gramáticas analisadas dos séculos XIX, XX e XXI são as brasileiras. Mostra-se, além disso, de que modo a gramática tradicional, ao longo do tempo, vai incorporando outros princípios (novos ou não) ao sistema de conhecimento greco-latino que lhe é fundador. São exemplos disso alguns manuais escritos a partir das teorizações da gramática geral, da gramática comparada, da gramática filosófica, gramática estruturalista e das teorias do texto e do discurso.

Ainda na linha da História das Ideias Linguísticas, ministrei juntamente com a Prof.^a Dra. Jacqueline Léon (CNRS – Paris) e a Prof.^a Dra. Maria Clara Paixão (DLCV), parte da disciplina História e Epistemologia em Linguística: a Revolução Tecnológica da Gramática. No curso, estudaram-se aspectos relevantes da historiografia e epistemologia da linguagem, a partir do reconhecimento de duas etapas da revolução tecnológica da linguagem: a primeira, a da gramatização das línguas vernáculas, com ênfase no estudo dos instrumentos linguísticos portugueses; e a segunda, a da mecanização da linguagem. Além disso, objetivou-se proceder ao exame epistemológico das concepções linguísticas subjacentes aos instrumentos linguísticos, objetos de análise escolhidos para o desenvolvimento do curso.

Discussões relevantes foram realizadas com os alunos, que eram já engajados, ou interessados, na pesquisa historiográfica, tendo em vista a importância do conhecimento da história e epistemologia da ciência da linguagem para o desenvolvimento dos trabalhos relacionados à historiografia. A disciplina constituiu uma das atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa em historiografia das ciências da linguagem, que se vem realizando pelos pesquisadores participantes do GT Gramáticas: história, descrição e discurso, inscrito no diretório de pesquisa do CNPq.

Além disso, a disciplina fez parte do intercâmbio científico mantido por meio de um convênio, entre a FFLCH e a Universidade de Paris VII (UMR 7597), com os pesquisadores integrantes do Laboratoire d'Histoire et Théories Linguistiques, do qual faz parte a professora Doutora Jacqueline Léon.

Além dessas disciplinas, fui responsável, juntamente com a Prof.^a Diana Luz Pessoa de Barros e a Prof.^a Jacqueline Léon, por duas outras disciplinas credenciadas no quadro do convênio FFLCH, foram elas Norma, variação e mudança linguísticas e seu registro nos instrumentos linguísticos e História e epistemologia das ciências da linguagem. A segunda disciplina constituiu uma das atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa em historiografia das ciências da linguagem, que se vem realizando pelos pesquisadores participantes do GT Gramáticas: história,

descrição, antes referido. As disciplinas foram ministradas a partir da sala de aula da universidade francesa e transmitidas para a sala de aula da FFLCH-Letras, por videoconferência. Essa foi uma experiência inovadora - senão na USP, pelo menos na FFLCH - e de grande proveito para os participantes.

Particpei de ambas não somente como responsável e organizadora mas também como ministrante. Na primeira, fiz o seminário intitulado “Registres de variation linguistique dans les grammaires du portugais” e na segunda, “Portugais et latin dans les grammaires portugaises du XVIIIe siècle”.⁵

Os seminários por videoconferência, embora não mais credenciados como disciplinas de pós, continuaram a ser transmitidos de Paris VII para a FFLCH-Letras até o biênio 2010-2011 e dele participam convidados e participantes do GT Gramáticas: descrição, história e discurso.

Ainda no quadro do convênio, convidamos - o Prof. Dr. Marcos Martinho (DLCV - Latim) e eu - o Prof. Dr. Bernard Colombat, também da Université de Paris VII - Denis Diderot, para ministrar a disciplina A Constituição, o Desenvolvimento e a Difusão da Gramática Latina no Mundo Ocidental, da qual participamos como co-responsáveis. Para estudar a fonte latina da gramática portuguesa, trouxemos o latinista mais atuante da França, hoje, que é o Prof. Colombat. Para que a estada dele tivesse sucesso, associei-me com o colega latinista e juntamos os nossos estudantes, de latim e de português, para a realização do curso, o que foi muito enriquecedor. Meu papel nessa disciplina foi o de organizar, juntamente com o Prof. Marcos, as atividades do professor francês e, também, a de participar dos seminários como debatedora, da conferência e dos colóquios programados. Não posso deixar de registrar que a atuação do Prof. Marcos foi muito mais ativa do que a minha pela extrema proximidade dos conteúdos dos seminários com a pesquisa do Professor e dos alunos de latim. O meu interesse, e de meus orientandos, era, não diria marginal, mas paralelo, ao dos colegas do latim, pois estávamos ali para estudar como a gramática portuguesa se desenvolveu com fundamento nos temas presentes nas gramáticas latinas, o que, sem dúvida, foi extremamente proveitoso. (doc. 370)

FORMAÇÃO DE PESSOAL

Apresento a seguir o resultado de meu trabalho de orientação. As dissertações e teses distribuem-se em ambas as linhas de pesquisa de que faço parte. Nesse momento, trabalho para refazer meu grupo de orientandos, constituído atualmente de quatro estudantes, dois de doutorado e dois de mestrado. Esse baixo número decorre do fato de alguns alunos

⁵ Programa disponível em <http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/semin.html>.

interessados nas linhas de pesquisa em que atuo terem tido problemas com o exame de proficiência em língua estrangeira e, por isso, nos dois últimos semestres não tive novos orientandos.⁶ Além disso, a o Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa alterou as regras e o ingresso dos pós-graduandos passou a ser anual. Para 2014, então, abri 3 vagas, duas de mestrado e 1 de doutorado.

MESTRADOS CONCLUÍDOS

Aluno: Pedro Luís Rodrigues (doc. 84)

Data da defesa: 08/06/2004

Título: **Intolerância nas crônicas metalinguísticas de Pasquale Cipro Neto.**

Título: Marcas de intolerância nas colunas metalinguísticas: um estudo de caso.

Resumo: A dissertação tem como objetivo principal demonstrar, por meio de um estudo de caso, algumas marcas de intolerância linguística presentes nas colunas metalinguísticas veiculadas pela mídia impressa no Brasil. A pesquisa tem como corpus para investigação as colunas metalinguísticas de Pasquale Cipro Neto, escritas, originariamente, para o jornal Folha de S. Paulo e que, depois, foram integradas ao livro *Incultura & Bela*. Também, outras dessas colunas foram publicadas na revista *Cult*. Essas colunas têm como proposta discutir questões de realização da norma culta da língua portuguesa e são ancoradas nos dois principais instrumentos linguísticos de apoio a essa norma: o dicionário e a gramática. Outro objetivo é o de, pela análise da enunciação, mostrar quais são as estratégias discursivas utilizadas pelo autor para interagir com o leitor dessas colunas e, também, quais os procedimentos utilizados pelo colunista para obter efeitos de sentido específicos: afastamento ou aproximação em relação ao discurso construído. O método utilizado é o indutivo, pois se visa a verificar os registros sobre metalinguagem no corpus selecionado, para se chegar à concepção de língua e atitude linguística do autor. Partimos dos pressupostos da Sociolinguística e da Teoria da Enunciação e desenvolvemos a pesquisa pela técnica da Análise do Discurso. Metodologicamente, analisamos os textos como produtos da enunciação, da interação, o que nos conduz ao tratamento de dados extralinguísticos que entram na configuração dos sentidos do texto. (Rodrigues, Pedro Luís)

Aluno: Nelson Rodrigues da Silva (doc. 86)

Data da defesa: 09/12/2005

Título: **O papel de Napoleão Mendes de Almeida no cenário dos estudos**

⁶ Deve haver algum erro na formulação da prova, pois alunos experientes em inglês, candidatos de outros colegas, têm sido reprovados. Esse é um problema que o Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa tem enfrentado e deve investigar as causas dessas reprovações, junto ao Centro de Línguas, que elabora e aplica as provas.

linguísticos brasileiros: conservação e intolerância.

Resumo: A dissertação analisa o papel do professor Napoleão Mendes de Almeida no contexto dos estudos linguísticos brasileiros, com especial interesse em sua atitude conservadora ou intolerante frente a certas questões gramaticais diante da língua em uso. O principal objetivo é revelar, pela análise das colunas metalinguísticas bem como pelos verbetes do Dicionário de Questões Vernáculas, em que bases Napoleão Mendes de Almeida sustenta seu discurso, evidenciando o modelo de gramática que utiliza e as fontes a que recorre para fundamentar suas opiniões. Observam-se também as marcas textuais que revelam suas concepções de língua, correção, norma e uso linguísticos. A par disso, mostra-se, pela análise de certas marcas, a intolerância presente no discurso analisado, para caracterizar a atitude de Napoleão frente à prática da língua portuguesa (especialmente quanto à modalidade escrita). A pesquisa tem como corpus de investigação as colunas metalinguísticas publicadas no jornal O Estado de São Paulo, mais tarde transformadas em verbetes do Dicionário de Questões Vernáculas. O método utilizado é o indutivo, pois se parte do particular - o texto - para o geral que é a caracterização da atitude linguística configurada nas colunas e nos verbetes. A perspectiva teórica usada é a da análise Sociolinguística, mas com o apoio, também, em aspectos da Teoria da Enunciação, e o adotado foi a da análise de texto/discurso. Como resultado do estudo empreendido, constata-se que Napoleão faz-se intolerante porque, embora conhecedor da teoria linguística, não aceitava as variações decorrentes do uso da língua. (Silva, Nelson Rodrigues)

Aluno: Patrícia Aparecida da Silva (doc. 85)

Data da defesa: 08/12/2005

Título: Informação televisiva e estratégias de persuasão: um estudo sobre as marcas de oralidade no discurso dos telejornais.

Resumo: A autora analisa aspectos das relações entre língua oral e persuasão no sistema telejornalístico contemporâneo; com esse objetivo, enfatiza o papel exercido pelas marcas da oralidade na construção do uso discursivo dos telejornais, bem como o caráter persuasivo da veiculação de notícias. Toda a pesquisa é balizada, de um lado, pelos pressupostos teóricos da Análise da Conversação – principalmente pelos estudos de Marcuschi (1986) – e da Análise do Discurso – representada, sobretudo, pelas teorias de Bakhtin (2004) e Maingueneau (2005) – e, de outro lado, pelas teorias de argumentação e persuasão, especialmente pelas pesquisas realizadas por Lochard (1996). O corpus do trabalho é constituído por 6h de gravações, dos telejornais (ou partes desses telejornais) exibidos

diariamente pela TV Globo (Jornal Nacional), TV Record (Jornal da Record, 1ª edição) e TV Cultura (Jornal da Cultura). Metodologicamente, a pesquisa é indutiva, por partir de recorrências extraídas do corpus para chegarmos aos resultados. A necessidade de um estudo interpretativo a respeito das marcas da oralidade nos telejornais contemporâneos pode ser justificada em virtude da grande influência persuasiva da língua oral no texto telejornalístico, uma vez que este último é previamente elaborado com a intenção de assemelhar-se a um discurso oral – daí a importância de analisarmos o modo pelo qual a utilização estratégica das marcas da oralidade propicia a adesão do público a um telejornal específico. (Silva, Patrícia Aparecida da)

Aluno: Maria Aparecida Cabañas (doc. 87)

Data da defesa: 08/06/2004

Título: Marcas de intolerância no combate ao estrangeirismo: o caso dos galicismos na língua portuguesa.

Resumo: A dissertação é um estudo sobre os estrangeirismos, em especial os galicismos, e a reação purista que a aceitação e o uso desses termos causou a partir da segunda metade do século XIX. No trabalho descrevemos as marcas de intolerância linguística presentes no discurso de Cândido de Figueiredo, gramático português que muito lutou para evitar a entrada de galicismos na língua portuguesa. Além disso, verificamos a concepção de estrangeirismo que vigorou nesse período e as principais causas da importação de palavras. Os resultados obtidos foram: que a importação de palavras é um fenômeno linguístico importante na evolução das línguas; que há marcas de intolerância linguística na metalinguagem de Cândido de Figueiredo; e que, apesar das severas críticas e do discurso intolerante, muitos dos galicismos rejeitados pelo gramático entraram para a língua portuguesa e continuam em uso e em pleno vigor. Nessas condições, a elaboração da pesquisa proporcionou a compreensão das causas da reação purista no combate aos galicismos. (Cabañas, Maria Aparecida)

Aluno: Saul Cabral Gomes Junior (doc. 88)

Data da defesa: 19/01/2006

Título: À margem da confluência: a relação oralidade x escrita no livro didático de português (ensino fundamental 5ª à 8ª série).

Resumo: A dissertação visa a investigar as concepções de oralidade existentes em manuais didáticos de Português (Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série). Adotaram-se como corpus seis coleções didáticas de Português: ALP, de Maria Fernandes e Marco

Antonio Hailer; A palavra é PORTUGUÊS, de Graça Proença e Regina Horta; Encontro e reencontro em língua portuguesa, de Marilda Prates; Interação e transformação, de Cleuza Vilas Boas Bourgogne e Lilian Santos Silva; Português: leitura e expressão, de Cristina Bassi e Márcia Leite; e Português: linguagens, de William Cereja e Thereza Magalhães. Algumas dessas coleções são utilizadas na rede particular de ensino; outras, na rede pública. O método utilizado é o indutivo, porque se estabeleceu como objetivo analisar as atividades orais presentes no corpus, para, posteriormente, chegar-se às concepções de oralidade que a elas subjazem. Comprovam-se cinco concepções: 1) oralidade como ação natural; 2) oralidade como exercício do lúdico; 3) oralidade como prática dicotomicamente oposta à escrita; 4) oralidade como forma de manifestação da variedade linguística; 5) oralidade como atividade cognitiva inferior à escrita. Neste trabalho, em um primeiro momento, procura-se relacionar tais concepções com as referências bibliográficas listadas ao final de cada coleção investigada. Em seguida, propõem-se reformulações para algumas das atividades analisadas, a fim de que estas venham comportar a oralidade. (Gomes Jr., Saul Cabral)

Aluno: Iara Lucia Marcondes (doc. 153)

Data da defesa: 30/06/2008

Título: **A metalinguagem do português brasileiro na internet: Um estudo de intolerância linguística**

Resumo: A pesquisa consiste na análise do discurso metalinguístico presente em diversos “sites” que, à moda dos antigos consultórios gramaticais, divulgam lições de português, respondendo a dúvidas encaminhadas pelos usuários, por e-mail. O principal objetivo do trabalho é detectar, nesses “sites”, o preconceito e a intolerância linguística sobre prática da nossa língua ou sobre a norma culta que, em tese, os falantes consulentes desejam empregar. Para o sociólogo Rouanet (2003), a intolerância tem sido cada vez mais estudada no Brasil e no mundo, e é, inclusive, tema de reflexão de organizações internacionais como a UNESCO, por esse motivo, é importante ampliar o raio de estudo sobre o problema, verificando como isso se reflete nos discursos. (Marcondes, Iara Lúcia)

Aluno: Jorge Viana de Moraes (doc. 375)

Data da defesa: 23/10/2008

Título: **Língua, cultura e civilização: as concepções linguísticas de serafim da Silva Neto.**

Resumo: No trabalho analisa-se o pensamento crítico do filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto, sobre o português do Brasil. Para ele, a língua era uma

manifestação espiritual do homem, que estava atrelada à cultura e à civilização. O objetivo é o de examinar, no discurso do filólogo, a relação entre esses conceitos e explicá-los à luz da história, do contexto em que ele estava inserido. Para tanto, o corpus compõe-se de duas obras do autor: Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa no Brasil, de 1950 e Língua, Cultura e Civilização, de 1960. A análise é precedida da contextualização da época em que Silva Neto atuou, para que, assim, pudessem ser estabelecidas as bases teóricas sobre as quais está fundamentado seu pensamento crítico. Teoricamente, o trabalho está vinculado ao quadro da Historiografia Linguística, já que visa a descrever e analisar como o autor desenvolveu seu pensamento crítico acerca do português do Brasil. Nesse sentido, seguiu-se a proposta teórico-metodológica de Auroux (2006), para quem, ser um historiador da ciência é poder construir ligações causais.” (Morais, Jorge Viana)

Aluno: José Bento Cardoso Vidal Neto (doc. 154)

Data da defesa: 20/09/2010

Título da dissertação: **A Grammatica portugueza, de Júlio Ribeiro: um corte epistemológico na gramaticografia brasileira e a questão da língua portuguesa no Brasil**

Resumo: A Grammatica portugueza, de Júlio Ribeiro, publicada em 1881, foi o primeiro compêndio que se ocupou em gramatizar a variante brasileira do Português. Além disso, como apontou Leite (2005a), Ribeiro foi o primeiro gramático a registrar marcas da hiperlíngua brasileira. A Dissertação visou a discutir e compreender as condições que possibilitaram a Ribeiro [promover] estes pioneirismos, principalmente em relação aos registros do Português do Brasil. Para realizar tal tarefa, [o mestrando estudou] o corte epistemológico realizado pelo autor em nossa gramaticografia, uma vez que Ribeiro negou os principais valores do Racionalismo e vinculou-se ao Naturalismo. Esta mudança teórica – a despeito da manutenção da influência do modelo Prescritivista – alterou a forma pela qual a gramática tradicional deveria descrever a língua e foi, com efeito, relevante para que incluíssem, pela primeira vez em uma gramática, marcas de nossa variante linguística. Para realizar o estudo, o autor da dissertação atrelou-se teórico-metodologicamente aos conceitos de Auroux (1992; 1998a), especificamente, no que tange ao processo de gramatização e à hiperlíngua e também no que diz respeito à significativa importância exercida pelos instrumentos linguísticos. O corpus foi a própria Grammatica de Ribeiro. O (...) trabalho também se enquadra no campo teórico da Historiografia Linguística, uma vez que [o pesquisador

visou] a descrever e analisar o tratamento dado por Ribeiro para a questão do Português do Brasil. Por assim [proceder, o mestrando entende que contribui] para os estudos relativos aos modelos epistemológicos pelos quais passou a nossa gramaticografia. (Vidal Neto, J. B., com adaptações)

MESTRADOS EM CURSO

Aluna: Bruna Machado (doc. 155)

Data de ingresso: 01/02/2011

Título do projeto: **O conceito de gramática em manuais do século XIX (projeto em andamento)**

Resumo: O trabalho tem como objetivo investigar a evolução do conceito de gramática, presente nos manuais do século XIX, com vistas a recuperar as ideias linguísticas que permeavam esse tipo de instrumento linguístico. Os conceitos encontrados serão analisados e conferidos com as referências explícitas e implícitas feitas pelo autor a autores e obras no corpo de cada manual. Será relevante, desse modo, a avaliação do horizonte de retrospectiva em que se insere cada autor.

Aluna: Valéria de Araújo Pereira (doc. 156)

Data de ingresso: 02/07/2012

Título do projeto: **Júlio Moreira e a sintaxe popular: um estudo sobre ideias linguísticas**

Resumo: O objetivo do trabalho é estudar as ideias linguísticas presentes nas obras do filólogo português Júlio Gonçalves Moreira (1854-1911). Escolheram-se especificamente para essa finalidade seus Estudos da língua portuguesa, 1º volume: subsídios para a syntaxe histórica e popular (1922 [1907]) e Estudos da língua portuguesa, 2º volume: obra póstuma (1913); em comparação com os artigos – 13 ao todo – publicados pelo autor na Revista Lusitana (vol. I, 1888-1889; vol. IV, 1896; vol. V, 1897-1899; vol. VIII, 1903-1905; vol. IX, 1906; vol. XII, 1909; vol. XIV, 1911). O trabalho segue a perspectiva teórico metodológica de Sylvain Auroux (2008), principalmente, no que diz respeito à investigação do horizonte de retrospectiva do filólogo português.

DOCTORADOS CONCLUÍDOS

Aluno: Wilma Terezinha Liberato Gerab (doc. 372)

Data da defesa: 27 de junho de 2008

Título da tese: O discurso como ele é... nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues

Resumo: A pesquisa analisa os diálogos de ficção das peças teatrais de Nelson Rodrigues, especificamente suas tragédias cariocas, a fim de verificar como a língua literária pode mostrar exemplos significativos que tenderiam a lembrar a naturalidade dos diálogos produzidos em interações face a face. A análise está desenvolvida sob a perspectiva da teoria da enunciação bakhtiana (2002), auxiliada pelos pressupostos da Sociolinguística Interacional e pelas premissas da Análise da Conversação, de base etnometodológica. A linguagem do teatro de Nelson Rodrigues é diferente daquela que se praticava então, e é senso comum que isso se deve a utilização de vocabulário típico da linguagem praticada correntemente. O autor usa, também, a estrutura gramatical corrente, caracterizada pelo emprego de estruturas que podem apresentar desvios gramaticais. A tese versa sobre a questão do efeito de sentido de naturalidade que a linguagem teatral de Nelson Rodrigues cria, e, a partir da hipótese de que isso se deve mais ao trabalho com o discurso do que propriamente com a língua. Essas peças teatrais são consideradas na pesquisa como corpus de oralidade na escrita, já que ao se lerem tais textos e assistirem-se a algumas dessas peças o leitor depara-se com diálogos ágeis e dinâmicos, que representam o discurso vivo. Parte-se da hipótese de que a linguagem teatral de Nelson Rodrigues apresentou-se inovadora para a época em que veio à luz porque o autor a construiu não somente sobre a representação da língua correntemente praticada, em termos de léxico e sintaxe, mas também sobre a imitação do discurso que ocasiona os enunciados efetivamente praticados. A metodologia utilizada é a da Análise do Discurso, já que partimos do exame das peças teatrais para analisar as estratégias conversacionais.” (Gerab, Wilma Terezinha, adaptado)

Aluno: Jahilda Lourenço de Almeida (doc. 373)

Data da defesa: 03 de março de 2010

Título da tese: O percurso discursivo da violência em Homens de Papel, de Plínio Marcos.

Resumo: O objetivo que se tem neste trabalho é o de acompanhar os rumos percorridos pela violência no discurso das personagens de Plínio Marcos, em Homens de papel. Nesse sentido, procura-se defender a tese de que a violência segue rumos diversificados na ação do opressor e na ação do oprimido. Para comprovar esse intento, recorre-se ao apoio teórico da Análise da Conversação Etnometodológica, da Sociolinguística Interacional e da Análise do Discurso. Nessa linha de pensamento, elabora-se a análise da linguagem das personagens,

levando-se em consideração o contexto interacional, valorizando-se elementos linguísticos e extralinguísticos importantes para a produção de efeitos de sentido. Entre esses elementos, incluem-se fatores relacionados com a identidade social, com a situação enunciativa e com o estado interior que contribuem para a instalação da violência no discurso. Parte-se da hipótese de que a ação violenta do opressor é calculada e medida, enquanto a ação do oprimido é impulsiva e precipitada. Seguindo essa direção, tentamos mostrar como a intenção no uso da linguagem representa fator decisivo na construção de efeitos de sentido. Na “voz” do opressor, a intenção de dominar se manifesta por meio de estratégias e referências que, além de intimidar e aterrorizar os catadores, tem como objetivo “alimentar” um esquema de simulação. Na ação do oprimido, os insultos e as ofensas, imersos em clima de total descontrole, representam um meio de extravasar sentimentos e emoções desequilibradas que se acumulam e ‘explodem com o apelo à brutalidade em um ato de linchamento. Tudo isso se manifesta na expressividade da linguagem que dá vida ao texto, graças à habilidade do autor em construir diálogos espontâneos, bem próximos da naturalidade da vida real’. (Almeida, Jahilda Lourenço de.)

Aluno: Saul Gomes Cabral Júnior (doc. 374)

Data da defesa: 19 de agosto de 2011

Título da tese: **Traços da língua, vestígios da ordem: a configuração do prescritivismo na obra de Gladstone Chaves de Melo.**

Resumo: A tese, inserida no âmbito da Historiografia Linguística, visa a investigar as manifestações do prescritivismo na produção metalinguística de Gladstone Chaves de Melo. O corpus analisado abrange de A atual decadência da língua literária, ensaio com que Melo inicia sua produção científica, a Na ponta da língua, coletânea de artigos em que o filólogo e outros autores elucidam questões gramaticais e ortográficas. O método utilizado é aquele proposto por Swiggers (1990), para quem há dois tipos de procedimento historiográfico, os quais não se excluem: a focalização do contexto e a investigação do conteúdo. A fundamentação teórica tem como base a noção de horizonte de retrospecção, estabelecida por Auroux (2006), e, sempre que o material de estudo o permite, faz-se uso das proposições de Bakhtin (1999) e de Benveniste (1995). Comprova-se que, na produção metalinguística do autor, o prescritivismo manifesta-se em quatro fases: 1) Traços prescritivistas na descrição dialetológica, estágio em que o pesquisador realiza uma síntese das características dialetais brasileiras; 2) O estabelecimento da gramatização, fase em que o filólogo elabora uma gramática, formalmente constituída; 3) Os contornos prescritivos do novo semblante científico, etapa em

que o autor se dedica à produção de um manual de Estilística; 4) A prescrição ululante, estágio em que o discurso prescritivista do pesquisador culmina, ao se enquadrar no gênero artigo jornalístico. Conclui-se que, em todos os tipos de estudo linguístico aos quais se dedicou, Melo empenhou-se em defender uma norma: a língua dos clássicos luso-brasileiros.” (Gomes Jr. Saul)

DOCTORADOS EM CURSO

Aluna: Marta Batista Ordoñez Antezana (doc. 154)

Título da tese: **A gramatização da língua portuguesa do Brasil: o tratamento da variedade brasileira do português na Grammatica Portugueza (curso superior), de João Ribeiro.**

Resumo: A tese tem como assunto central o tratamento das variedades linguísticas na Grammatica Portugueza – curso superior, de João Ribeiro. No final do século XIX, reivindicava-se uma gramática brasileira, porém João Ribeiro estava preso a uma visão elitista de língua, ou seja, a língua ‘dos doutos’ que era considerada a variante ideal. Só num segundo momento, a partir da 21ª ed. de 1930, é que ele modifica tal conceito por razões a serem definidas no curso do trabalho. Portanto, o objetivo definido para a realização do trabalho é analisar por que JR tem posições contraditórias a respeito da variedade brasileira da língua portuguesa do Brasil. Parte-se de pressupostos da História das Ideias Linguísticas para interpretar-se a origem dos saberes (meta)linguísticos presentes na gramática, bem como o papel social e linguístico de seu enunciador no processo de produção do conhecimento. Os seguintes princípios metodológicos serão adotados, conforme Aurox (1992: 13): 1) definição puramente fenomenológica do objeto; 2) neutralidade epistemológica; 3) historicismo moderado. A análise dos conceitos linguísticos presentes na Grammatica Portugueza (curso superior), no que respeita às variedades linguísticas, será realizada com base em dois pontos norteadores: 1) O horizonte de retrospectiva do autor e da obra século; 2) o horizonte de prospecção referente às novas ideias do século XX. Para subsidiar a interpretação do discurso do gramático, pretende-se recorrer às categorias da enunciação apresentadas por Benveniste, e aos mecanismos da debreagem e da embreagem na instauração do sujeito, espaço e tempo do enunciado. A Grammatica Portugueza – curso superior possui 22 edições, sendo a primeira de 1887 e a última, de 1933, publicadas pela Livraria Francisco Alves. A maioria das edições foi localizada em bibliotecas públicas e fotografada digitalmente, ou adquiridas em livrarias. Portanto, há vasto material que está sendo investigado.

(Antezana, Marta Batista, adaptado)

Aluno: Jorge Viana de Moraes (doc. 153)

Prazo para conclusão da tese: 01/08/2015

Título da tese: **Em busca de fundamentos teóricos sobre variação linguística na obra de Serafim da Silva Neto.**

Resumo: A tese que tem por finalidade, a) no contexto geral examinar os fundamentos teóricos com base nos quais Serafim da Silva Neto (filólogo brasileiro – 1917-1960) elaborou conceitos de fenômenos relativos à variação e à variedade linguística com base nos quais interpretou o Português do Brasil. b) no contexto específico levantar, por meio do exame das citações, autores e obras usados por Serafim da Silva Neto para o tratamento da variação linguística acerca do Português do Brasil e examinar, especialmente, a contribuição de Hugo Ernst Mario Schuchardt, romanista alemão, para a formação dos conceitos relativos a fatos de variação linguística na obra de Serafim da Silva Neto. Ao cumprir tais objetivos, esperamos explicar, na medida do possível, por que e como houve rupturas e continuidades do discurso sobre o problema da variação, o que foi posteriormente denominado “sociolinguístico”, na história das ciências da linguagem. Auroux (2008, p. 141-2) afirma que a co-presença dos conhecimentos é uma modalidade necessária do horizonte de retrospectão. É por meio dela, segundo o autor, que um sujeito pode totalizá-los e servir-se deles na sua pesquisa (é o que se chama hoje, de as “referências” e que figuram no fim de um artigo sob forma bibliográfica). Ainda segundo esse autor, apagar a co-presença, isto é, deixar de fazer referências a certos autores e obras, supõe uma ruptura na estrutura do horizonte de retrospectão, embora o historiador possa recuperar as informações omitidas, conforme intentamos fazê-lo. Nesse contexto, nossa hipótese é a que o discurso sobre a variação linguística sempre esteve presente nos estudos linguísticos do Ocidente, ainda que de maneira não continuada e assistemática, e foi essa teorização que conformou o pensamento contemporâneo, expresso a partir dos anos 60 do século XX, acerca do que ficou denominado como Sociolinguística. Nossa hipótese abriga o seguinte corolário: a ruptura ou continuidade de certos domínios de objetos depende, em grande medida, do modo como se configuram os horizontes de retrospectão dos sujeitos.” (Moraes, Jorge Viana de)

PÓS-DOCTORADO

Docente: Gil Roberto Costa Negreiros (Bolsista PDJ CNPq) (doc. 393)

Data de ingresso no programa: outubro de 2010

Título da pesquisa: **Análise das ideias linguísticas presentes na obra de Dino Preti.**

Resumo: Objetiva-se, por meio da pesquisa, investigar as ideias linguísticas e as causalidades históricas que nortearam e ainda norteiam a obra de Dino Preti. O trabalho se apoia, teoricamente, nos pressupostos da História das Ideias Linguísticas, na modalidade adotada por Auroux. Nessa linha teórica considera-se a língua como fato social para se fazer a explicação e na interpretação filosófico-científica do conhecimento humano. Há um interesse, a partir desse quadro teórico, nas ligações causais do objeto investigado com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco parâmetros (sistema de objetos, parâmetro temporal, parâmetro espacial, sistema de parametragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto e sistema de interpretantes). Segue-se, no processo de pesquisa, o Método Fenomenológico, a partir de seus quatro momentos metodológicos, a saber: imersão, discriminação, atribuição e síntese. (Negreiro, Gil Roberto Costa).

Docente: Lúcia Helena Ferreira (USP) (doc. 393a)

Data de ingresso no programa agosto 2011

Título da pesquisa: **Teorias linguísticas na descrição gramatical: algumas explicações e implicações presentes nas gramáticas de referência de Língua Portuguesa contemporâneas.**

Resumo: A pesquisa de pós-doutorado inscreve-se no campo da Historiografia Linguística, que compreende o estudo das ideias linguísticas, a fim de buscar respostas a duas questões essenciais: a) sobre quais princípios o saber linguístico se constrói, no decorrer do tempo?; b) como tais formas são criadas, evoluem, se transformam ou desaparecem? A pesquisa estará voltada para mostrar como as gramáticas contemporâneas de Língua Portuguesa, inspiradas no modelo greco-latino e produzidas no Brasil durante a segunda metade do século XX, gramatizam a língua, apropriando-se de diferentes teoria(s) e metalinguagem(ns). Partindo da hipótese de que a gramática de referência é uma construção do gramático a partir da assimilação de diferentes teorias, nosso corpus será analisado com fundamento nas reflexões sobre historiografia linguística, coordenadas atualmente pelo Professor Dr. Sylvain Auroux (CNRS) que ecoam, no Brasil, nas pesquisas do GT Gramática: história, descrição e discurso, dirigido pela Professora Dra. Marli Quadros Leite. O confronto da pesquisa bibliográfica com a análise da descrição gramatical deve confirmar que a gramática sempre descreverá apenas uma das muitas facetas do uso de uma língua e que, por isso, a clareza de seus pressupostos teóricos é de fundamental importância para o bom uso e aproveitamento desse instrumento linguístico.” (Ferreira, Lúcia Helena)

A pesquisa

A minha inserção na pesquisa deve-se, igualmente, ao meu interesse pelas duas linhas de pesquisa das quais participo. Na linha 1, Estudos do discurso em língua portuguesa - contribuição aos estudos do discurso e do texto em língua portuguesa, em suas modalidades e práticas discursivas - alocam-se todas as pesquisas e publicações dela decorrentes, realizadas no âmbito: i. do Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta da Cidade de São Paulo, Projeto NURC/SP, Núcleo USP; ii. do Laboratório de Estudos da Intolerância (LEI)/ Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e conflitos, como será comentado a seguir. Na linha 2, Estudos diacrônicos e sincrônicos do português, aloca-se meu projeto de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq), cuja bolsa me foi concedida, pela primeira vez para o triênio 2008-2010 e, pela segunda vez, para o triênio 2011-2013.

A seguir trato de meu engajamento em grupos de pesquisa e relato os pontos principais de meu trabalho de pesquisa na USP.

A PESQUISA DA LINHA 1

PROJETO NURC/SP – NÚCLEO USP

Passo agora a falar de minha participação no Projeto NURC/SP-Núcleo USP, que é formado por doze pesquisadores de várias universidades brasileiras e tem-se mantido constante, com poucas alterações, ao longo desses anos. O grupo publica regularmente os resultados de suas pesquisas, como se pode ver pelas publicações: Coleção FAPESP / T. A. Queiroz (3 volumes de materiais de estudo e 1 volume de estudos); Coleção Projetos Paralelos (11 volumes de estudos, em que contêm 115 artigos, produzidos de 1993 a 2011).

A modalidade falada da língua começou, internamente na área de Filologia e Língua Portuguesa do DLCV, a ser alvo de atenção quando o Professor Dino Preti criou, em 1989, uma disciplina de graduação cujo tema era “sociolinguística e língua falada”. Participei dessa disciplina durante alguns anos, pois era estudante do mestrado e havia feito seleção para trabalhar na condição de monitora do Projeto NURC e, por isso, estava sempre acompanhando o Prof. Dino também nas aulas.

Em 1994, depois de passar por processo de seleção pública, assumi o posto de docente

e fiquei responsável pela disciplina criada pelo Prof. Dino, na época denominada Língua Portuguesa VII – Variação Linguística e, também, pela disciplina Língua Portuguesa II - Morfologia. A criação de uma disciplina voltada para o estudo da modalidade falada da língua foi relevante, considerando que o estudo da oralidade é de fundamental importância para a compreensão global do funcionamento da língua. Para o ensino de língua portuguesa no estado de São Paulo, essa adequação do currículo foi relevante pois o contingente de alunos do Curso de Letras da FFLCH que assume postos de ensino de português nas escolas das redes pública e privada é imenso e, desde essa época, o trabalho de modo integrado com as duas modalidades linguísticas deve ter feito diferença no ensino e, conseqüentemente, na aprendizagem do conteúdo ministrado. Daí por diante, a língua falada, estudada por meio de suas próprias características estruturais e linguístico-discursivas, passou também a ser objeto de estudo em diversas universidades do Brasil. Em 1998, por exemplo, foi criado o primeiro curso de língua falada na PUC-SP.

Quanto a disciplinas de pós-graduação, ligadas à língua falada e à oralidade, pode-se dizer que muitas foram credenciadas em suas universidades por membros do Projeto NURC - e do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL -, além de por outros estudiosos da conversação e da língua falada, muitos dos quais ex-orientandos de pesquisadores do Projeto NURC.

Publicações concernentes

Para dar ideia do trabalho dos pesquisadores do Projeto NURC/SP, inclusive o meu, apresento o quadro-resumo da pesquisa realizada de 1993 a 2013. O quadro mostra a direção da pesquisa, no lado esquerdo, e o resultado do trabalho, em termos de publicação, no lado direito, com indicação do título da obra e, também, do título de meu capítulo.

PERGUNTAS DE PESQUISA

PUBLICAÇÕES⁷

De que modo a teoria da Análise da Conversação contribui para o esclarecimento das questões pertinentes a características estruturais e linguísticas relativas ao texto falado?	Análise de textos orais (1993). LEITE, M.Q.; PERUCHI, R. Glossário. (doc. 234)
---	---

PERGUNTAS DE PESQUISA

PUBLICAÇÕES⁷

<p>O que configura o discurso oral culto? Quais são suas características? O que caracteriza linguística e pragmaticamente a norma culta? O que caracteriza o falante culto?</p>	<p>O discurso oral culto (1997). LEITE, M.Q. Purismo no discurso oral culto. (doc. 242)</p>
<p>Quais são as fronteiras entre o discurso oral e o escrito? Quais são os procedimentos cognitivos implicados na realização do discurso oral? Que aspectos sociolinguísticos são revelados na interação verbal?</p>	<p>Estudos de língua falada: variações e confrontos (1998). LEITE, M.Q. Língua falada: uso e norma. (doc. 243)</p>
<p>Quais são as características dos gêneros discursivos intermediários entre a fala e a escrita? Que estratégias discursivas estão presentes tanto em textos falados quanto em escritos? Que repercussão as normas da língua falada exercem na norma prescritiva?</p>	<p>Fala e escrita em questão (2000). LEITE, M.Q. A influência da língua falada na gramática tradicional. (doc. 244)</p>
<p>Que repercussão a interação exerce no texto, falado ou escrito? Que aproveitamento de aspectos típicos da interação oral há no texto escrito?</p>	<p>Interação na fala e na escrita (2001). LEITE, M.Q. O espaço da interação autor/leitor na gramática tradicional. (doc. 245)</p>
<p>De que modo as transformações sociais ficam marcadas no léxico? De que modo o léxico reflete a variação dos gêneros discursivos? Qual a relação do léxico com a organização estrutural da conversação?</p>	<p>Léxico na língua oral e na escrita (2003). LEITE, M.Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. (doc. 247)</p>

⁷ Quadro publicado em Leite (2011).

PERGUNTAS DE PESQUISA

PUBLICAÇÕES

<p>De que estratégias discursivas e cognitivas os falantes se servem durante o diálogo? Que fatores podem desencadear mal-entendidos entre interlocutores? Como o discurso reportado se manifesta nas interações espontâneas? De que natureza e quais são as características do diálogo ocorrido entre professores e alunos? Como a conversação é representada em textos literários?</p>	<p>Diálogos na fala e na escrita (2005). LEITE, M.Q. O diálogo no diálogo: a dupla expressão do discurso do outro. (doc. 246)</p>
<p>Que se pode entender por oralidade? Como os textos escritos assimilam marcas de oralidade e que efeitos de sentido essas marcas constroem? Como a oralidade se manifesta em textos jornalísticos?</p>	<p>Oralidade em diferentes discursos (2006). LEITE, M.Q. Oralidade, escrita, gênero e mídia: entrelaçamentos. (doc. 290)</p>
<p>Quais as origens da cortesia e como ela se tem manifestado na em textos resultantes de interação oral e escrita? Que características tem a cortesia nos diferentes gêneros discursivos?</p>	<p>Cortesia verbal (2008). LEITE, M.Q. Cortesia e descortesia: a questão da normatividade. (doc.293)</p>
<p>Textos falados e escritos têm a mesma gramática? Como se relacionam os conceitos de oralidade e linguagem popular? Que efeitos de sentido cria a oralidade nos textos escritos?</p>	<p>Oralidade em textos escritos (2009). LEITE, M.Q. Do falado ao escrito e vice-versa. (doc. 291)</p>
<p>Em que dimensões da linguagem o termo variação se aplica, e que efeitos tem nos diversos gêneros discursivos?</p>	<p>Variação na linguagem (2011). LEITE, M.Q. Variação linguística: aspectos históricos. (doc. 294)</p>

PERGUNTAS DE PESQUISA

PUBLICAÇÕES

Como explicar, descrever e interpretar a relação interação/ comunicação?	Comunicação na fala e na escrita. (em preparação em 2013) LEITE, M. Q. Da interação à comunicação: o acordo fiduciário entre o falante e o ouvinte. (em elaboração).
--	---

Dessa linha, relaciono, também, de época mais recente, uma (co)organização de livro, com a Prof.^a Anna Cristina Bentes (UNICAMP), e dois capítulos de livros, ambos em coautoria sendo que um está aguardando publicação. São os seguintes:

BENTES, Anna Cristina; LEITE, Marli Quadros (2010). Linguística de texto e Análise da conversação. São Paulo : Cortez. (doc. 258)

LEITE, M.Q.; BARROS, D. L. P. de; DIAS, A. R.; SILVA, L. A. Análise da conversação no grupo de trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, Anna Cristina; LEITE, Marli Quadros (2010). Linguística de texto e Análise da conversação. São Paulo : Cortez. (doc. 258)

LEITE, M. Q; Negreiros, G. R. C. (2013). Algumas perspectivas sobre a Análise da Conversação no Brasil. In: Gonçalves. A. V.; Góis. M. L. de S. (orgs.) O fazer científico? Campinas : Mercado de Letras, v.2. [Aguardando publicação] (doc. 404)

Como resultado de meu trabalho nesse grupo, além das publicações, tenho a apresentar algumas orientações, com trabalhos já defendidos.

ORIENTAÇÕES CONCERNENTES

Mestrado

Saul Gomes Júnior - À margem da confluência: a relação oralidade x escrita no livro didático de português (ensino fundamental 5^a à 8^o série).

Patricia Aparecida da Silva – Informação televisiva e estratégias de persuasão: um estudo sobre as marcas de oralidade no discurso dos telejornais.

Doutorado

As duas pesquisas de doutorado abaixo apresentadas construíram-se com base

no conceito de diálogo construído, isto é, o diálogo literário que espelha a realidade discursiva real. As estratégias discursivas da oralidade foram, portanto, o leitmotiv da análise do discurso presente na obra de Nelson Rodrigues, nas Tragédias cariocas, e na de Plínio Marcos, em Homens de papel.

Wilma Teresinha Liberato Gerab – O discurso como ele é... nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues

Jahilda Lourenço de Almeida – O percurso discursivo da violência em Homens de Papel, de Plínio Marcos

Ainda como atividade dessa linha de pesquisa e diretamente relacionado às atividades do Projeto NURC exerci o cargo de vice-coordenadora do GT ANPOLL Linguística de Texto e Análise da Conversação, juntamente com a Prof.^a Anna Cristina Bentes, coordenadora. Desse trabalho, resultou a organização de um livro comemorativo dos 25 anos do GT e, ao mesmo tempo, em homenagem ao fundador do Grupo, o Prof. Luiz Antônio Marcuschi. Os dados sobre essa obra estão apresentados no item “publicações”.

Outros textos que publiquei nessa linha de pesquisa serão apresentados no item publicações.

LABORATÓRIO DE ESTUDO DA INTOLERÂNCIA – LEI/ DIVERSITAS – NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DIVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E CONFLITOS

Pelo Laboratório de Estudos da Intolerância, participei do Projeto do Milênio do CNPq. O objetivo fundamental desse Laboratório é estudar todas as formas de intolerância (religiosa, política, de gênero, de raça, linguística etc.), analisando suas causas e consequências, para combatê-la, pelo esclarecimento que disso decorre. Outro importante foco das pesquisas do LEI/Diversitas é a diversidade, ou a diferença, em todas as formas de manifestação. Nesse contexto, o laboratório/núcleo acolhe dentre os seus grupos de pesquisa um de Linguística. Como a intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que os provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir. Contudo, a intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades. A linguagem, conforme disse Halliday (1974), é o que o homem tem de mais íntimo e representa a sua subjetividade. Portanto, não é exagero dizer que uma crítica linguística é uma arma que fere como todas as armas.

O objetivo do grupo da Linguística no LEI/Diversitas é, conforme está registrado no Projeto, “examinar a intolerância e o preconceito linguísticos no Brasil e as formas

de resistência desencadeadas, tanto em relação às variantes de uma mesma língua, quanto em relação a outras línguas”. Os pesquisadores envolvidos nesse trabalho são, dentre outros: Diana Luz Pessoa de Barros, coordenadora, que se ocupa do exame dos discursos de aceitação e de rejeição dos usos de termos estrangeiros no português do Brasil; Margarida Maria Tadoni Petter, que, pelos jornais ilustrados do século XIX, estuda a intolerância linguística contra o negro e formas de resistência à sua fala; Ronald Beline Mendes, que analisa, dentro do projeto variação linguística e intolerância, o falar do homossexual masculino na cidade de São Paulo; Marli Quadros Leite, que pesquisa a natureza da intolerância linguística veiculada pela mídia impressa.

Minha produção nesse projeto está dividida em duas fases e consiste, no que concerne à primeira fase (a do LEI) na publicação de alguns artigos, em revistas, e, principalmente, um livro intitulado Preconceito e intolerância na linguagem, pela Editora Contexto, em 2008 (doc. 292). O livro tem apresentação da Prof.^a Diana Luz Pessoa de Barros e está bem posicionado como produto das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Estudos da Intolerância. A obra resulta das pesquisas desenvolvidas acerca da divulgação do preconceito e da intolerância, enunciados em textos veiculados da imprensa.

Quando o LEI encerrou suas atividades e passou a Diversitas, com outro estatuto, inclusive, encerrei a primeira etapa de minha participação. Da nova organização do projeto participo como conselheira, de acordo com o estatuto de 2011. Somente em 2012, contudo, estruturei novo projeto de pesquisa e iniciei os trabalhos. Nessa nova fase, minha pesquisa tem como objeto o estudo da tolerância, intolerância e preconceito presentes no texto de gramáticas de referência da língua portuguesa.

Outras atividades desenvolvidas no âmbito desse projeto são participação em congressos e orientação de dissertações de mestrado. Destaco os seguintes congressos dos quais participei para tratar de intolerância linguística:

DA PRIMEIRA FASE (LEI)

52º Congresso Internacional de Americanistas

Trabalho apresentado: Intolerância linguística na imprensa: um estudo de cartas de leitores

Local: Sevilla – Espanha

Data: julho de 2006

I Simpósio nacional sobre a intolerância

Trabalho apresentado: Preconceito e intolerância linguísticos: conceitos e

características

Local: São Paulo (USP)

Data: novembro de 2006

11º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia IP-PUC/SP (doc. 158)

Trabalho apresentado: Intolerância linguística na imprensa: algumas questões

Local: São Paulo (PUC)

Data: maio de 2006

DA SEGUNDA FASE (DIVERSITAS)

Congresso Nacional Mackenzie Letras em Rede: Linguagens e Saberes (doc. 316)

Mesa temática: Intolerância e preconceito na linguagem

Trabalho apresentado: Gramática: tolerância e intolerância

Local: Universidade Mackenzie – São Paulo

Data: 23 de agosto de 2012

Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (doc. 314)

Mesa temática: Identidade, preconceito e variação linguística

Trabalho apresentado: Identidade, preconceito e intolerância em gramáticas do português

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba (MG)

Data: 19 de abril de 2013

Relaciono os seguintes pós-graduandos que produziram, ao longo do tempo, seus trabalhos sobre essa temática:

Pedro Luís Rodrigues - Marcas de intolerância nas colunas metalinguísticas - um estudo de caso

Nélson Rodrigues - O papel de Napoleão Mendes de Almeida no cenário dos estudos linguísticos brasileiros: conservação e intolerância

Maria Aparecida Cabañas - Marcas de intolerância no combate aos estrangeirismos: o caso dos galicismos

Iara Lucia Marcondes - Os Consultórios Gramaticais: Um Estudo de Intolerância Linguística

Jorge Viana de Moraes - Heterogeneidade e história: marcas de intolerância no discurso de Serafim da Silva Neto

Pretendo continuar o trabalho, publicando os textos já apresentados em congressos e outros, além de participar das atividades do grupo.

A pesquisa da linha 2

PROJETO DE PRODUTIVIDADE EM PESQUISA (PQ – CNPq): 1ª FASE

Uso e norma em gramáticas portuguesas

Nessa linha, minha atuação principal está ligada ao projeto de produtividade em pesquisa, como antes enunciado. Movida pelo interesse de verticalizar o conhecimento a respeito da gramática, compreendida como um instrumento linguístico (Cf. Auroux, 1998) epistemologicamente importante às ciências da linguagem, projetei e desenvolvi a pesquisa *Uso e norma em gramáticas portuguesas* (doc. 405). O projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no âmbito do programa de bolsas Produtividade em Pesquisa (PQ), em agosto de 2007, foi aprovado em 31/01/2008 e teve vigência de 01/03/2008 a 28/02/2011 (doc. 395). Passo a comentar, então, os resultados do trabalho desenvolvido durante os três anos da vigência da bolsa, solicitada, e obtida, depois do concurso de livre-docência, em 2006.

A hipótese condutora da pesquisa, a de que a gramática é um instrumento linguístico que registra e preserva “saberes linguísticos”, foi confirmada. O exame das obras que compõem o corpus revelou como o gramático, de um lado, maneja o conhecimento da teoria linguística que está a seu alcance, e, de outro, como utiliza outros conhecimentos, teóricos, filosóficos, ou metodológicos para interpretar fenômenos linguísticos.

A pesquisa teve o objetivo de identificar e analisar a repercussão do uso da língua para a fixação da norma linguístico-gramatical portuguesa. Considerou-se, no projeto, examinar gramáticas portuguesas e brasileiras dos séculos XVII a XX. Em razão da extensão do corpus, contudo, a pesquisa foi realizada apenas com base na análise de obras portuguesas dos séculos XVII e XVIII. Por essa razão, o projeto original foi desmembrado, a fim de levar para nova etapa de pesquisa as gramáticas brasileiras, dos séculos XIX e XX (e também de obras do século XXI), que faziam parte do escopo do projeto original.

Um novo projeto foi apresentado ao CNPq em agosto de 2010, para que a pesquisa continuasse por mais três anos e, assim, houvesse tempo necessário para a análise das gramáticas brasileiras. Esse novo projeto, intitulado *Uso e norma em gramáticas brasileiras da língua portuguesa*, foi e terá vigência de trinta e seis meses, a contar de 01/03/2011.

O desenvolvimento do trabalho, ao longo dos três anos, fez-se com base nas seguintes metas gerais:

1. Leitura integral das obras originais que constituem o corpus, assim como de edições críticas.
2. Leitura de bibliografia linguística sobre as obras integrantes do corpus.
3. Leitura de bibliografia paralela ao corpus, isto é, de obras de outras áreas do conhecimento, coetâneas das obras analisadas, como obras de Filosofia, História Geral, História da Educação etc.
4. Redação de papers para apresentação dos primeiros resultados da pesquisa, em encontros, seminários e congressos, para divulgação de resultados e discussão das ideias apresentadas.
5. Redação de artigos para divulgação em periódicos nacionais e internacionais.

A pesquisa se desenvolveu com base nos pressupostos da Historiografia Linguística, em versão mais conhecida no Brasil como História das Ideias linguísticas, por estar mais voltada para a investigação dos conteúdos dos textos, ou das teorias linguísticas que os integram. Essa vertente histórica da pesquisa linguística relaciona-se diretamente com as concepções linguístico-filosóficas de Auroux (1992, 1998, 2007), que visam à análise da constituição do saber linguístico, consolidado em instrumentos linguísticos (Auroux, 1998), por exemplo, a gramática, que constitui nosso objeto de estudo.

Para Auroux (2007), o conhecimento, o ato de saber é uma realidade histórica, marcado pela temporalidade. Por isso, a análise e descrição de conhecimentos já consolidados são fundamentais à interpretação dos saberes, embora se reconheça que o conhecimento, nem sempre, se construa por acumulação. O estudo da história do conhecimento é importante para a explicação da relação que os conhecimentos têm uns com outros, o que se pode verificar diacronicamente. Esse tipo de trabalho histórico permite que se explique, também, a relação causal que há entre os conhecimentos, o que é epistemologicamente relevante.

Para que uma pesquisa linguística se realize sob tal perspectiva, considerou-se o horizonte de retrospectão (AUROUX, 1987, 2007) de cada autor/obra.⁸ Por essa razão, a pesquisa realizada ao longo do triênio considerou sempre o engajamento do autor com os conhecimentos de seu tempo, pela verificação de como cada obra traz implícita ou explicitamente esses conhecimentos necessários à composição de outros novos. Desse modo é possível compreender e interpretar o conhecimento que integra cada obra, explicando, pela interação existente entre causa e efeito,

ou, como diz Auroux (2007), por causalidade, o fenômeno do conhecimento. No caso específico da pesquisa realizada, buscou-se compreender a fenomenologia da formação da norma linguística do português em sua relação com o uso, cuja teorização é aparente em obras gramaticais.

Apoiada nessas premissas, a pesquisa tratou a gramática como um instrumento linguístico. Considerar a partir de tal perspectiva a gramática, conforme explica Auroux (1998a, p. 265-67), é atribuir a ela um valor tecnológico e, também, admitir que tem repercussão no comportamento linguístico dos falantes de uma dada língua histórica. Sob esse ponto de vista, a gramática funciona, tecnologicamente, como qualquer outro instrumento de que faz uso a sociedade. Como tecnologia, as gramáticas são elementos que surgem nas sociedades, dando origem ao fenômeno da gramatização.

Por gramatização, entende-se, de acordo com Auroux (1995), o processo pelo qual as línguas passam, ao serem descritas em instrumentos linguísticos, como gramáticas e dicionários. Sob certo ponto de vista, a gramatização existe pontualmente quando, sobre uma língua, se elabora pela primeira vez, em dado momento, um documento em que fica registrado o conhecimento produzido sobre ela. Para todas as línguas vivas, esse primeiro registro é apenas o início de um processo contínuo, já que o uso vai alterando formas e sentidos, vai (re) gramaticalizando estruturas e funções, e exigindo a reconstrução ininterrupta dos instrumentos linguísticos, ou seja, do processo de gramatização.

Tratar a gramática como um instrumento linguístico é, então, reconhecer nela o processo histórico de representação da língua, é compreender que pode desempenhar um papel importante para o falante, ajudando-o a conhecer melhor a língua que fala, na busca pela construção de sentidos, por meio da exploração consciente dos recursos linguísticos.

O corolário da pesquisa, portanto, foi o de que as línguas históricas que não passaram pelo processo de gramatização e que, portanto, não dispõem da gramática como instrumento linguístico, não têm as mesmas possibilidades de construir e preservar seu conhecimento linguístico e metalinguístico. Além disso, que os instrumentos linguísticos, as gramáticas nesse caso, registram e preservam estágios do conhecimento linguístico produzido através dos tempos.

As pesquisas realizadas na primeira etapa do projeto revelam com clareza que a gramática, considerada como um instrumento linguístico, guarda as teorias linguísticas que vigoraram em Portugal nos séculos XVII e XVIII e revela como cada autor manejou seu conhecimento para construir obras em que interpretaram originalmente, isto é, que gramatizaram, a cada tempo, a língua portuguesa.

Para desenvolvimento da pesquisa, com fundamento no objetivo geral posto,

⁸ Segundo o autor, o horizonte de retrospectão é o conjunto de conhecimentos antecedentes ao que se estuda em dado tempo.

foram estabelecidas algumas metas que orientaram o trabalho e, naturalmente, levaram a ações que propiciariam alcançá-las.

Vale ressaltar, antes de tudo, que, embora o trabalho seja histórico, o texto é sempre considerado discursivamente, enunciativamente, o que é coerente com a busca do horizonte de retrospeção do autor e da obra. Portanto, a metodologia adotada para a realização da pesquisa considerou dados discursivos na busca das seguintes metas especificamente voltadas à análise das obras:

- Descrição do contexto sociocultural e filosófico de cada gramática;
- Exame do contexto da obra, com destaque para a(s) teoria(s) e a(s) corrente(s) teórica(s) em vigor;
- Avaliação do engajamento político e científico de cada gramático em seu tempo;
- Análise da inscrição teórico-filosófica das gramáticas;
- Descrição de teorias presentes, assim como seus respectivos autores, citados explicitamente ou não, nas gramáticas;
- Exame da presença (ou ausência) de registro do uso no corpo das gramáticas, pelo acompanhamento das rubricas “uso vulgar”, “uso familiar”, “uso coloquial” etc.;
- Indicação do objetivo de cada gramática;
- Descrição do modelo da gramática, ressaltando a combinação teórica usada em sua configuração, ou seja, a base greco-latina estendida (ou alterada) por outras teorias, como, por exemplo, a teoria dos universais linguísticos, a teoria da tradução, a teoria geral e racional (filosófica).

Essas metas, implícitas em outras mais gerais, de caráter mais objetivo e relativas ao desenvolvimento global do trabalho, são verificadas por meio de ações que a seguir serão expostas e comentadas.

Para cumprir as metas gerais, fixadas para o desenvolvimento da pesquisa, metas específicas foram estabelecidas, as quais foram cumpridas e alcançadas por meio de ações, como a seguir vai exposto.

Meta 1 – Participação em grupos de pesquisa nacionais e internacionais para discussão de aspectos teóricos que subsidiaram o trabalho.

Comentário:

1. Participação, como pesquisadora, no Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques, na Université de Paris VII – Denis Diderot Paris.

No período de 28 de outubro a 21 de dezembro de 2008, estive em missão de estudos no Laboratoire d'Histoires des Théories Linguistiques, na Université de Paris VII – Denis Diderot Paris. Para desenvolver as atividades decorrentes da missão, assumi a função de “Chercheur en linguistique”, processo nº102405, do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS). (doc. 351)

Esse contrato justificou-se pela necessidade de dar andamento ao trabalho conjunto que tem sido desenvolvido entre as duas universidades, no quadro do convênio firmado entre as equipes do Laboratoire e da FFLCH (DL e DLCV), que coordenamos do lado brasileiro, no âmbito do qual tem lugar o SÉMINAIRE d’HISTOIRE & d’ÉPISTEMOLOGIE DES SCIENCES DU LANGAGE, realizado em na Université de Paris VII, na USP, e transmitido por videoconferência, ou oferecido aos alunos de Master 2 : Sciences du langage spécialité : LTD annuel - UFRL, Université Paris 7 e a alunos da pós-graduação do Curso de Letras da USP. Do lado do Brasil, somos responsável pelo seminário, juntamente com a professora Diana Luz Pessoa de Barros. Conforme comentei antes, durante minha estada em Paris, as principais atividades desenvolvidas foram:

1. Desenvolvimento de pesquisa sobre teorias presentes em gramáticas de referência do português e em métodos para ensino de línguas (Século XVII). Objeto específico de estudo: *Methodo grammatical* para todas as línguas e *Porta de línguas*, de Amaro de Robredo.

2. Conferência proferida no dia 11 de dezembro, 2008, na Universidade de Paris VII, cujo título foi *Portugais et latin dans les grammaires portugaises du XVIIIe siècle*. A conferência foi transmitida por videoconferência e está disponível no site <http://www.artemis.jussieu.fr/enslyon/>.

3. Reuniões científicas sobre história das ideias gramaticais. Participantes: Sylvie Archambault, Jacqueline Léon, Bernard Colombat, Jean Marie Fournier, Franciene Mazière, Marli Quadros Leite, Sylvain Aroux, Emilio Bonvini, dentre outros.

4. Reuniões administrativas para tratar do Acordo de cooperação entre a Universidade de Paris 7 – Denis Diderot e a Universidade de São Paulo, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

5. Reuniões com alunos da Université de Paris VII, candidatos a fazer intercâmbio em nossa Faculdade. Três dos alunos com os quais conversamos vieram ao Brasil cumprir o período de intercâmbio.

2. Criação do GT Gramáticas: história, descrição e discurso.

O GT Gramáticas: história, descrição e discurso

A fim de criar um fórum de discussões com pesquisadores fundamos, em 2009,

o GT Gramáticas: história, descrição e discurso que visa a reunir pesquisadores interessados na pesquisa da gramática como um instrumento linguístico importante tanto à constituição quanto à divulgação (pela incorporação) de teorias linguísticas vigentes ao longo do tempo, ou em época determinada. O ponto de partida e agregação dos trabalhos, portanto, é o objeto de estudo: a gramática. O pesquisador integrante do GT trata esse objeto na perspectiva de seus interesses científicos, estudando, assim, ou o discurso que o constitui, ou as teorias que o conformam, do ponto de vista sincrônico ou diacrônico. A cada ano, um tema é escolhido pelo grupo para o desenvolvimento da pesquisa. O GT se articula com o Laboratoire d'Histoires des Théories Linguistiques, da Université de Paris VII – Denis Diderot, Paris, e promovia conjuntamente o Séminaire d'histoire & d'épistémologie des sciences du langage, cujas conferências foram realizadas em Paris e no Brasil e transmitidas por videoconferência. A partir de 2013, em vez do seminário realizado por videoconferência, decidimos realizar um colóquio anual, transmitido, também por videoconferência. A mudança visa a possibilitar que os doutorandos, de Paris VII e da USP, também tenham oportunidade de apresentar seus trabalhos. Além disso, parte da programação deverá ser dedicada a questões teórico-metodológicas, a fim de atender aos estudantes de pós-graduação. A primeira edição desse evento deverá acontecer no segundo semestre deste ano, com previsão da participação de pesquisadores e estudantes de doutorado brasileiros e franceses.

O GT é constituído de pesquisadores e estudantes brasileiros e estrangeiros, franceses e portugueses, por este motivo, a comunicação entre os membros do grupo é realizada, predominantemente, pela internet.

Da fundação do GT até agora, conseguimos realizar algumas atividades relevantes para a área, embora reconheça que o grupo pode ser ainda mais atuante nesse setor. O GT se estrutura com base em perguntas orientadoras de pesquisa, como as apresentadas a seguir:

- que teorias subjazem ao texto da gramática tradicional em cada período da história?
- quais as características da gramática tradicional em cada período histórico?
- qual a relação de diferentes teorias que regem a gramática, em cada período histórico, com a sua organização?
- qual a relação entre a elaboração das gramáticas e a construção de outros saberes em cada período histórico ?
- como a gramática se organiza discursivamente?
- como se desenvolve o tratamento de cada nível de análise linguística na gramática tradicional?
- que relação há entre a teoria gramatical e os exemplos que a integram?

- que importância pedagógica tem a gramática para o ensino de língua materna ou de línguas estrangeiras?
- como se organizam e que importância têm as gramáticas bilíngues para o ensino de línguas?
- que relação tem a gramática tradicional com o uso linguístico, a variação linguística e a normalização da língua?

Para a operacionalização do GT, conto com a inestimável participação de Jorge Viana de Moraes, meu orientando de doutorado. Jorge, atualmente, atua como vice-líder do GT e muito tem contribuído para o sucesso da realização dos eventos vimos organizando.

O GT tem um site para divulgar as atividades do Grupo, que funciona no endereço <http://gtgramaticashdd.wix.com/gtgramaticas#!>, o que tem sido de extrema importância para divulgação dos trabalhos projetados e realizados.

As principais atividades do GT até o momento foram as seguintes:

Atividades realizadas

I Encontro Internacional de Gramatização (doc. 387)

Tema: A gramática portuguesa – séculos XVI, XVII e XVIII

Local: Universidade de São Paulo

Data: 2009

II Encontro Internacional sobre a Gramatização da Língua Portuguesa (doc. 386)

Tema: Aspectos da gramaticografia portuguesa

Local: Universidade de São Paulo

Data: 07/11/2011

III Seminário Internacional da Cruzeiro do Sul (doc. 322 e 389)

Simpósio: A GRAMÁTICA COMO INSTRUMENTO LINGUÍSTICO

Coordenadores: Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite (USP) e Prof.^a Dr.^a Maria Mercedes Hackerott

Data: 2009

IV Seminário Internacional da Cruzeiro do Sul (doc. 390)

Simpósio: GRAMÁTICA - TEORIA, MÉTODO E DISCURSO

Coordenadores: Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite (USP) e Prof. Dr. Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Data: 2011

Conferência :**Tema :** Le particulier et le générale dans la grammaire de Port-Royal (doc. 388)**Conferencista :** Prof. Dr. Jean-Marie Fournier (Université de Paris 3)**Data:** 23 de novembro de 2012

No segundo semestre deste ano de 2013, no mês de outubro, o GT participará com um simpósio no evento InPLA/SIL, conforme programação extraída do site e transcrita a abaixo:

19º INPLA – INTERCÂMBIO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA (PUC-SP)

5º SIL - SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA (CRUZEIRO DO SUL – SP)

Simpósio História e discurso: análise de instrumentos linguísticos (doc. 391)

Data: 8 a 11 de outubro de 2013

Resumo : Segundo Colombat, Fournier e Puech (2010, p. 13) “o papel do historiador das Ciências da Linguagem é de criar condições para uma discussão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis a respeito: das antigas teorias, do conhecimento que elas produziram, dos conceitos que elas elaboraram, da forma sob a qual os problemas foram concebidos e projetados; ou pela expansão de um pequeno problema sobre questões mais gerais e mais fundamentais”. Os autores indicam, ainda, que o historiador tem por objetivo: investigar como gramáticos e linguistas projetaram seu objeto em um dado momento; como os fatos, dados, regras ou leis que os organizam foram apreendidos e delineados; como foram distinguidos o possível e o impossível da língua; e o que pode ou não pode ser dito etc. De acordo com essas diretrizes, os trabalhos acolhidos neste Simpósio voltar-se-ão tanto ao estudo da constituição histórica dos saberes linguísticos, depositados em instrumentos, tais como gramáticas, dicionários e manuais, quanto à análise do discurso que compõe esses materiais.

Coordenadores: Prof.^a. Dr.^a Marli Quadros Leite e Doutorando Prof. Jorge Viana de Moraes

Parte da produção do grupo foi apresentada no Séminaire d’histoire & d’epistemologie des sciences du langage (anos de 2008, 2009 e 2010) e, também,

nos seminários promovidos pela Universidade Cruzeiro do Sul, SIL – Seminário Internacional de Linguística (em 2009,⁹ e 2011) e será apresentado no InPLA/SIL em 2013.

Meta 2 – Apresentação oral de resultados da pesquisa, em seminários nacionais e internacionais.

Séminaire d’Histoire et d’Epistémologie des sciences du langage.

Conférence :

Considérations sur la méthode et l’enseignement de la grammaire au Portugal aux 17^{ème} et 18^{ème} siècles (doc. 385)

Comentário

A conferência foi realizada no Brasil e transmitida para a França, no dia 06 de maio de 2010, na sala de videoconferências do prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. A apresentação contou com a participação de pesquisadores brasileiros (dentre os quais Diana Luz P. de Barros, Margarida Petter, Véronique Dahlet, Sabina Kundman, Lúcia Helena Ferreira e alunos de pós-graduação) e franceses (dentre os quais Sylvie Archambault, Jacqueline Léon, Bernard Colombat, Emilio Bonvini, Francine Mazière e alunos de pós-graduação). O tema da conferência foi o método de ensino de gramática em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, com base no estudo de duas obras: o *Methodo grammatical para todas as linguas* (1619), de Amaro de Roboredo, o primeiro autor português a recomendar o estudo do latim por meio da língua portuguesa, e o *Verdadeiro método de estudar* (1746), de Luís António Verney, que, sem citar o antecessor, prega o mesmo método, embora não incorpore explicitamente a tese dos universais linguísticos. Como se pode verificar no programa do Séminaire, a organização das conferências do seminário 2009/2010 coube igualmente para os pesquisadores franceses e para os brasileiros, o que mostra como essa atividade tem tido sucesso de ambos os lados.

Tempo de duração: 1h30 de apresentação e 30min de debate,

III Seminário Internacional de Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul.

Trabalho apresentado:

A noção de “ordem” na Gramática da Língua Portuguesa, de João de Barros

Simpósio: A Gramática como instrumento linguístico 2009 (doc. 323)

Comentário

O Simpósio A gramática como instrumento linguístico, que abrigou pesquisadores

⁹ Resumos em <http://200.136.79.4/sil/resumos.pdf>

do GT Gramáticas: história, descrição e discurso foi realizado nos dias 18 e 19 de agosto de 2009, no campus Anália Franco da Universidade Cruzeiro do Sul, e contou com a participação de três pesquisadores portugueses (Carlos Assunção, Helena Santos e Teresa Moura) integrantes do grupo. O trabalho que apresentamos, visou a examinar como a noção de ordem está presente na Gramática da língua portuguesa (1540), de João de Barros. O objetivo do autor foi o de colocar a língua em arte, ou, conforme Auroux (1992), o de gramatizar a língua portuguesa, tratando, como na tradição romana, das letras às partes do discurso, da retórica e estilística e, até, seguindo os passos de Nebrija, de rudimentos de sintaxe (construicám). Objetivamos, também, mostrar que João de Barros usou, implicitamente, conceitos fundamentais da gramática, como os de classe, função, posição e distribuição, mesmo sem deles ter plena consciência. Como conclusão, indicamos que, embora o mecanismo da ordem não tenha destaque na obra do gramático, é recorrente para a explicação tanto de categorias gramaticais quanto de questões de norma/uso.

Séminaire d’Histoire et et d’Epistémologie des sciences du langage.

Conférence :

Portugais et latin dans les grammaires portugaises du XVIIIe siècle (doc. 384)

Comentário:

Nossa conferência no seminário foi proferida em Paris, no dia 11 de dezembro de 2008, em uma das salas de videoconferência da Université de Paris VII. O tema do seminário era “traduction et théorisation des langues”, dentro do qual exploramos, em obras de Amaro de Roboredo, *Methodo grammatical* para todas as línguas e *Porta de linguas*, a importância de o aprendiz dominar a gramática de sua língua materna, o português, para aprender o latim. O tema interessou sobremaneira aos investigadores franceses presentes à apresentação, que se surpreenderam com o fato de uma obra portuguesa do século XVII antecipar, pelo emprego da teoria dos universais linguísticos, aspectos do método geral e racional, desenvolvido pelos padres de Port Royal, e, também, por o autor usar a numeração interlinear como método para ajudar o aluno traduzir frases do latim ao português. Esse método, segundo foi dito, foi explorado na França no século seguinte por Du Marsais e foi largamente utilizado em obras posteriores.

Tempo de duração: 1h30 e 30min reservados ao debate.

Langue commune et changements de normes. Centre de Linguistique Francaise / SYLED (EA 2290, Université Paris 3).

Présentation du travail:

Normalisation du portugais : une analyse des grammaires du XVIe et du XVIIIe siècles (doc. 330)

Comentário:

O seminário foi realizado em Paris, nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro de 2009, no Institut du Monde Anglophone, 5, rue de l'école de Médecine. O estudo que apresentamos foi ouvido por um seleto grupo de pesquisadores coordenado pelo Prof. Jean-Marie Fournier, especialista em gramáticas francesas do século XVIII. O interesse manifestado pela gramática portuguesa foi surpreendente, pois tanto o coordenador quanto a Prof.^a Sonia Branca-Rosoff, ambos especialistas no século XVIII, fizeram muitas perguntas decorrentes de associações com os conteúdos das gramáticas francesas. O trabalho foi, depois, escolhido como um dos que integrariam o livro editado pelos organizadores do seminário.

Séminaire d'Histoire et de d'Epistémologie des sciences du langage.

Conférence:

Registres de variation linguistique dans les grammaires du portugais (doc. 383)

Comentário:

O tema do seminário 2007/2008 foi «Norme, variation, changement dans les outils linguistiques», no âmbito do qual apresentamos, no dia 17 de março de 2008, em Paris, a conferência Registres de variation linguistique dans les grammaires du portugais. Como de outras vezes, o público presente nas salas do Brasil e da França era formado por pesquisadores interessados na história das ideias linguísticas e participou ativamente do debate, depois da exposição do estudo. O destaque do texto, segundo nossa perspectiva, é a revelação de que Argote, em vários pontos da obra, e não somente no capítulo IV, voltado à descrição da variação linguística portuguesa, trata de variação. De um lado, o autor mostra a variação do português em relação ao latim, a que denominamos exofórica, pois, nos pontos em que há esse tipo de variação, Argote visa a mostrar que, embora o português espelhe o latim, há divergências nas regras das duas línguas, sendo essas registradas como “idiotismos da língua portuguesa”. O mestre não deve ensinar ao aprendiz as regras dos idiotismos, segundo afirma o autor, pois essas são muito “embaraçadas”. De outro lado, o autor trata da variação linguística própria do português, a que denominamos endofórica, cuja descrição ocupa todo o capítulo IV da obra. A obra, sob a perspectiva do uso e da norma é relevante, considerando o tratamento sistemático da variação linguística em relação à língua portuguesa. Esse estudo pioneiro da variação somente foi suplantado em 1922, quando José Leite de Vasconcelos publicou a obra Esquisse d'une dialectologie portugaise.

Tempo de duração da apresentação: 1h30, seguida de 30min de debate.

XVI Congresso Internacional da ALFAL (2011)

Trabalho apresentado:

Gramatização e normalização: Rudimentos da grammatica portugueza (1799)

VI. (doc. 317)

Comentário:

O XVI Congresso Internacional da ALFAL, realizado no período de 06 a 09 de junho de 2011, na Universidad de Alcalá, na cidade de Alcalá de Henares, Espanha, foi um evento relevante para o prosseguimento de minha pesquisa sobre historiografia linguística, pois integrei o simpósio de historiografia, Projeto 9, do qual participaram pesquisadores, especialistas nessa área de conhecimento, de diversos países.

12th International Conference on the History of Language Science (2011)

Trabalho apresentado:

Considérations sur la méthode et l'enseignement de la grammaire au Portugal aux 17e et 18e siècles (doc. 318)

Comentário:

O congresso foi realizado no período de 28 de agosto a 02 de setembro, na State University of Saint-Petersburg, na cidade de Saint-Petersburg, Rússia. Esse é o evento internacional mais importante sobre Historiografia Linguística tanto pela quantidade de pesquisadores da área quanto pela qualidade dos trabalhos apresentados e seguidos de discussões produtivas e acaloradas. No trabalho que apresentei, discuti a importância, para o desenvolvimento dos estudos de gramática em Portugal durante a vigência do domínio jesuítico, as ideias linguísticas e a metodologia de ensino de gramática de dois autores: Amaro de Roboredo (1619) e Luis António Verney (1746)

Congresso Internacional da ABRALIN (2009)

Trabalho apresentado:

Uso e norma: a “ordem” na gramática de Jerónimo Contador de Argote (doc. 382)

Comentário:

No período de 04 a 07 de março de 2009, realizou-se o VI Congresso Internacional da ABRALIN, em João Pessoa, Paraíba. Nesse evento, participamos da mesa-redonda História da gramática do português, em que apresentamos o

trabalho *Uso e norma: a “ordem” na gramática de Jerónimo Contador de Argote*, destacando aspectos da obra de Argote que foram relevantes à fixação da norma portuguesa. Fizeram parte da mesa as Professoras Diana Luz Pessoa de Barros (coordenadora e apresentadora), Maria Helena de Moura Neves e Neusa Bastos. O texto completo integra os Anais do Congresso e consta dos anexos.

VII Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística e VII Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística (2009).

Trabalho apresentado:

Uma teoria da tradução no Methodo Gramatical para todas as línguas, de Amaro de Roboredo (doc. 326)

Comentário:

O VII Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística (SEHL), realizado na Vila Real, Portugal, no período de 03 a 06 de novembro de 2009, foi um evento relevante no cenário da historiografia linguística internacional, pois dele participaram pesquisadores de renome na Europa, América e Ásia, como, por exemplo Amadeu Torres (Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho, Portugal), Gerda Hassler (Universität Potsdam), Hans-Josef Niederehe (Universität Trier, Alemanha), Masayuki Toyoshima (Tokyo University of Foreign Studies Research Institute for Languages and Cultures of Asia and Africa). O paper apresentado, cujo título foi *Uma teoria da tradução no Methodo Gramatical para todas as línguas, de Amaro de Roboredo* foi discutido por uma platéia de especialistas em historiografia e gramaticografia do português. Destaco dentre esses a participação dos professores Carlos Assunção, da Universidade de Trás-os-Montes Alto Douro (UTAD), talvez o pesquisador português mais ativo e produtivo no campo atual da historiografia, e Rolf Kemmler, pesquisador alemão (de Gomaringen), atualmente convidado da UTAD para desenvolver pesquisas sobre gramáticas portuguesas do século XVIII.

Rosae - I Congresso Internacional de Linguística Histórica.

Trabalho apresentado:

Uso e norma nas “Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina” (doc. 324)

Comentário:

Em homenagem à pesquisadora brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva, realizou-se em Salvador, no período de 26 a 29 de julho de 2009, o I Congresso

de Linguística Histórica, no qual apresentamos a comunicação *Uso e norma nas Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*, de Jerónimo Contador de Argote. Na comunicação de vinte minutos, retomamos rapidamente, alguns aspectos da obra já comentados na conferência de Paris, a fim de mostrar de que modo o autor registrou a variação linguística do português existente no último quartel do século XVII e primeiro do XVIII. Para tanto, a apresentação foi dividida em três partes: na primeira, comentamos alguns dados da vida e obra do autor; na segunda, enfatizamos como a variação existe na parte doutrinal da gramática; finalmente, na terceira, revelamos dois tipos de variação: uma “exógena”, quando Argote considera a variação do português em relação ao latim, e, outra, “endógena”, quando considera a variação interna do português. O programa do Congresso está disponível em http://www.rosae.ufba.br/layout/padrao/laranja/rosae/Programa%20ROSAE_site_160709.pdf.

Meta 3 – Publicação de resultados da pesquisa.

Comentário:

No que concerne aos trabalhos realizados no âmbito do projeto de pesquisa *Uso e norma em gramáticas portuguesas*, sobre o que vim relatando, as metas anteriores, de divulgação da pesquisa por apresentação oral, levaram-me à meta da publicação. Registro a seguir a estatística do que foi produzido, já que os comentários sobre a pesquisa já foram feitos e, mais adiante, a bibliografia completa dos textos será apresentada.

Desse modo, quanto à publicação, o quadro da pesquisa é o seguinte:

1. Trabalhos completos publicados: capítulos. (4)
2. Trabalhos completos publicados: artigos em anais de congresso. (2)
3. Trabalhos completos publicados: periódico. (3)
4. Trabalhos completos encaminhados para publicação: periódicos (1)
5. Trabalhos completos apresentados em congressos internacionais (com carta de aceite) (2)

PROJETO DE PRODUTIVIDADE EM PESQUISA (PQ – CNPq): 2ª FASE

Uso e norma nas gramáticas brasileiras

Com fundamento nos mesmos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa anterior, apresentei ao CNPq o projeto intitulado Uso e norma em gramáticas brasileiras (doc. 406), como projeto de produtividade ao CNPq, para continuar o trabalho que, na primeira fase, teve como objeto as gramáticas portuguesas, dos séculos XVI ao XVIII. O projeto foi aprovado pelo CNPq, em processo identificado pelo nº 308299/2010-8 (doc. 394).

O novo texto projeta uma pesquisa cujo objetivo fundamental é identificar a repercussão do uso objetivo da língua na fixação da norma linguístico-gramatical e sua repercussão na organização global da gramática de base greco-latina. Em outras palavras, o objetivo fundamental da investigação é examinar a presença e funcionalidade do uso nas gramáticas brasileiras. O trabalho visa também, de um lado, a mostrar como as gramáticas constituem importante instrumento de registro de um estado de língua e, de outro, a evidenciar como cada gramático maneja o uso e constrói a norma linguística, obrigatória aos usuários do estrato sociolinguístico ao qual estão voltadas. Além disso, objetiva-se, também, a investigar como a consideração do uso, aliada a mudanças teórico-metodológicas, promovem não somente a mudança da norma e da seleção dos exemplos como também influem na alteração do modelo de gramática.

Até esse momento consegui cumprir algumas metas relativas à execução desse projeto, mas será preciso mais empenho para, até o final do prazo, alcançar o objetivo a que me propus atingir, quando da apresentação do projeto. Creio que o envolvimento, alto, com os projetos de gestão tenham interferido nessa área, embora eu não a tivesse negligenciado.

Em síntese, a produção relativa a esse projeto até o momento foi a seguinte:

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS OU GRUPOS DE PESQUISA:

XI Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ

Participação na mesa temática Gramática no Brasil: reflexos da colônia e reflexos da atualidade

Trabalho apresentado: Reflexos do contexto político brasileiro na norma linguística: a atuação de João Ribeiro. (doc. 315)

Data: 25 de outubro de 2012

Local: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Colloque SHESL – HTL 2013

Teme: Écriture(s) et représentations du langage et des langues

Session tematique Représentations de l'oral et des normes dans les manuels de grammaire

Trabalho apresentado L'influence de l'oralité sur la formation de la norme linguistique: analyse de la place des pronoms atones dans la grammaire de la langue portugaise (doc. 329)

Data : 25 de janeiro de 2013.

Local: Université de Paris VII - Denis Diderot - Paris

Laboratoire d'histoire des théories linguistiques

Réunion scientifique du programme Traditions et outils linguistiques

Exposé : Grammaires brésiliennes du XXIème siècle : quelques aproches. (doc. 396)

Date : 14 de fevereiro de 2013

Local: Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques - Paris

Textos apresentados para publicação (aguardando publicação)

LEITE, M. Q. (2013) Considerações sobre a contribuição de Ingedore Koch para a gramática do século XXI. In: SOUSA, E. R. F.; Penhavel, E.; Cintra, M. R. (2013). Linguística Textual: interfaces e delimitações. São Paulo : Cortez. [A aparecer – texto entregue e aprovado pelos editores] (doc. 403)

LEITE, M. Q. (2013) Constitución del portugués de Brasil: aspectos socio-históricos. Revista Linguística da ALFAL. [A parecer no v. 29, jun. 2013 - em avaliação] (doc. 408)

LEITE, M. Q. (2013) L'influence de l'oralité sur la formation de la norme linguistique: analyse de la place des pronoms atones dans la grammaire de la langue portugaise. Dossiers HEL, ISSN : 1638-1580. [Texto aceito pelos editores] (doc. 407)

Atividades a serem realizadas

Projetos de publicação (texto em elaboração, com base em pesquisas

realizadas, cujos primeiros resultados foram apresentados em congressos, grupo de pesquisa ou disciplina de pós-graduação)

A formação da norma linguística brasileira: a contribuição de Júlio Ribeiro

Norma europeia e norma brasileira: diferenças na gramática de João Ribeiro

A importância de Said Ali para a fixação da norma gramatical brasileira

A colocação de pronomes átonos: aspectos da norma brasileira

A fixação da norma brasileira: o investimento de Evanildo Bechara

A fixação da norma brasileira: o investimento de Celso Cunha

A gramática brasileira do século XXI espelhada no trabalho de José Carlos Azeredo

Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa - séculos XX e XXI

Em coautoria

NEVES. M. H. de M.; Leite, M. Q. (2013) Gramática e sociedade: estudo da representação social de gramáticos e gramáticas. [Título provisório. Texto a ser publicado em periódico nacional, em 2013]

Participação em Congressos

A convite da Prof.^a Maria Helena de Moura Neves, integrarei, como comentarista da mesa-redonda Gramáticos do português, da qual participarão Maria Helena Mira Mateus, Evanildo Bechara, Mário Perini, José Carlos de Azeredo, Marcos Bagno e Maria Helena de Moura Neves para falar de suas gramáticas a partir da proposição “Defino minha/nossa obra gramatical como...”. Os dados do Simpósio são: (doc. 392)

IV SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (2 a 5 de julho de 2013)

Mesa-Redonda: Gramáticos do Português

Trabalho a ser apresentado: Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa - séculos XX e XXI

A programação apresentada a seguir, embora seja ainda longínqua, pois somente se realizará em agosto de 2014, menciono-a pela importância que tem na área e, também, porque trabalharei na Comissão Científica do evento, a convite dos organizadores, os professores doutores Carlos Assunção, Helena Santos, Gonçalo Fernandes, portugueses, docentes pesquisadores da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e de Coimbra, além de Rolf Kemmler, alemão, mas também docente e pesquisador na UTAD.

13TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE HISTORY OF LANGUAGE SCIENCES (ICHoLS XIII)

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal (de 25 a 29 de agosto de 2014)

397

Além da apresentação de trabalho A gramática brasileira do século XXI espelhada no trabalho de José Carlos Azeredo, participarei da Comissão Científica do Congresso (doc. 397)

Filiação ao GT de Historiografia Linguística - ANPOLL

A convite do Prof. Dr. Ricardo Cavaliere (doc. 398), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participei, no dia 21 de maio deste ano da reunião do GT Historiografia da ANPOLL a fim de filiar-me ao grupo. Na ocasião, comentei aspectos de minha pesquisa na área de história das ideias linguísticas da gramática portuguesa e apresentei o plano de trabalho a ser desenvolvido no GT.

¹⁰ No Anexo IV apresento uma cópia do curriculum lattes em que há a relação completa das publicações.

Publicações

Nesta seção, apresento a relação de alguns textos publicados, embora muitos deles já tenham sido referidos anteriormente, para oferecer uma visão de conjunto das publicações.¹⁰

Livros

LEITE, M. Q. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1999. ISBN 85-86087-59-9 (doc. 237)

LEITE, M. Q. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. 2 ed. rev. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. ISBN 85-98292-76-1 (doc. 238)

LEITE, M. Q. *Resumo: o que é e como se faz*. São Paulo: Paulistana, 2006. Col. *Aprenda a Fazer*. ISBN 85-99829-01-7 (doc. 248)

LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática: uso e norma*. São Paulo : Humanitas : Paulistana, 2007. [2011 segunda impressão] (doc. 296)

LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007. (doc. 292)

Organização de livros em coautoria

URBANO, H., DIAS, A. R. F.; LEITE, M. Q.; SILVA, L. A. da; GALEMBECK, P.de T. (Orgs.) *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001. (ISBN 85-249-0830) (p. 241) (doc. 241 e 241a)

BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. *Análise da conversação no grupo de trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística*. São Paulo : Cortez, 2010. (doc. 258 e 258a)

Capítulos

LEITE, M. Q. *Glossário*. In: Preti, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 4 ed. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 229-223. *Série Projetos Paralelos*, v. 1. [1993] (doc. 234)

LEITE, M. Q. *O purismo no discurso oral culto*. In: Preti, Dino (org.) *O discurso*

oral culto. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 79-114 Série Projetos Paralelos, v. 2. [1997] (doc. 242)

LEITE, M. Q. língua falada: uso e norma. In: Preti, Dino (org.) Estudos de língua falada: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 179-208. Série Projetos Paralelos, v. 3. (doc. 243)

LEITE, M. Q. A influência da língua falada na gramática tradicional. In: Preti, Dino (org.) Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 129-153. Série Projetos Paralelos, v. 4. (doc. 244)

LEITE, M. Q. O problema da variação. In: Língua Portuguesa – Construindo Sempre (Aperfeiçoamento de Professores PEB II). Módulo I. São Paulo: Secretaria de Educação de São Paulo/Coordenadoria de Normas Pedagógicas (CENP)/ USP/FAFE, 2002. (doc. 251a e 259)

LEITE, M. Q. A norma linguística: perspectivas. In: Língua Portuguesa – Construindo Sempre (Aperfeiçoamento de Professores PEB II). Módulo I. São Paulo: Secretaria de Educação de São Paulo/Coordenadoria de Normas Pedagógicas (CENP)/ USP/FAFE, 2002. (doc. 251b e 259)

LEITE, M. Q. Que atitude tomar diante da gramática? In: Língua Portuguesa – Construindo Sempre (Aperfeiçoamento de Professores PEB II). Módulo I. São Paulo: Secretaria de Educação de São Paulo/Coordenadoria de Normas Pedagógicas (CENP)/ USP/FAFE, 2002. (Leitura Complementar) (doc. 251c e 259)

LEITE, M. Q. O espaço da interação autor/leitor na gramática tradicional: um estudo de caso. In: Preti, Dino (org.) Interação na fala e na escrita. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 227-252. Série Projetos Paralelos, v. 5. (doc. 245)

LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade. In: Preti, Dino (org.) Léxico na língua oral e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2003, v. 6, p. 17-45. Série Projetos Paralelos, v. 6. (ISBN 85-7506-117-8) (doc. 247)

LEITE, M. Q. O diálogo no diálogo: a dupla expressão do discurso do outro. In: Preti, Dino (org.) Diálogos na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 85-118. Série Projetos Paralelos, v. 7. (ISBN 85-98292-35-4) (doc. 246)

LEITE, M. Q. O discurso dos exemplos na gramática portuguesa do século XVI. In: URBANO, H., DIAS, A. R. F.; LEITE, M. Q.; SILVA, L. A. da; GALEMBECK, P. de T. (Orgs.) Dino Preti e seus temas. São Paulo: Cortez, 2001. p. 289 a 309. (ISBN 85-249-0830). (doc. 241)

LEITE, M. Q. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: Silva, Luiz Antônio da (Org.) A língua que falamos. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005, p. 183-210. ISBN 85-250-4060-6 (doc. 250)

LEITE, M. Q. Oralidade, escrita, gênero e mídia: entrelaçamentos. In: PRETI, D. (org.). Oralidade em diferentes discursos. São Paulo : Humanitas, 2006. (doc. 290)

LEITE, M. Q.; LEITE JR., O. da S. Uma aplicação da análise do discurso ao texto legal. In: Linguagem e suas aplicações no Direito. São Paulo : Paulistana, 2007. (doc. 368)

LEITE, M. Q. Cortesia e descortesia: a questão da normatividade. In: PRETI, D. (org.). Cortesia verbal. São Paulo : Humanitas, 2008, v.9. (doc. 293)

LEITE, M. Q. A carta pessoal: metodologia e análise. In: CARDOSO, E. de A.; CONDÉ, V. G.; GIL, B. D. Modelos de análise linguística. São Paulo: Contexto, 2009. (doc. 284)

LEITE, M. Q. A gramática da linguagem na gramática da língua: o legado de Fernão de Oliveira no discurso de João de Barros. In: Abaurre, M. Bernadete; Pfeiffer, Cláudia; Avelar, Juanito. (Org.). Fernão de Oliveira: um gramático na história. Campinas, SP: Pontes, 2009, p. 285-292. (doc. 252)

LEITE, M. Q. Do falado ao escrito e vice-versa. In: PRETI, D. (org.). Oralidade em textos escritos. São Paulo : Humanitas, 2009, v. 8. (doc. 291)

LEITE, M.Q.; BARROS, D. L. P. de; DIAS, A. R.; SILVA, L. Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil. In: Bentes, A. C.; LEITE, M.Q. A. Análise da conversação no grupo de trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. São Paulo : Cortez, 2010. (doc. 258a)

LEITE, M. Q. Amar, verbo intransitivo, na transitividade do uso e da norma linguísticos. In: Texto, discurso e suas práticas. São Paulo: Editora: Terracota, 2010. (doc. 283)

LEITE, M. Q. Uma “teoria da tradução” no Methodo Gramatical para todas as línguas, de Amaro de Roboredo. In: C. Assunção; G. Fernandes; M. Loureiro. (Org.). Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc XIX). 1 ed. Munster: Nodus Publikationen, 2010, v. 2, p. 495-509. (doc. 255)

LEITE, M. Q. Interação pela linguagem: o discurso do professor. In: ELIAS, V. M. Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo : Contexto, 2011. (doc. 256)

LEITE, M. Q. Variação linguística: aspectos históricos. In: Preti, D. (or.g.) Variações na fala e na escrita. São Paulo : Humanitas, 2011. (doc. 294)

LEITE, M. Q. Normalisation du Portugais: une analyse des grammaires du XVIe et du XVIIIe siècles. In: Rosoff, Sonia Branca et al. (Org.). Langue commune et changements de normes. Paris: Champion, 2011, v., p. 385-394. (doc. 239)

LEITE, M. Q. Interação, texto falado e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. Texto ou discurso? São Paulo : Contexto. (doc.289)

Artigos em anais

LEITE, M. Q. Uso e norma: a “ordem” na gramática de Jerónimo Contador de Argote. In: V Congresso Internacional ABRALIN, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 ANOS. João Pessoa : Ideia, 2009. v. 2, p. 3976-3986. (doc. 308)

LEITE, M. Q. Gramatização e normalização: a Arte da Grammatica Portugueza de António José dos Reis Lobato (1770). In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba : UFPR, 2011. v. 1. p. 3212-3221. (doc. 309)

LEITE, M. Q. Gramatização e normalização: a gramática de Pedro José da Fonseca (1799). Actas del XVI Congresso Internacional de la ALFAL, 2011, p. 3771-3778. (doc. 303)

Artigos em periódicos

LEITE, M. Q. The Brazilian hyperlanguage mark in the traditional grammar of the 19th century. Selected papers from the Ninth International Conference on the History of the Language Sciences. Study in the history of the languages sciences, 110. 27-30 August 2002, São Paulo - Campinas. Londres: John Benjamins Publishing Company- Amsterdam/ Philadelphia, 2007. v.1. p.75 – 86. (doc. 295)

LEITE, M. Q. Intolerância e linguagem: um estudo de caso. Revista da ANPOLL., v.14, p.175 - 188, 2003. (doc. 254)

LEITE, M. Q. A hiperlíngua brasileira na construção da norma linguística gramatical: um estudo de gramáticas do século XIX. Estudos Portugueses. Revista de Filologia Portuguesa, v. 5 : 103-112. Salamanca, 2005. ISSN: 1579-6825. (doc. 240)

LEITE, M. Q. Muitas vozes em uma só: a Terceira Margem do Rio. Investigações. Recife, UFPE, 2008. (doc. 367)

LEITE, M. Q. Gramática, uso e norma: a contribuição de Maria Helena ao ensino. Linha d'água, número especial 30 anos, 2010, p. 93-112. ISSN 0103-3638. Disponível em: (311 e 366)

LEITE, M. Q. Alencar e a formação do pensamento crítico sobre o Português do Brasil. Língua e Literatura. n. 27, 83-120, 2001-03, copyright © 2010. (doc. 249)

LEITE, M. Q. Du portugais au latin: la place de la traduction dans la Méthode grammaticale pour toutes les langues, d'Amaro de Roboredo. Histoire Epistémologie Langage, 2011. (doc. 297)

LEITE, M. Q. A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. ALFA: Revista de Linguística, 2011. (doc. 298)

LEITE, M. Q. Considerações sobre uso e norma na gramática portuguesa do século XVII – Methodo grammatical para todas as linguas (1619), Amaro de Roboredo. Revista de Filologia e Língua Portuguesa, 13 (2)p. 363-394, 2011. (doc. 370)

LEITE, M. Q. A Nova Gramática do Português Contemporâneo: tradição e modernidade. Revista de Filologia e Língua Portuguesa, 8 , p. 23-50, 2006. (doc. 371 e 371a)

Artigos no prelo

LEITE, M. Q. Constitución del portugués de Brasil: aspectos socio históricos. Revista de Linguística da ALFAL. (a parecer em junho de 2013) (doc. 408)

LEITE, M. Q. (2013) L'influence de l'oralité sur la formation de la norme linguistique: analyse de la place des pronoms atones dans la grammaire de la langue portugaise. Dossiers HEL, ISSN : 1638-1580. (Texto aceito pelos editores) (doc. 407)

Tradução

LEON, Jacqueline. A linguística de corpus: história, problemas, legitimidade. Revista de Filologia e Língua Portuguesa, 8 , p. 51-82, 2006. Trad. Leite, M. Q.. KUNDMAN, S. (doc. 371a)

Capítulos (no prelo)

LEITE, M. Q; Negreiros, G. (2013). Algumas perspectivas sobre a Análise da Conversação no Brasil. In: Gonçalves. A. V.; Góis. M. L. de S. (orgs.) O fazer científico? Campinas : Mercado de Letras, v.2. (Publicação prevista para o segundo semestre de 2013) (doc. 404)

LEITE, M. Q. (2013) Considerações sobre a contribuição de Ingedore Koch para a gramática do século XXI. In: SOUSA, E. R. F.; Penhavel, E.; Cintra. M. R. (2013). Linguística Textual: interfaces e delimitações. São Paulo : Cortez. (Publicação prevista para dezembro de 2012 – atrasada) (doc. 409)

Participação em bancas e comissões julgadoras

BANCAS

Qualificação – Mestrado

Candidata: Lígia de Cássia Venâncio Oliveira (USP) (doc. 125)

Título:

Orientadora: Hudinilson Urbano

Examinadores: Marli Quadros Leite e Luiz Antônio Silva

Data: 30 de setembro de 1999

Candidata: Arlene Lopes Sant'Ana (USP) (doc. 137)

Título: Análise do discurso da propaganda de prevenção de drogas

Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros

Examinadores: José Luiz Fiorin e Marli Quadros Leite

Data: 6 de dezembro de 2001

Candidato: Carlos Lírio (PUC/SP) (doc. 128)

Título: O discurso afro-brasileiro na mídia escrita contemporânea

Orientadora: Ana Rosa Ferreira Dias

Examinadores: Dino Preti e Marli Quadros Leite

Data: 26/08/2002

Candidata: Margareth Feresin Gomes (doc. 129)

Título: Da implantação de proposta curriculares no ensino de língua portuguesa no estado de São Paulo

Orientador: Valdir Heitor Barzotto

Examinadores: Letícia Marcondes Rezende e Marli Quadros Leite

Data: 05/12/2002

Candidata: Giovana Wrubel Brants (USP) (doc. 126)

Título:

Orientador: Luiz Antônio Silva

Examinadores: Valdir Barzotto e Marli Quadros Leite
Data: 23/11/2004

Candidata: Lea Poiano Stella (PUC=SP) (doc. 127)
Título: Tá tudo dominado
Orientadora: Dino Preti
Examinadores: Ana Rosa e Marli Quadros Leite
Data: 10/02/2003

Candidata: Sílvia Mendes de Andrade (UPM – Mackenzie) (doc. 132)
Título: As técnicas retóricas: um exame do modo de disposição em três discursos de diferentes tipos – deliberativo, epidítico e judiciário
Orientadora: Maria Helena de Moura Neves
Examinadores: Lílían Lopondo e Marli Quadros Leite
Data: 07/04/2005

Candidata: Gláucia Silene Almeida Telles (PUC-SP) (doc. 130)
Título: O discurso da revista 4x4
Orientadora: Ana Rosa Ferreira Dias
Examinadores: Dieli Vesaro Palma, Marli Quadros Leite
Data: 28/06/2005

Candidato: Alexandre Marcelo Bueno (USP) (doc. 131)
Título: Intolerância linguística nas leis que tratam de educação
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros
Examinadores: Margarida Taddoni Petter e Marli Quadros Leite
Data: 29/09/2005

Candidata: Kelly Cristina de Oliveira (doc. 363)
Título: Interação e entrevistas de seleção de trabalho
Orientadora: Maria Lúcia C. V. O. Andrade
Examinadores: Mercedes Canha Crescitelli e Marli Quadros Leite
Data: 09/03/2006

Candidato: Pedro Luís Rodrigues (doc. 133)
Título: Intolerância em crônicas metalinguísticas
Orientadora: Marli Quadros Leite

Examinadores: Luiz Antônio Silva e Marli Quadros Leite
Data: 13/06/2003

Candidato: Saul Cabral Gomes Júnior (doc. 134)
Título: Oralidade em livros didáticos
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Luiz Antônio Silva e Marli Quadros Leite
Data: 21/09/2004

Candidata: Maria Aparecida Cabañas (doc. 135)
Título: Intolerância e estrangeirismos: o caso dos galicismos
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Maria Lúcia Andrade e Marli Quadros Leite
Data: 09/03/2006

Candidata: Kelly Patrícia Aparecida da Silva (doc. 136)
Título: Oralidade em programas televisivos
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Ana Rosa Dias e Marli Quadros Leite
Data: 08/10/2004

Candidata: Etienne Fantine de Almeida (doc. 335-349)
Título: O percurso do discurso nos livros didáticos
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros
Examinadores: Vera Lúcia Hanna e Marli Quadros Leite
Data: 02/07/2010

Candidata: Sílvia Regina Peres (UPM) (doc. 350)
Título: A ironia em textos sincréticos
Orientador: José Gaston Hilgert
Examinadores: Regina Helena Pires de Brito e Marli Quadros Leite
Data: 16/08/2007

Qualificação doutorado

Candidata: Shirley Cabarite da Silva (USP) (doc. 121)
Título: O discurso de Monteiro Lobato
Orientadora: Leonor Lopes Fávero

Examinadores: Marli Quadros Leite, Maria Resende San Martin
Data: 15/02/2000

Candidata: Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze (USP) (doc. 124)
Título: Análise do discurso de publicidade
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros (124)
Examinadores: Marli Quadros Leite
Data: 27 de agosto de 2001

Candidata: Rita de Cássia Pacheco Limberti (USP) (doc. 123)
Título: A imagem do índio: discursos e representações
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros (123)
Examinadores: Maria Adélia Ferreira Mauro e Marli Quadros Leite
Data: 21/06/2003

Candidata: Elizabeth Umbelino de Barros (USP) (doc. 122)
Título: Línguas africanas em cultos de candomblé
Orientadora: Margarida Taddoni Petter (122)
Examinadores: Waldemar Ferreira Netto e Marli Quadros Leite
Data: 30/05/2005

Candidata: Lúcia Helena Ferreira (USP) (doc.)
Título: Para um estudo comparativo de abordagens teóricas nocionais de línguas nas gramáticas de referência do português (do Brasil) e do francês contemporâneos
Orientadora: Véronique Dahlet
Examinadores: Maria Sabina Kundman e Marli Quadros Leite
Data: 2006

Candidata: Wilma Terezinha Liberato Gerab (USP)
Título: Interação e conversação literária nas ‘Tragédias cariocas’ e Nelson Rodrigues.
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Dino Preti e Ana Rosa Dias
Data: 2006

Candidata: Márcia Martins Castaldo (USP) (doc. 341)
Título: Vozes em trânsito na escrita escolar: um olhar sobre o uso da palavra nas questões de vertibulares

Orientadora: Maria Teresa Fraga Rocco
Examinadores: Sílvia Colello e Marli Quadros Leite
Data: 2007

Candidato: Edson José Gomes (USP) (doc. 347)
Título: Gramática e aprendizagem do francês língua estrangeira
Orientadora: Véronique Dahlet
Examinadores: Cristina Pietraróia e Marli Quadros Leite
Data: 05/02/2009

Candidato: Saul Cabral Gomes Júnior (doc. 340-346)
Título: As ideias linguísticas de Gladstone Chaves de Melo
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Maria Mercedes e Maria Clara Paixão de Souza
Data: 05/10/2009

Candidato: Caio César Costa Ribeiro Mira (UNICAMP) (doc. 337)
Título: Elaboração de um estilo de fala
Orientadora: Ana Cristina Bentes
Examinadores: Sebastião Carlos Gonçalves e Marli Quadros Leite
Data: 31/05/2010

Candidata: Jahilda Lourenço de Almeida (USP) (doc. 348)
Título: A trajetória discursivo da violência em “Homens de papel”, de Plínio Marcos
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Dino Preti, Ana Rosa Dias
Data: 22/10/2008

Participação em bancas de Mestrado

Candidata: Marlene Assunção de Nóbrega (USP) (doc. 114)
Título da dissertação: A oralidade no texto escrito infanto-juvenil: o paradidático ficcional
Orientador: Hudinilson Urbano
Examinadores: Irenilde Pereira dos Santos e Marli Quadros Leite
Data: 14 de dezembro de 2001

Candidato: Carlos Lírio (PUC-SP) (doc. 113)
Título da dissertação: O discurso afro-brasileiro na mídia escrita contemporânea: a linha de frente da Raça Brasil. (113)
Orientadora: Ana Rosa Ferreira Dias
Examinadores: Dino Preti e Marli Quadros Leite
Data: 16 de dezembro de 2002

Candidata: Arlene Lopes Santana (USP) (doc. 112)
Título da dissertação: Análise do discurso da propaganda de prevenção às drogas (112)
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros (DL)
Examinadores: Maria Adélia Ferreira Mauro e Marli Quadros Leite
Local: FFLCH
Data da defesa: 22/04/2003

Candidata: Lea Poiano Stella (PUC-SP) (doc. 111)
Título da dissertação: Tá tudo dominado: a gíria das prisões (111)
Orientador: Dino Preti
Examinadores: Ana Rosa Ferreira Dias e Marli Quadros Leite
Data: 07/05/2003

Candidata: Margareth Feresin (UNESP) (doc. 110)
Título da dissertação: Da implantação de propostas curriculares no ensino de língua portuguesa no estado de São Paulo à prática na sala de aula: uma análise de possíveis fatores de descompasso trazidos pela memória
Orientador: Valdir Barzotto
Examinadores: Prof.^a Dr.^a Letícia Marcondes Rezende e Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite
Local: UNESP / Campus Araraquara
Data da defesa: 20/05/2004

Candidata: Simone Cristina Salviano Ferreira (UFU) (doc. 116)
Título da dissertação: A crônica: problemáticas em torno de um gênero
Orientador: Luiz Carlos Travaglia
Examinadores: Luísa Helena Borges Finotti, e Marli Quadros Leite
Data: 08/07/2005

Candidata: Sílvia Mendes de Andrade (UPM) (doc. 115)
Título da dissertação: Um exame do modo de disposição em dois tipos diferentes tipos discursivos, o deliberativo e o epidictico (115)
Orientadora: Maria Helena de Moura Neves
Examinadores: Lílian Lopondo e Marli Quadros Leite
Data: 12/08/2005

Candidata: Alessandra Regina Guerra (UNESP)
Título da dissertação: Funções textuais-interativas dos marcadores discursivos
Orientador: Sebastião Carlos Gonçalves
Examinadores: Clélia Jubran e Marli Quadros Leite
Data: 2007

Candidata: Silvana Gurgel (USP)
Título da dissertação: O período dos estudos linguísticos brasileiros dito científico na questão da colocação pronominal (1880-1920)
Orientadora: Cristina Altman
Examinadores: Neusa Bastos e Marli Quadros Leite
Data: 2008

Candidata: Elaine Cristina Baiarde (PUC-SP)
Título da dissertação: Leitura e escola: um estudo sobre a visão de professores e alunos sobre a prática de leitura
Orientadora: Dieli Versaro Palma
Examinadores: Mercedes Crescitelli e Marli Quadros Leite
Data: 2006

Candidata: Walesca Bernadino Silva (UFU)
Título da dissertação: A relação entre referenciação e argumentação
Orientadora: Luisa H. Finotti
Examinadores: Luis Carlos Travaglia e Marli Quadros Leite
Data: 2008

Candidata: Sílvia Regina Peres (UPM)
Título da dissertação: A ironia no texto sincrético
Orientador: Gaston Hilgert
Examinadores: Regina Helena Pires e Marli Quadros Leite
Data: 2008

Candidata: Etienne Fantini de Almeida (UPM)
Título da dissertação: O percurso dos livros didáticos: considerações acerca da apresentação
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros
Examinadores: Hanna V. L. H. e Marli Quadros Leite
Data: 2010

Candidata: Maranúbia Pereira Barbosa (UEL) (doc. 339-343)
Título da dissertação: Oribela e os outros: intertextos em Desmundo de Ana Miranda
Orientadora: Paulo Galembeck
Examinadores: Esther Gomes de Oliveira e Marli Quadros Leite
Data: 27/03/2009

Participação em bancas Doutorado

Candidata: Mercedes de Fátima Canha Crescitelli (USP) (doc. 117)
Título da tese: Disfluência conversacional na fala culta
Orientador: Dino Preti
Examinadores: Luiz Carlos Travaglia, Suely Cristina Marchesi, Marli Quadros Leite
Data: 10/03/1998

Candidata: Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti (USP) (doc. 118)
Título da tese: A imagem do índio: discursos e representações
Orientadora: Prof.^a Dr^a Diana Luz Pessoa de Barros (DL)
Examinadores: Maria Adélia Ferreira Mauro, José Luiz Fiorin, Gláucia Muniz Proença Lara e Marli Quadros Leite
Local: FFLCH / USP
Data: 17/10/2003

Candidata: Marise Adriana Mamede Galvão (UNESP/ Araraquara) (doc. 119)
Título da tese: A topicalidade discursiva: um estudo de digressões na interação em sala de aula
Orientador: Paulo de Tarso Galembeck
Examinadores: Antônio Suárez Abreu, Maria Lúcia da Cunha V. de O. Andrade, Vladimir Moreira e Marli Quadros Leite

Local: UNESP / Campus Araraquara

Data da defesa: 13/05/2004

Candidato: Marcelo Machado Martins (USP) (doc. 120)

Título da tese: Identidades em José de Alencar: povo brasileiro e língua portuguesa (120)

Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros

Examinadores: José Luiz Fiorin, Arnaldo Cortina, Kati Caetano e Marli Quadros Leite

Local: USP

Data da defesa: 29/03/2005

Candidata: Elizabeth Umbelino de Barros (USP) (doc.)

Título da tese: Línguas africanas em cultos de camdomblé

Orientadora: Margarida Taddoni Petter

Examinadores: Waldemar Ferreira Netto, Ieda Pessoa de Castro, Tânia Alkimin e Marli Quadros Leite

Local: USP

Data da defesa: 29/03/2005

Candidata: Gisele Cássia de Sousa (UNESP)

Título da tese: Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional

Orientadora: Maria Helena de Moura Neves

Examinadores: Mariângela Rios Oliveira, M. M. A. Hattner, Sebastião Carlos Gonçalves Leite e Marli Quadros Leite

Local: USP

Data da defesa: 2007

Candidata: Sílvia Helena Nogueira (USP)

Título da tese: Da leitura poética à produção do gênero artigo acadêmico-científico: uma proposta para o ensino superior

Orientadora: Norma Goldstein

Examinadores: Silvana Serrani, Manoel Luiz Gonçalves Correa, Maria Sílvia Olivi Louzada e Marli Quadros Leite

Local: USP

Data da defesa: 2008

Candidata: Lúcia Helena Ferreira (USP) (doc. 338)
Título: Sobre gramáticas de língua portuguesa francesa contemporâneas: entre tradição e reelaboração
Orientadora: Véronique Dahlet
Examinadores: John Schimitz, Alain Mouzart, V. Marinelli e Marli Quadros Leite
Data: 2009

Candidata: Márcia Martins Castaldo (USP) (doc. 342)
Título: Redação no vestibular: a língua cindida
Orientadora: Maria Teresa Fraga Rocco
Examinadores: Neide Rezende,, A. C. Moura, Sílvia Colello e Marli Quadros Leite
Data: 2007

Candidato: Alexandre Marcelo Bueno (USP) (doc. 345)
Título da dissertação: Intolerância linguística e imigração
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros
Examinadores: Gaston Hilgert e Marli Quadros Leite
Data: 17/09/2009

Candidata: Jahilda Lourenço de Almeida (USP)
Título: O percurso discursivo da violência em “Homens de papel”, de Plínio Marcos
Orientadora: Marli Quadros Leite
Examinadores: Dino Preti, Ana Rosa Dias, Vanda Maria Elias, Ana Cristina Bentes
Data: 2009

Candidata: Márcia Azevedo Coelho (USP)
Título: Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado
Orientador: Vagner Camilo
Examinadores: M. B. Amoroso, L. R. Cairo, V. a Facioli e Marli Quadros Leite
Data: 2010

Candidata: Kátia Bonilha Keller (UPM)
Título: Em busca do enunciatário de discursos (nada) amorosos: um olhar analítico sobre peças publicitárias
Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros
Examinadores: Gaston Hilgert, Regina Helena Pires de Brito, Helena Nagamine Brandão e Marli Quadros Leite

Data: 2010

Candidata: Gema Galgani Rodrigues Bezerra (USP-FE) (doc. 336)

Título: Contingências do trabalho docente na escola pública: ensinar a ler e a escrever num contexto de mudança

Orientadora: Idmeia Semeghini-Siqueira

Examinadores: V. M. de Placco, H. C. Chamlian, Claudemir Belitane e Marli Quadros Leite

Data: 2010

Candidato: Saul Cabral Gomes Junior (USP)

Título: Traços da língua, vestígios da ordem: a configuração do prescritivismo na obra de Gladstone Chaves de Melo

Orientadora: Marli Quadros Leite

Examinadores: Diana Luz P. de Barros, Marcelo Módulo, Gil Roberto Negreiros, Regina Helena Pires de Brito

Data: 2011

Candidato: Edson José Gomes (USP)

Título: Qual o papel da gramática do francês – língua estrangeira – e a complexidade da gramaticalização no ensino/aprendizagem de línguas

Orientadora: Véronique B. Dahlet

Examinadores: Ana Paula Guedes, Maria Helena de Moura Neves, Cristina Pietraróia e Marli Quadros Leite

Data: 2011

Candidata: Maria Elisabeth Vitullo (USP) (doc. 343)

Título: O papel da gramática no ensino e na aprendizagem do francês língua estrangeira – importância, lução e delimitação

Orientadora: Véronique B. Dahlet

Examinadores: Juarez Delibo, Eliana Magrini Fochi, Alain Mouzart e Marli Quadros Leite

Data: 25/04/2012

COMISSÕES JULGADORAS

Seleção de docentes na categoria Auxiliar de Ensino (MS1) (doc. 145)

Departamento: DLCV

Data: 24 de outubro de 2002

Seleção de docentes na categoria Auxiliar de Ensino (MS2) (doc. 147)
Departamento: DL
Data: 11 e 12 de março 2002

Seleção de docentes na categoria Auxiliar de Ensino (MS2) (doc. 146)
Departamento: DL
Data: 28 e 29 de outubro 2002

Seleção de docentes na categoria Auxiliar de Ensino (MS1) (doc. 148)
Departamento: DLCV
Data: 27 a 29 de agosto de 2003

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-DLCV) (doc. 140)
Candidatos: Ana Cristina Fricke Matte, Claudete Moreno Ghiraldelo, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino
Comissão julgadora: José Gaston Hilgert, Luiz Antônio da Silva (presidente), Marli Quadros Leite, Paulo de Tarso Galembeck e César Nardelli.
Aprovada: Zilda Gaspar Oliveira de Aquino
Instituição: FFLCH / DLCV
Data: 07 a 09 de abril de 2003

Comissão Julgadora de Concurso para provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-DLCV)
Candidatos: Elis de Almeida Caretta (doc. 143)
Comissão julgadora: Reginaldo Pinto de Carvalho; Francisco Savioli; John Robert Shimt; Clotilde de Almeida Murakawa, Marli Quadros Leite (presidente)
Aprovada: Elis de Almeida Caretta
Instituição: FFLCH / DLCV
Data: 18 a 26 de agosto de 2003

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-DLCV) (doc. 142)
Candidato: Sílvio Toletto Neto
Comissão julgadora: Afrânio Gonçalves Barbosa, Edwaldo Cafezeira, Osvaldo Ceschin (presidente), Marli Quadros Leite

Aprovado: Sílvio Toleto Neto
Instituição: FFLCH / DLCV
Data: 06 a 08 de agosto de 2003

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-FE)
Candidata: Cláudia Riofli (doc. 138)
Aprovada: Cláudia Riofli
Instituição: Faculdade de Educação
Data: 02 e 03 de junho de 2003

Comissão Julgadora de processo seletivo para contratação de Professor Assistente (MS2) (doc. 141)
Candidatos: Ubirajara Inácio de Araújo, Clóvis Luiz Alonso Júnior, Samanta Naidhig de Souza Neves, Letícia Paula de Freitas Peres, Márcia Vescovi Fortunato.
Aprovado: Clóvis Luiz Afonso Júnior
Instituição: FFLCH/DLCV
Data: 16 e 19 de fevereiro de 2004

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-DLCV) (doc. 144)
Candidata: Maria Helena da Nóbrega
Aprovada: Maria Helena da Nóbrega
Comissão julgadora: Ana Maria Domingues de Oliveira, Maria Sílvia Olivi Louzada, Elis de Almeida Cardoso Caretta e Marli Quadros Leite (presidente)
Instituição: FFLCH / DLCV
Data: 02 e 04 de maio de 2005

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (USP-DLCV) (doc. 399)
Candidatos: Emílio Pagotto, Maria Clara Paixão de Souza, Maria Inês Batista Campos, Verena Kewitz e outros.
Comissão julgadora: Marli Quadros Leite (presidente), Maria Aparecida Torres de Moraes, Gladis Massini Cagliari, Sandra Madureira, Jânia Ramos
Aprovados: Emílio Pagotto, Maria Clara Paixão de Souza, Maria Inês Batista Campos
Instituição: FFLCH / DLCV
Data: 2008

Comissão Julgadora de Concurso para Provimento de Cargo de Professor Doutor (UNIFESP) (doc. 400)

Candidatos: Álvaro Caretta, Helcius Batista Pereira

Comissão julgadora: Paulo Ramos, Vanda Maria Elias, Clécio Bunzen, Fernanda Miranda da Cruz, Márcia d'Álesio (Presidente) Marli Quadros Leite

Aprovado: Álvaro Caretta

Instituição: FFLCH / DLCV

Data: 17 e 18 de dezembro de 2012

Concurso a ser realizado

Comissão Julgadora do Concurso de Títulos e Provas para a Obtenção do Título de Livre-Docente (doc. 352)

Candidata: Prof.^a Dr.^a Sheila Vieira de Camargo Grillo

Comissão Julgadora: Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite (presidente); Prof.^a Dr.^a Beth Brait; Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco; Prof.^a Dr.^a Luci Banks Leite; Prof.^a Dr.^a Dóris Arruda Carneiro da Cunha

Instituição: USP

Data: 24 a 26 de junho de 2013

A extensão

O vínculo que mantinha com o Ensino Básico, desde os tempos de atuação no ensino em Vitória da Conquista, permaneceu por algum tempo em São Paulo. Meu primeiro contato com ensino em São Paulo foi com o fundamental, como professora de Língua Portuguesa/Redação no Colégio Batista Brasileiro. Esse foi um contato longo e produtivo: fiquei seis anos trabalhando com alunos de 7as e 8as séries e pude levar para a escola muito do que ia aprendendo sobre Linguística de Texto, Análise da Conversação e Análise do Discurso. Era uma oportunidade de “testar” algumas teorias com as quais entrava em contato, sem, é claro, levar novas terminologias para os alunos. A Escola sempre aprovava meus projetos de ensino e isso me estimulava a continuar junto dos jovens alunos. Tive, porém, de romper esse vínculo na época do doutorado. A Escola, contudo, não aceitou em definitivo minha demissão e me concedeu uma licença sem vencimentos até que eu

resolvesse voltar, o que nunca aconteceu em razão de meu constante envolvimento com a pesquisa na universidade.

Contudo, mesmo na Universidade, não abandonei esse nível de ensino, pois participei da Associação de Professores de Língua e Literatura - APLL, tendo desempenhado o cargo de presidente.

Quando fui presidente da APLL, procurei elaborar um plano de ação que viabilizasse um contato permanente entre universidade/escola, como, de fato, é o propósito da entidade. Priorizamos, o Conselho Diretor e eu, então, as discussões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento elaborado sob o patrocínio do Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Fundamental, e organizado por duas professoras, Kátia Bräklin e Maria José Nóbrega, sendo esta associada da APLL.

A meta estabelecida foi discutir o ensino de língua e de literatura, a partir dos PCN de ensino fundamental 3º e 4º ciclos - com professores da rede particular e privada da cidade de São Paulo. Organizei com a Prof.^a Dr.^a Ana Rosa Ferreira Dias - grande companheira com quem posso sempre contar - três cursos, todos muito bem frequentados por professores de todas as séries do fundamental II e III:

1. A Abordagem da Língua Portuguesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais – 1º semestre de 1998. (doc. 64)
2. A Abordagem do Texto Literário nos Parâmetros Curriculares Nacionais - 2º semestre de 1998. (doc. 65)
3. A Abordagem da Gramática nos Parâmetros Curriculares Nacionais - 2º semestre de 1999. (doc. 66)

Além disso, empreendemos esforços para a APLL participar das Reuniões da SBPC de 1997, 1998 e 1999, com significativa programação, que atraiu considerável público e rendeu boas discussões sobre ensino de língua/literatura. Registro que, infelizmente, naquela ocasião as entidades financiadoras, talvez em razão da crise econômica que assolava o país, custearam apenas algumas de nossas atividades, tendo ficado quase todas as despesas por conta das promoções e eventos que a entidade empreendeu.

A realização do IX Encontro Bienal da APLL, em abril de 1999, foi também digna de nota. A programação tocou pontos de grande interesse dos professores congressistas tais como: variação linguística, gramática e PCN e planejamento curricular. Nesse evento, abrimos um espaço para ouvir a voz do professor, a sessão Diário de Classe, em que sócios e visitantes puderam apresentar suas comunicações e discutir com colegas alguns pontos relevantes do ensino tanto de língua portuguesa/redação, quanto de literatura.

Outro evento importante para a APLL foi a participação no 12º COLE, como entidade promotora do seminário de ensino de língua e literatura. A programação desse evento constou de uma conferência, duas palestras e três mesas redondas, todas extremamente concorridas. Esse espaço aberto no COLE nessa ocasião foi preservado e, depois disso, a APLL já realizou dois seminários (bienais). (doc. 62)

Para mim, essas ações de extensão frente à APLL visaram, de algum modo, a cumprir o propósito de procurar sempre trabalhar em prol da melhoria da qualidade de ensino.

Também no campo da extensão, participei do projeto Construindo Sempre – USP, que consistiu de um programa de aperfeiçoamento de professores PEB II, com apoio de mídias interativas. O projeto desenvolveu-se a partir de um acordo firmado entre a Secretaria Estadual de Educação e a Universidade de São Paulo, por intermédio da FAFE (Fundação de Apoio à Faculdade de Educação). O objetivo do projeto foi qualificar, no que diz respeito aos conteúdos, a equipe de professores, de Ensino Médio, da rede pública, das áreas de História, Geografia, Matemática, Ciências e Língua Portuguesa. A novidade do programa era permitir que o professor passasse a utilizar, com pleno domínio, diversas modalidades de mídias interativas, para que, oportunamente, esse conhecimento pudesse ser aplicado durante a prática pedagógica dos docentes.

Nesse âmbito, participei como orientadora de dois grupos de docentes. Além disso, tive oportunidade de contribuir para o desenvolvimento da parte teórica do Módulo I, para o qual escrevi textos sobre variação linguística, norma e uso linguísticos e, também, sobre gramática. Além disso, proferi videoconferências sobre variação linguística, ensino e gramática, quando tinha oportunidade de responder às questões dos professores sobre esses temas.

O material produzido pelos orientadores foi editado pela USP, com apoio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, publicado, na forma de CD ROM, e distribuído em todas as escolas públicas do estado, a fim de “ampliar seu impacto do ensino”, como dito no folder que acompanha o material.

Infelizmente, o Programa de Educação Continuada Construindo Sempre foi descontinuado porque a Secretaria de Educação do Estado criou novos projetos e, por isso, deixou de investir nesse que já estava montado e funcionando perfeitamente.



Terceiro ato

*Neste chão de São Paulo o universo
Do saber faz seu campus de glória
E da USP nasceram caminhos...
Hino da USP*

Gestão acadêmica

A coordenação da área

Meu envolvimento com a gestão acadêmica teve início em meados de 2003, quando fui eleita pelos colegas da Área de Filologia e Língua Portuguesa, para exercer a coordenação da Área, cargo que ocupei até 2005.

Atuei como coordenadora da Área de Filologia e Língua Portuguesa no período de agosto de 2002 a outubro de 2004 (doc. 98). Durante esses dois anos, a atividade administrativa tomou parte significativa de meu tempo, por isso, considero importante resumir algumas de minhas principais ações. Destaco a organização de bancas e comissões julgadoras de concurso e processos seletivos. Nesse período, a Área de Filologia e Língua Portuguesa realizou oito concursos (houve oito aprovados) e nove processos seletivos, sendo seis para claros temporários. Foram quatro claros concedidos pela Reitoria, concedidos depois da greve de alunos (2002), um claro decorrente de demissão de um docente, outro resultante da aposentadoria de um dos colegas. Dois concursos tiveram editais reabertos por não ter havido aprovados. Dois outros concursos tiveram como candidatos professores da casa que se submetiam, pela segunda vez, ao processo, para, já como doutores, saírem da condição de “precários” e passarem à de “nomeados”. Os processos seletivos para os claros temporários foram realizados continuamente para que as atividades da Área não sofressem solução de continuidade por causa da falta de docentes. O tempo e o trabalho investidos nesse processo foram significativos: a elaboração de documentos, a formação de bancas e o próprio funcionamento do processo de concurso não são tarefas simples de se realizar. O resultado de todo esse trabalho foi positivo, porque a Área de Filologia e Língua Portuguesa (AFLP) ampliou seu quadro de professores e funcionou de modo eficiente.

Além disso, atuei, como suplente, mas com efetiva participação, na Comissão de Graduação, para ajudar a solucionar difíceis problemas do curso (doc. 99). Um deles relativo à concessão, ou não, do acréscimo da Habilitação de Língua Portuguesa ao currículo de alunos ingressantes pelo art. 67 (como portadores de

diploma de cursos superior), ou por transferência externa. Antes da reforma do Curso de Letras, alunos de transferência externa ingressavam diretamente nas habilitações, em geral as de menor concorrência, como os de línguas orientais, ou de algumas modernas, para as quais sempre sobravam vagas. Esses ingressantes, depois de conseguirem a vaga, solicitavam o direito de ter o diploma de Português. Ocorria, entretanto, que não havia vagas na habilitação de Língua Portuguesa, que depois de receber 849 alunos ingressantes pelo vestibular da FUVEST, não tinha a menor condição de ampliar seu contingente de alunos, sem ampliar significativamente seu corpo docente e melhorar suas condições espaciais e materiais de funcionamento. Esse foi um problema difícil que intermediei e que exigiu da Comissão de Graduação e da Área de Filologia e Língua Portuguesa muitas horas de reflexão e trabalho. A resolução do problema foi a de aceitar aqueles alunos e a de regulamentar, por meio de portaria, a entrada dos novos que viessem a participar do processo de transferência interna ou externa. A chegada dos 367 alunos causou, durante algum tempo, certo incômodo, porque as turmas ficaram ainda mais cheias, as salas ficaram ainda mais lotadas.

Outras tarefas inerentes à atividade do coordenador que, igualmente, exigem investimento de tempo e dedicação, são a emissão de pareceres diversos, como os de aproveitamento de estudos, de revisão de processos de jubilação etc., e, mesmo, os de pedido de revalidação de diplomas estrangeiros. Deixarei, contudo de historiar os fatos mais corriqueiros por considerar já suficientes os citados.

Essa exposição mostra como comecei a desempenhar a gestão acadêmica, emprestando horas de meus dias de docente-pesquisadora a tarefas que, embora “roubem” o tempo de pesquisa, têm de ser realizadas em benefício da vida universitária. Penso que essa foi uma excelente oportunidade para aprender um pouco a lidar com problemas administrativos na USP.

A coordenação pelo DLCV

Depois da coordenação da área, fui indicada pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), no começo de 2005, para atuar como membro suplente diante da Comissão de Graduação (CG), quando a Prof.^a Dr.^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dik era a titular (doc. 96). Participei das atividades da Comissão nas ausências da titular. Com a aposentadoria da Prof.^a Vicentina, em 2007, o Departamento achou por bem indicar-me como membro titular daquela

Comissão, para o triênio 2007-2010. Permaneci, então, como representante do DLCV (ou, na terminologia atual, como Coordenadora de Curso), tendo sido reconduzida uma vez, para o triênio 2010-2013. De conselheira coordenadora, passei, por eleição, a exercer a presidência da Comissão de Graduação da Faculdade.

A Comissão de Graduação é formada por coordenadores de cursos (no caso da FFLCH, por exemplo, História, Geografia, Ciências Sociais), por coordenadores de conjuntos de Habilitações (por exemplo, de Português, Grego e Latim; de Linguística; de Línguas Modernas) e por um coordenador do Curso Básico de Letras. Esses coordenadores têm a função de organizar os cursos ou habilitações a que estão ligados, com base nas diretrizes estabelecidas pela Comissão e pelo Conselho de Graduação (CoG), da Pró-Reitoria de Graduação. O coordenador de curso/habilitações é responsável pela divulgação, no seu âmbito de atuação, de todas as informações relativas ao andamento da política acadêmica, pelo desenvolvimento das atividades referentes ao desenvolvimento da política acadêmica (matrículas, projetos, bolsas, avaliações etc.) e pelo cumprimento de prazos exigidos para o desenvolvimento de todas as ações da graduação. Essas eram, então, as minhas funções como representante do DLCV na CG. Essas tarefas foram por mim cumpridas quando estava apenas na função de coordenadora das habilitações do DLCV. (doc. 400)

Também como representante do DLCV, participei da Comissão Interunidades de Licenciatura (CIL). Essa Comissão foi formada para implantar na Universidade o Programa de Formação de Professores da USP (PFPU SP), que visou a atender à exigência da Resolução 02/2002 do Conselho Estadual de Educação. Por tal Resolução a USP, assim como todas as instituições de ensino superior que tinham e têm cursos de licenciatura, deveria integrar as licenciaturas aos bacharelados, pela inclusão de disciplinas e conteúdos relacionados ao ensino. O objetivo dessa nova orientação era o de acabar com o modelo antigo, pelo qual o aluno cursava o bacharelado em três anos e somente no último partia para os conteúdos de licenciatura, ficando, assim, a maior parte de sua formação sem contato com os assuntos do ensino.

Para muitas unidades da USP esse projeto não causou problemas, porém, para a nossa Faculdade, a FFLCH, especialmente para o Curso de Letras, esse foi um assunto difícil desde que foi anunciado, em 2004. Ocorria que, por princípio, os docentes, exceto os do Departamento de Letras Modernas, não aceitavam a inserção da licenciatura e resistiam à implantação do Programa. Foram muitas as discussões sobre o tema e a resposta acerca da implantação ou não da licenciatura era sempre negativa.

Foi nesse contexto que, em 2007, enfrentei a situação, quando assumi o encargo de representar o DLCV na CIL. Aos poucos, contudo, fui, de um lado, argumentando com os colegas sobre a inexorabilidade da implantação do Programa, que decorria de força de lei; de outro lado, fui mostrando-lhes que a inclusão da licenciatura não implicava, como tantos pensavam, transformar o Curso de Letras em um curso de metodologia e didática de ensino de línguas. Além disso, procurei fazer todos compreenderem que, se não cumpríssemos a lei, nosso curso não seria reconhecido pelo CEE e, assim, todos os alunos envolvidos com a licenciatura, cerca de dois mil, seriam prejudicados.

A implantação do PFPUSP implicava, basicamente, as seguintes ações: 1. a criação de uma disciplina, de 4 créditos – 60 h/aula, de interface com o ensino. Então, criamos, a Prof.^a Maria Lúcia Andrade e eu, no programa de português, a disciplina “Língua, discurso e ensino”;¹¹ 2. a implantação de um modelo que pudesse acolher as Atividades Acadêmico, Culturais e Científicas, que os alunos têm de cumprir, no total de 200 horas. Foram criadas quatro disciplinas especiais no sistema Júpiter, para registro das horas cumpridas. Nesse caso, orientei a criação das disciplinas na plataforma Moodle, para acompanhamento das atividades apresentadas pelos alunos; 3. criação da disciplina Atividades de Estágio, para que o aluno pudesse cumprir 100 horas de estágio. Para o curso de Português, argumentei com a CIL que o programa dessa disciplina seria voltado à programação de aulas, atividades de ensino, sequências didáticas e preparação de instrumentos de avaliação. A Comissão se convenceu de minhas razões. Desse modo, as primeiras 100 horas de estágio, são voltadas à preparação do aluno para enfrentar a sala de aula, mas o aluno de Letras não vai às escolas, nem para observar nem para ministrar aulas; 4. indicação das disciplinas do currículo que, de algum modo, tocassem em questões de ensino para compor a parte do currículo voltada a aspectos de ensino. Essas ações foram iniciadas por mim e têm sido completadas pela Prof.^a Dra. Maria Inês Batista Campos, que me substituiu na representação frente à CIL.

Paralelamente às ações desenvolvidas nesses quatro eixos, a estrutura curricular do Curso de Letras teve de passar por uma imensa reforma, para que na grade coubesse a disciplina de interface, que é de oferecimento obrigatório no terceiro semestre. Então, juntamente com o chefe do Departamento na época, o Prof. Dr. João Roberto Faria, propusemos e aprovamos a flexibilização do currículo.¹² Essa flexibilização foi referente à diminuição de horas de algumas disciplinas obrigatórias (de 4 créditos teóricos, para 2 teóricos e 1 prático) e a ampliação

¹¹ Outras disciplinas foram, aos poucos, sendo criadas em outras áreas do DLCV e, também, nos outros departamentos..

¹² A execução desse trabalho foi exclusivamente de João Roberto.

do leque das disciplinas optativas eletivas. Desse modo, o aluno teria mais possibilidade de fazer um curso mais afinado com seus objetivos, cursando, por exemplo, mais disciplinas de língua que de literatura e vice-versa. Ficou, assim e finalmente, a licenciatura definitivamente implantada no Curso de Letras.

Hoje, a minha proposta, como Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas é avaliar do modelo implantado para procedermos aos ajustes necessários ao Curso como um todo – bacharelado e licenciatura – sempre visando à qualidade da graduação.

A presidência da Comissão de Graduação (CG)

Enquanto exercia a atividade de representante do DLCV, o presidente da Comissão de Graduação era o Prof. Dr. Roberto Bolzani, do curso de Filosofia. O Prof. Bolzani foi presidente por dois mandatos, de 2005 a 2009. Ao final de sua gestão, ele me apresentou ao grupo de Conselheiros da CG como uma candidata adequada para exercer a função de presidente, e eu fui, então, eleita por unanimidade. A princípio resisti ao convite de Bolzani e dos colegas para candidatar-me, mas diante do apelo dos colegas e, também da situação, pois era naquele momento o conselheiro de mais experiência em gestão de curso, aceitei o desafio de representar, não somente o DLCV, mas a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Como vice-presidente permaneceu o Prof. Dr. Jorge Almeida, que fez parte da gestão do Prof. Bolzani e que podia, portanto, ajudar-me a conduzir a Comissão. Exerci a presidência, na primeira gestão, de 2009 a 2011, e fui reeleita em 2011, também por unanimidade, para um mandato que terminou em 2013. (doc. 403)

A Comissão de Graduação (CG) exerce importante papel institucional na Faculdade, juntamente com o Serviço de Assistência ao Ensino de Graduação (SVASENG), o Serviço de Alunos e as Seções de Alunos de cada Curso, por tratar diretamente de assuntos relativos à parte acadêmica dos cursos da Faculdade. Além da análise curricular e da movimentação dos estudantes pela Faculdade, a CG gerencia os programas emanados da Pró-Reitoria de Graduação, que, é bom ressaltar, são de grande interesse para toda a comunidade da FFLCH.

O Presidente da CG é membro do CoG, órgão central da administração da Universidade, cujo objetivo é estabelecer a política para o desenvolvimento e

aperfeiçoamento dos cursos de graduação da USP. Do ponto de vista de cada Unidade, o papel do presidente de CG é apresentar e defender ideias e princípios estabelecidos pela Congregação e lutar para conseguir os benefícios a que a Unidade faz jus.

Na primeira gestão, além das atividades de rotina a respeito da análise da vida acadêmica de estudantes (matrículas, trancamentos, transferências internas etc.), cuidei de administrar as discussões a respeito de temas importantes para a Faculdade e para a Universidade, como, por exemplo: a participação da USP no ENADE (sempre rejeitada na USP); a transformação das semanas da páscoa e da pátria, hoje períodos de recesso escolar, em período letivo regular, para o desenvolvimento de atividades didáticas especiais, extraclasse (ideia que não foi aceita pela Congregação da FFLCH e que, também, não foi aprovada no CoG); a metodologia de registro da frequência dos alunos nas salas de aula, dentre outros tantos temas que, embora aparentemente simples, desencadeiam discussões acirradas entre os docentes.

Ao presidente das Comissões de Graduação cabe, também, emitir pareceres em processos oriundos da Comissão Curricular e do Vestibular (CCV). Nesse caso, são pareceres complexos, como aqueles referentes à criação e reconhecimentos de cursos, alteração de estruturas curriculares dentre outros. Outros tantos pareceres, mais simples, mas também muito mais numerosos, são referentes à criação de disciplinas optativas e às pequenas alterações em estruturas curriculares. Foram inúmeros pareceres dados durante as duas gestões que exerci frente à CG/FFLCH...

A condução dos projetos emanados pela Pró-Reitoria de Graduação é outra atividade do presidente da CG. Todos os projetos são alocados na página do presidente, no sistema Júpiter (no Jupiterweb). Cabe a ele examinar os projetos apresentados pelos docentes, apresentá-los aos Conselheiros, para discussão, e, finalmente, é dele a ação de homologar os projetos. Depois, é a ele, também, que cabe administrar a inscrição dos alunos e, depois, a administração dos problemas que advêm de tudo isso: a desistência de alunos, os pedidos de substituição de alunos, os desligamentos de alunos, em decorrência de faltas etc.

Há projetos de dois tipos com os quais o presidente da CG deve lidar: 1. programas de bolsas para alunos; 2. programas de auxílio financeiro tanto para estudantes quanto para docentes e eventos dos cursos. Dentre os primeiros estão o Projeto Ensinar com Pesquisa (PEP) e o Projeto de Estímulo ao Ensino (PEEG), o Programa de Tutoria Acadêmico Científica; dentre os segundos estão o Pró-Lab, cujo escopo é o financiamento de laboratórios, o Pró-Info, voltado ao financiamento de equipamentos de informática, o Pró-Eve, cujo objetivo é financiar a participação de estudantes de graduação em eventos científicos no país,

o Pró-Int, voltado ao financiamento da participação de estudantes de graduação em eventos científicos, fora do país.

Quanto ao Projeto Ensinar com Pesquisa, cujo objetivo é atender a alunos de baixo poder aquisitivo, o presidente recebe a classificação de alunos, segundo o critério socioeconômico, para depois, organizar a lista a ser apresentada aos docentes (de todos os cinco cursos), que selecionam os alunos com os quais trabalharão. Em seguida, o presidente, indica no sistema a seleção feita pelo docente, aluno por aluno. Do mesmo modo, relativamente ao Projeto de Estímulo ao Ensino de Graduação (PEEG), há a fase de análise e homologação de projetos dos docentes, depois, a inscrição de alunos, a verificação da situação de cada aluno e, como esse é um projeto de mérito, a classificação dos alunos segundo a média ponderada de cada um no curso e, também a média do aluno na disciplina objeto do projeto.

Os programas Pró-Eve e o Pró-Int têm funcionamento mais independente da ação do presidente. Os alunos apresentam suas candidaturas nos Departamentos ou na Comissão de Internacionalização e esses órgãos as encaminham à CG para análise e deliberação. Cabe ao presidente examinar todas as solicitações, classificá-las e apresentar o relatório dessa análise aos Conselheiros. Esses, depois de tudo examinar, dão o veredito final, deferindo ou indeferindo os pedidos. Finalmente, a CG encaminha os pedidos deferidos à tesouraria, para as providências cabíveis.

Há, também, além desses programas fixos, os ocasionais. Atualmente estão em execução dois desses: o Pró-Ed, cujo objetivo é financiar a readequação dos espaços didáticos, e o INOVALAB, que visa a financiar laboratórios inovadores direcionados ao ensino de graduação.¹³

Pelo Programa de Recuperação de Espaços Didáticos (Pró-Ed), foram concedidos à FFLCH R\$3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil reais), o maior montante atribuído a uma Unidade de ensino da USP. Vale dizer que, tradicionalmente, as verbas concedidas à FFLCH passavam por uma espécie de “filtro”, sempre constituído pelo estabelecimento de um limite, um teto que nos tirava em média 40% dos valores a serem pagos. Isso acontecia porque, por todos os critérios elegíveis para a distribuição das verbas, a FFLCH receberia o maior montante, fosse por número de alunos, fosse por matrículas em disciplinas ou, por número de créditos, já que nenhuma outra Unidade tem os mesmo números que nós. Dessa vez, todavia, reuni forças para argumentar contra tal injustiça, pois se a Faculdade é a que movimenta mais estudantes e docentes tem de ter recursos compatíveis com seu tamanho e, portanto, tem de receber o que lhe é devido. Desse modo, o que foi matematicamente calculado foi destinado à FFLCH.

Toda a condução da readequação dos ambientes didáticos, pelo investimento

¹¹ Os editais destes programas encontram-se em www.prg.usp.br.

da verba ficou sob a responsabilidade da Comissão de Graduação e da Direção da Faculdade. Assim, coube ao presidente organizar os trabalhos: 1. obter os projetos de reforma dos cursos (etapa já realizada); 2. providenciar os orçamentos e o cronograma físico-financeiro da obra (etapa em andamento); 3. montar a comissão de acompanhamento dos trabalhos (etapa já providenciada junto à Direção); 4. solicitar a liberação da verba, primeiro pela apresentação do orçamento, primeira parcela, depois, pela apresentação dos relatórios das etapas realizadas, até a finalização dos trabalhos. De comum acordo com a Prof.^a Dra. Sandra Nitrini, diretora da Faculdade, na ocasião, a primeira etapa da reforma será feita no prédio de Letras. Embora tudo o que se refere à organização tenha ficado pronto, infelizmente, esse programa não deslanchou ainda na FFLCH, por causa de empecilhos burocráticos.

O Programa Pró-Inovação do Ensino Prático de Graduação (INOVALAB) destina a cada Unidade da USP um montante de R\$500,00 mil reais para financiamento de projetos inovadores para o ensino de graduação. Toda a condução desse programa ficou sob a responsabilidade do presidente da Comissão de Graduação. Assim, no âmbito da Unidade, cabe à CG: 1. divulgar o Programa; 2. orientar os docentes que se interessarem pela preparação dos projetos; 3. obter os projetos dos diversos cursos, para seleção dos melhores; 4. formar comissão ad hoc para avaliação dos projetos; 5. apresentar à Congregação os projetos selecionados. À Direção da Unidade coube encaminhar os projetos selecionados à Pró-Reitoria. Esse processo está em curso e eu já o conduzi até a segunda etapa. Dos três projetos encaminhados à Pró-Reitoria, dois foram selecionados e receberam o financiamento para a execução dos projetos.

Outras tantas atividades são próprias do presidente da CG, mas penso que as relatadas até aqui são suficientes para caracterizar as atividades que desempenha.

Passo, então, a relatar as minhas atividades como assessora técnica da Pró-Reitoria de Graduação.

A Assessoria Técnica da Pró-Reitoria de Graduação (PRG)

Fui convidada, pela Professora Telma Maria Tenório Zorn, Pró-Reitora de Graduação (PRG), em fevereiro de 2010, a exercer a função de Assessora Técnica. O convite, disse-me na ocasião a Professora Telma, decorria de minha atuação

como representante do DLCV na CIL, quando da implantação do Programa de Formação de Professores no Curso de Letras, como antes relatado e, também, de minha atuação à frente da CG da FFLCH.

Eu não conhecia a Professora Telma e, segundo o que ela me disse, me nome havia sido recomendada pela Professora Selma Garrido Pimenta, antiga ocupante do cargo de Pró-Reitora, com quem eu havia trabalhado no CoG, como presidente da CG. Fiquei surpresa com o convite, que não aceitei de pronto. Voltei para casa com o problema na cabeça. O convite era um reconhecimento de meu trabalho, o que era bom, mas seria mais uma atividade em minha vida, o que era demais... Mas eu confesso que fiquei tentada a aceitar o convite por entender que seria uma excelente oportunidade de trabalhar com mais condições pela FFLCH. Além disso, a nova Pró-Reitora pareceu-me uma pessoa honesta, cheia de bons planos para a USP, e, também, muito simpática, o que era, também, bom. A dúvida era mesmo relativamente à quantidade de trabalho que poderia vir pela frente, em acréscimo aos tantos outros de que já era responsável.

Em conversa com a Prof.^a Maria Amélia, ex-ocupante do cargo que estava a mim oferecido, o de assessora técnica, e quem havia, diretamente, citado meu nome para a Prof.^a Telma, ouvi o seguinte: “acho que você pode contribuir muito para o andamento dos trabalhos da graduação da USP, mas pense bem se isso cabe na sua vida...”. Fiquei ainda mais na dúvida, minha vida já estava bem cheia, parecia não caber mais nada nela. Discuti com meu marido: aceito ou não aceito? Sem o apoio dele, nada feito, pois as atividades tomam noites inteiras, fins de semana e feriados a fio. Ocorreu que ele não se opôs, ao contrário, disse que, se eu aceitasse, teria sua solidariedade, pois entendia que o convite era um reconhecimento ao meu trabalho. A recompensa financeira não contava, porque, como Presidente de CG, já recebia a verba de representação a que um docente tem direito, em acréscimo a seus vencimentos básicos; a questão era somente pensar se valia a pena oferecer um pouco mais do meu tempo à Universidade que tanto já me ofereceu e que naquele momento precisava de mim. Aceitei.

Na PRG, comecei trabalhando somente com as atividades da Licenciatura. Primeiro, reuni dados de todas as licenciaturas, a fim de verificar a situação de cada curso. relatei tudo o que encontrei à Pró-Reitora e indiquei as ações a serem tomadas quanto aos problemas encontrados. Depois, estabeleci contato direto com o atual presidente da CIL, o Prof. Dr. Paulo Sano, do Instituto de Biologia, o que foi fundamental, pois pude ficar mais livre em relação às ações a serem desenvolvidas para os cursos de Licenciatura.

Com o tempo, aproximei-me mais da Professora Telma com quem me

identifiquei muito e passei a desenvolver atividades mais amplas e com as quais tinha total envolvimento: criação de projetos, de programas e resolução de problemas. Para isso, trabalhei muito online, diretamente com a Pró-Reitora, discutindo soluções para alguns problemas e criando projetos de valorização e qualificação da graduação. Foi um tempo duro, de muito trabalho, mas de muita satisfação pelos resultados conseguidos. (doc. 268)

Desse modo, participei diretamente da criação dos programas que nasceram nessa gestão e que estão em vigor: o PEEG, o Pró-Ed, o Inovalab, o Programa de Tutoria, o Pró-Ensino antes citados quando tratei de minhas ações como presidente da CG.

Pela Licenciatura, trabalhei em um projeto arrojado que era o da criação de um Centro de Apoio ao Estudante de Licenciatura. O objetivo do Centro seria o de qualificar mais o estudante de graduação, apoiando com bolsa o aluno que se dispusesse a dedicar-se à licenciatura em tempo integral, cumprindo o curso no tempo regulamentar e frequentando atividades acadêmicas e culturais, oferecidas pelo centro ou, por ele indicadas aos estudante. A minuta do projeto foi apresentada ao presidente da CIL e ao presidente da Comissão de Graduação da Faculdade de Educação, Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo Moura, que aprovaram a ideia e se dispuseram a contribuir para sua implementação. Não obstante todo esse envolvimento, a CIL não foi célere na análise do documento e o tempo que restou à atual gestão da USP não permite mais que se inicie um projeto grande como esse. Pena! Fica a ideia para os futuros dirigentes.

Como assessora técnica, tinha, também, a oportunidade de discutir com a Pró-Reitora e com a equipe técnica da Pró-Reitoria assuntos de interesse da graduação da USP e da FFLCH, como, por exemplo, o funcionamento da matrícula e do sistema Júpiter. O resultado de tais discussões foi a criação de GTs que estudaram e levaram ao Conselho assuntos fundamentais para o funcionamento acadêmico dos cursos, tais como: aperfeiçoamento do sistema de recuperação da Universidade; aperfeiçoamento do sistema de matrículas pelo sistema júpiter (por exemplo, inserção das disciplinas optativas em todas as interações de matrícula); implantação, no sistema júpiter, das estruturas curriculares das duplas habilitações do Curso de Letras; reavaliação do tempo de permanência do aluno na Universidade (caso de alunos reingressantes); eliminação do trancamento injustificado de disciplinas etc.

São ações assim que recompensam o trabalho de quem quer ver a USP sempre melhor.

Termino esse relato lembrando que talvez por ter desenvolvido bom trabalho na Pró-Reitoria e, também, por ter conquistado a confiança da Pró-Reitora fui designada, por portaria, como sua 1ª substituta. Concluo essa parte registrando a minha admiração pela Prof.^a Telma, por sua imensa força, capacidade de trabalho e

envolvimento com todos os assuntos da graduação. Terminei essa parte repetindo o que a própria Telma diz a respeito do resultado de nosso convívio pois, ultrapassamos a barreira profissional e nos tornamos “amigas-irmãs”. (doc. 269)

A Chefia do DLCV

No final da gestão da Comissão de Graduação fui consultada por João Roberto – colega, amigo e companheiro de labuta na gestão acadêmica pelo DLCV e pela FFLCH/USP – sobre a possibilidade de vir a chefiar o DLCV, cargo que ele exerceu até fevereiro de 2013, tendo como suplente a Professora Ieda Maria Alves, minha colega de área e querida amiga.

No segundo semestre de 2012 João estava nos EUA em período de pós-doc e a Ieda estava como chefe em exercício do DLCV. Mesmo estando fora, João foi o segundo candidato mais votado por ocasião da eleição para Diretor da Faculdade, em outubro, o que o habilitou, automaticamente, a candidatar-se ao cargo de vice-diretor, ao que foi efetivamente eleito, em dezembro. Tendo acontecido tudo isso, e Ieda não tendo interesse em candidatar-se ao cargo de chefia que ficava vago com a saída de João, veio o convite para que eu, pela experiência que acumulara em gestão acadêmica me candidatasse ao cargo. João me disse que a Ieda concordava com a ideia e que alguns colegas haviam espontaneamente sugerido o meu nome. Realmente, com a notícia da vacância do cargo, vários colegas me fizeram diretamente essa sugestão.

João assumiria o cargo de vice-diretor em fevereiro e a eleição para a chefia do DLCV teria de acontecer até quinze dias depois da vacância. Nessa ocasião, janeiro/fevereiro de 2013, eu estava em Paris, em uma missão de estudos e trabalho. João e Ieda organizaram a eleição, eu enviei uma carta aos colegas falando da aceitação da candidatura, a que me lançava, tendo como suplente a Professora Paula Correa, da Área de Grego. Assim, concorri à eleição, realizada no dia 19 de fevereiro, à distância. Fui eleita por unanimidade e agora estou completamente envolvida com o universo do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. (doc. 402)

Como iniciei o trabalho nos últimos dias de fevereiro, no dia 26, ainda estou em fase de “reconhecimento de terreno”, para fazer, de comum acordo com os colegas, um plano de ação para o biênio. A minha experiência na Comissão de Graduação, porém, habilita-me a tomar imediatamente algumas providências para melhorar a qualidade do trabalho realizado pelos docentes e funcionários do DLCV.

Dentre essas providências destaco a reorganização da secretaria, pela

distribuição de tarefas específicas e fixas para os funcionários, a fim de evitar que sejam cometidos erros no preenchimento de documentos e atrasos no envio de informações do Departamento a outros setores da Faculdade ou da Universidade. Enfim, para que o Departamento trabalhe com mais eficiência.

Quanto ao funcionamento das Áreas, sugeri ao Conselho Departamental, que aceitou imediatamente, que a proposta de distribuição de aulas saísse do Departamento, a fim de se evitarem problemas recorrentes, como: erros na atribuição de aulas, criação indevida de turmas (a menos ou a mais), turmas lotadas, ou turmas muito vazias, pouca oferta de disciplinas optativas etc. Desse modo, preparamos - a Paula e eu, com a colaboração da Prof.^a Giuliana Ragusa - a distribuição ideal de disciplinas de todas as áreas do Departamento. As planilhas foram enviadas aos coordenadores e esses, em reunião com seus pares, analisaram-nas e as apresentaram ao Departamento a contraproposta da Área, caso a distribuição sugerida não possa ser praticada em razão de problemas internos, como licenças prêmio, ainda não comunicadas ao Departamento.

Para que esse trabalho fique bem equilibrado e racional, solicitei das áreas, logo na primeira reunião do Conselho, a previsão de afastamentos e licenças, para que o Departamento possa trabalhar, em tempo hábil, com a solicitação de professores substitutos (em casos de afastamentos e licenças gestante). Para as licenças prêmio, para as quais não há a possibilidade de solicitação de professor substituto, também, as Áreas devem ter uma previsão, para, assim, trabalhar equilibradamente a distribuição de aulas a cada semestre.

O próximo passo a ser dado no sentido de se elaborar um planejamento coletivo do trabalho do Departamento será o de solicitar de cada Área um estudo de seu funcionamento atual, para avaliar o que vai bem e o que deve mudar. Essa análise deverá ser apresentada oralmente no Conselho, e por escrito ao Departamento, para que todos possam colaborar com a área alheia. Ouvidas todas as Áreas, a chefia deverá elaborar o plano bienal do Departamento, com objetivos, metas e ações que favoreçam a todos.

É preciso dar mais corda à pipa para ver a altura que ela pode alcançar.



Último ato

A razão de nosso
trabalho é o OUTRO.

Voltar o olhar para a minha trajetória provocou em mim sensações controversas, de angústia e de satisfação. Angústia por imaginar que poderia ter feito mais e não fiz... podia ter participado de mais congressos, ter escrito mais textos, ter sido mais produtiva, ter ... mais. Satisfação por ter conseguido, dentro de minhas possibilidades, algum sucesso no que me propus a fazer. Primeiro, a mudança com a família, de uma cidade do interior da Bahia para São Paulo, para começar uma vida nova, e nisso tivemos êxito. Também por ter cumprido satisfatoriamente a etapa do mestrado e, depois, a do doutorado com mais segurança, e pleno sucesso. Os concursos prestados para o ingresso na USP, com honra e galhardia. A atividade como docente e pesquisadora desenvolvida a contento. A realização do concurso de livre-docência com pleno êxito. A progressão na carreira, para Associado 3, motivo de reconhecimento do trabalho realizado. A oportunidade da titularidade....

A construção deste caminho, bem sei, não foi fácil. No percurso, houve de tudo: muito esforço pessoal, contribuição de amigos, mas, também, percalços. Esses, deixo-os à margem. A contribuição, sim, é importante e vale ser lembrada: toda a história relatada neste memorial mostra com clareza que três pessoas foram sempre o motor de minha história.

Inicialmente quero lembrar o Professor Dino Preti, que desde o primeiro contato e acreditou em meu potencial e me incentivou a enfrentar a carreira da USP. Não é demais lembrar o tempo que trabalhei com ele na monitoria do Projeto NURC, depois o convite para que eu integrasse o grupo de pesquisadores do projeto, ainda quando era estudante e, depois, recém-chegada ao quadro docente da universidade. Mais tarde, o convite para trabalhar como secretária do projeto e, posteriormente, como co-coordenadora. Até alguns gestos, pequenos, se vistos sob a perspectiva de hoje, foram na época em que aconteceram muito significativos para mim: um fato marcante, por exemplo, foi a concessão da chave da porta da sala do Projeto NURC, quando ninguém a tinha. Sei que isso representou total confiança na minha pessoa e em meu trabalho. Lembrando todas as etapas de minha vida acadêmica, ouço a voz firme e incentivadora do Prof. Dino: “siga em frente”. Na época do doutorado, não foram poucas as discussões que tivemos sobre o tema e o andamento da tese que desenvolvia, e, muito mais que isso, devo-lhe a gentileza de ter lido várias vezes o meu trabalho. Todos sabemos o quanto um gesto desse é significativo, não somente pelo tempo despendido na leitura (o que já é grande coisa, tendo em vista os milhares de compromissos que nos consomem) como

também pelas preciosas indicações teórico-metodológicas que alguém do peso e representatividade de um professor como ele pode fazer. Da convivência com o Prof. Dino, além de tudo o que aprendi em termos de conteúdo e de metodologia da pesquisa, sou beneficiária da convivência com um ser humano digno e íntegro, fiel a seus princípios, dos quais jamais vi transigir.

Com muita alegria, posso, dentre os meus amigos queridos, falar também da Professora Diana Luz Pessoa de Barros, de quem, infelizmente, não tive a felicidade de ser aluna, mas tive a felicidade de tê-la como colega e amiga, e de quem sempre ouvi sábios conselhos. Com certeza, o leitor deste relato percebeu o quanto Diana foi importante para mim e para a minha carreira, porque também acreditou que eu podia corresponder à expectativa que em mim depositava. Convidou-me, primeiro, para participar do Projeto História das Ideias Linguísticas do Brasil (HILB), algum tempo depois que concluí o doutorado. Diana também confiou que eu poderia cumprir com eficiência o período de pós-doutorado na França, usando uma das bolsas concedidas aos pesquisadores do grupo do HILB. O fato de ter apresentado a tese de livre-docência relacionada ao trabalho que desenvolvi no quadro desse projeto, sinto que, de certa forma, correspondi à expectativa que depositou em mim naquela época. Por mil outros motivos sou grata à Diana e trabalhar com ela é sempre produtivo e divertido. Sorte a minha de tê-la como colega e amiga.

Outro amigo e companheiro de luta pela qualificação da graduação, especialmente do Curso de Letras, é João Roberto Faria, que sempre confiou em meu trabalho, deixando sob minha responsabilidade missões importantes do Departamento. É a ele que devo a oportunidade de ter trabalhado na gestão acadêmica do Departamento, da Faculdade e da Universidade, pois tudo começou pela indicação de meu nome como sua representante nos órgãos pelos quais passei. Foram muitas e longas conversas que tivemos, também nos finais de semana, pelo telefone, ou por mensagens eletrônicas, sobre as questões que envolviam o Departamento e a Faculdade. Por último, a demonstração de confiança no apoio a minha candidatura à chefia do Departamento, a que espero, mais uma vez, corresponder. Fica, então, registrado o meu agradecimento ao João.

Esses e outros fatos que ficaram registrados na minha história mostram como os amigos-colegas e colegas-amigos são importantes em minha vida. A todos, então, preciso declarar o meu reconhecimento e profundo agradecimento. Não quero ser injusta com ninguém e reconheço a contribuição de tantos outros colegas tanto para a minha vida pessoal quanto para a minha carreira, mas esses, justiça seja feita, estiveram sempre perto de mim.

Quanto à minha atuação profissional, procurei, neste memorial, relatar os fatos

mais relevantes dos principais aspectos de minha trajetória acadêmica: a docência na graduação e na pós-graduação, a pesquisa e a gestão institucional.

Na docência de graduação, procurei falar do cuidado que o professor deve ter com o aluno, o que é revelado pela seleção e preparação do conteúdo, ou seja, o método pelo qual os conteúdos são oferecidos ao estudante. Além disso, quis mostrar que esse cuidado se revela pelo acompanhamento da aprendizagem, feita por meio de exercícios e avaliações, sempre devolvidas ao estudante com os comentários que lhe possibilitem refletir sobre seu aproveitamento.

Na docência da pós-graduação, a situação não é muito diferente, embora a força da ação docente, conforme procurei relatar, seja mais centrada nos conteúdos e na orientação dos estudantes para a realização de suas pesquisas. O resultado desse trabalho deve ser, necessariamente, medido pelo envolvimento intelectual dos participantes dos cursos com os temas apresentados para discussão, o que pode ser conferido a cada sessão de aula e, ao final, pela monografia apresentada. Em geral, os estudantes mais maduros sabem usar os conteúdos aos quais foram expostos durante o curso em benefício de seus próprios interesses científicos, produzindo trabalhos que possam ser inseridos nos contextos de suas dissertações ou teses. Com essa visão, procuro primeiro orientar e depois avaliar os estudantes que passam por meus cursos, oferecendo-lhes o que penso ser mais benéfico e produtivo para a atividade acadêmico-científica a que se submeteram. São esses os princípios que norteiam meu trabalho de formação de pessoal, aqui apresentado.

Na pesquisa, o relato que fiz pretendeu mostrar não a produtividade pela quantidade de textos publicados, ou em vias de publicação, mas, e principalmente, a qualidade de um trabalho integrado ao ensino, de graduação e pós-graduação. Chamo a atenção para o fato de a minha pesquisa ter, desde o princípio da carreira, uma “espinha dorsal” constituída pelos conceitos de uso e de norma linguísticos, percebidos pelo discurso e texto, com todas as implicações deles decorrentes. Assim, ficam, de um lado, articuladas as pesquisas da linha 1, centradas na oralidade, mesmo na transversalidade com a “escrituralidade”, com a docência na graduação, pelo ministério da disciplina Introdução ao Estudos de Língua Portuguesa II, cujo escopo é a oralidade em sua realização em textos de diversos gêneros, e com as disciplinas de Teorias do Texto, centradas no estudo das teorias pelas quais se pode compreender e analisar o discurso e o texto; de outro, as pesquisas da linha 2, distantes daquelas da linha 1 pelo enfoque historiográfico que têm, mas delas próximas pelo ponto de partida conceitual de ambas, o uso e norma linguísticos, apreendidos no discurso e no texto.

A exposição de minhas atividades de gestão acadêmica visou a revelar o

engajamento e compromisso que tenho mantido com a vida universitária, por estar convencida de que somos nós - docentes, alunos e funcionários - que fazemos a Universidade. Os fatos selecionados para a narração podem não ter sido os mais interessantes que alguém pode apresentar, mas foram os mais relevantes na vida de quem valoriza o que faz.

Volto à angústia fundadora da existência, porque ela nunca me abandona, e me pergunto: o que fiz esse tempo todo, afinal? Descobri, depois de refletir longamente, instigada pelo princípio “conhece-te a ti mesmo”, que aprendi a aprender. E me sinto feliz por ter começado a aprender... acho que nunca vou terminar esse processo. O que fiz? Nesse tempo todo eu estudei, aliás, estudo, para fazer, do melhor modo que puder, o que tenho de fazer durante essa existência acadêmica, prazerosa e exigente. A “sensação de falta”, de que sempre algo está por fazer, talvez jamais seja aplacada, pois integra o DNA do pesquisador.

Então...enquanto houver tempo e força, haverá vontade de prosseguir nesse caminho que se descortina para mim.

São Paulo, 11 de junho de 2013.

Marli Quadros Leite

